

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



LEITURA E SUCESSO ESCOLAR: CAMINHOS PARA O FUTURO  
O CASO DE ARGANIL

Margarida Maria Lopes Custódio Fróis

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
Área de Especialização em Educação e Leitura

2005

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA  
EDUCAÇÃO

Faculdade de Psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade de Lisboa  
BIBLIOTECA

LEITURA E SUCESSO ESCOLAR: CAMINHOS PARA O FUTURO

O CASO DE ARGANIL

Margarida Maria Lopes Custódio Fróis

Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação e Leitura, orientada pelo Professor Doutor Justino de Magalhães.

2005

## **A Importância da Leitura na Construção do Futuro**

Era uma vez uma menina que vivia numa pequena aldeia perdida entre montanhas. O mundo estava muito longe e a menina só conhecia as pessoas da sua aldeia. Eram pessoas que trabalhavam nos campos, muito pobres. Naquela aldeia não havia livros. Poucas pessoas sabiam ler, mesmo aqueles que tinham aprendido a ler e a escrever na escola primária, não praticavam a leitura ou a escrita. Escreviam com muita dificuldade uma carta para os parentes que viviam na cidade, que tinham emigrado, ou estavam na guerra.

A menina detestou a Escola Primária. Os Professores eram pouco simpáticos e muito agressivos com a sua palmatória ou a cana com que partiam a cabeça aos meninos que não aprendiam ou se portavam mal. Os professores perdidos naquelas serranias eram também muito pobres. Viviam na aldeia e tornavam-se também aldeões. Como os pais da menina eram os únicos da aldeia que tinham telefone e uma mercearia de aldeia que vendia tudo, desde o petróleo avulso até ao "mercúrio" para as feridas, a menina era apesar de tudo uma menina rica, dentro de toda aquela pobreza. Tinha de fazer companhia à Senhora Professora que estava sozinha. Detestava este papel de companheira da professora. Detestava a professora, detestava a escola. No entanto lá ia aprendendo a ler e a escrever e a decorar toda aquela parafernália de rios, montanhas, linhas de caminho de ferro, etc. Horrível!

A senhora professora achou que a menina era muito inteligente e na quarta classe, falou com os pais da menina e disse-lhes que era uma pena que a menina não fosse estudar e que devia fazer a admissão aos liceus. Os pais ficaram muito contentes, porque gostavam que a sua menina fosse professora primária. A menina detestava as professoras primárias. Muito de má vontade lá foi fazer os exames de admissão aos liceus nos quais ficou aprovada com distinção. Mais uma razão para que fosse estudar. Tínhamos ali uma futura professora primária. A menina ficou furiosa e recusou-se terminantemente a ir frequentar o liceu que ficava na cidade mais próxima longe da sua querida aldeia. Os pais ameaçaram, obrigaram, mas foi em vão. A menina não queria ser professora primária e como não sabia que estudando poderia ser outra coisa, não quis arriscar. Ficou pela

sua aldeia onde não havia livros, mas a menina também não lhe sentia a falta porque não os conhecia. Conhecia apenas os pequenos livros onde aprendera a ler e que nunca lhes tinham despertado muito a atenção.

A menina ficou livre na sua aldeia para fazer aquilo de que mais gostava: saltar de pedrinha em pedrinha pelos riachos de água cristalina, ver os ninhos dos pássaros, ir com as mulheres que mondavam as searas ou apanhavam a azeitona, guardar as cabras e as ovelhas quando iam pastar, enfim viver a natureza no que ela tem de mais claro e cristalino.

Um verão a menina, já adolescente, foi passar umas férias a Lisboa a casa de uma tia, com os primos que tinham mais ou menos a mesma idade. Aí pôde tomar contacto com uma nova realidade. Falou com outras pessoas, com jovens da sua idade que estudavam. Viu livros nas montras das livrarias. Quando regressou viu que a sua aldeia afinal era uma triste aldeia, sem livros.

A menina lembrou-se então que na escola onde tinha estudado, havia uma estante com livros. A estante estava sempre fechada. Nunca tinha lido um livro daquela estante. Resolveu ir falar com a Professora que na altura leccionava naquela escola e perguntar-lhe se era possível emprestar-lhe livros daquela estante. Soube depois que aquela estante continha os livros da Biblioteca Popular, uma iniciativa do Estado Novo com o objectivo de desenvolver hábitos de leitura entre a população. Mas como leitura quer dizer, liberdade, novas ideias, imaginação, criatividade, era muito difícil que os hábitos de leitura se desenvolvessem num regime tão fechado e triste como era aquele. Por isso aquela estante se mantinha fechada e os livros não eram lidos.

A Professora era uma Senhora simpática que logo lhe deu autorização para a menina abrir a estante e escolher os livros que quisesse. Foi a descoberta de um mundo novo. Ali ela encontrou livros que não conhecia, alguns muito interessantes, outros demasiado chatos lhe parecia na altura, hoje diria que eram demasiado tendenciosos. A menina passou a ler sempre que tinha tempo e como tempo era coisa que lhe não faltava passou a ler muitas horas por dia. Aquela biblioteca rapidamente ficou exaurida do que mais interessante continha. Entretanto a menina descobriu que na vila próxima da sua aldeia, havia uma biblioteca da Gulbenkian. Que descoberta maravilhosa!

Ali, os livros eram às centenas, senão milhares. Romances, livros de aventuras, poesia. Eça de Queirós: *Os Maias*, *O Crime do Padre Amaro*, *O primo*

Basílio; Hemingway; John Steinbeck; Camilo; A Condessa de Ségur; Alexandre Dumas, Jorge Amado e muito, muito mais. Era um nunca mais acabar.

O problema é que alguns dos livros tinham uma fita cor de laranja para lá do meio da lombada. Esses, o senhor encarregado dizia que não lhes podia emprestar, porque eram só para adultos. Que chatice! Como é que poderia passar tal embaraço. A solução foi encontrar uma pessoa mais velha que requisitasse os livros como se fosse para si. Assim foi. Um amigo mais velho não se importou nada de a ajudar. Então aí é que foi ler!

A menina estava cada vez mais desgostosa de não estudar. Era um desejo tão forte! Mas como? Não tinha coragem de pedir a seu pai, pois ele ficou tão desgostoso quando ela se recusou a ir para o liceu. Outro problema era que agora teria de começar no primeiro ano, junto com os mais pequenos!

Numa noite de Natal como todos os anos a aldeia estava em festa. Fez-se o grande cepe de Natal no largo da aldeia. As filhós, o bacalhau com as batatas e couves, estavam prontas para a consoada. À meia-noite era a missa do galo. A menina agora já adolescente foi, como todos os anos à missa do galo. No final passou pela sacristia para cumprimentar o Sr. Padre. Este olhando para ela disse:

- Ó rapariga, não sei o que andas a fazer, mas foi criada uma nova escola na sede de concelho e tu bem que podias começar a frequentá-la. Há inclusive ensino nocturno, se não quiseses ir de dia.

Foi como se a noite escura de repente ficasse iluminada com o sol mais brilhante. Mas disse:

- Não sei se os meus pais vão concordar. Foi um grande desgosto eu não ter ido estudar quando eles queriam.

- Certamente que não se importam, disse o Sr. Prior. Ora vamos lá chamá-los e já falamos com eles.

Ao pai também se lhe abriram os olhos de alegria. Mas teria que ir estudar de dia, porque à noite havia o problema do transporte. Mais uma vez a menina foi inflexível. De dia não, recusava-se a ir estudar junto com os mais pequenos. Outro problema que logo surgiu foi a questão das matrículas. Estávamos em Dezembro, já só começaria no segundo período. Mais uma vez a vontade do Padre ajudou. Ele também dava aulas na Escola e como a menina/adolescente/rapariga, já tinha 18 anos, poderia propor-se a exame sem

estar matriculada. Assim foi. Em Janeiro mal começaram as aulas, o pai lá se resignou a pagar ao táxi que a transportava todas as noites, o milagre aconteceu.

Que maravilha que era todo aquele saber. Parecia que nenhum conhecimento lhe estava oculto. Todas as matérias do português à matemática, lhe pareciam familiares. Como, se ao longo daqueles anos só tinha lido ficção? Romances, aventura, biografias. Mas a verdade é que parecia que tudo aquilo lhe era familiar.

No final do ano fez todas as disciplinas do 1º ano com médias elevadíssimas. No final daquele ano já estava convencida a ir estudar de dia, mas continuar à noite. Era necessário recuperar o tempo perdido. Assim obteve autorização da Direcção da Escola para frequentar as aulas que entendesse e se propor a exame. Assim fez. Passados três anos frequentava já o ensino secundário (6º ano) e nunca mais parou de estudar, de aprender coisas novas para conhecer melhor o mundo, as pessoas e a natureza.

## **Agradecimentos**

Ao chegar ao fim da dissertação que construí para a tese que quero defender neste Mestrado em Ciências da Educação na Área da Educação e Leitura, sinto que o prazer que me dá a realização desta investigação compensa plenamente todo o sofrimento que a construção deste trabalho me provocou durante longos meses de pesquisa, reflexão, investigação no terreno, análise dos resultados e a procura constante de provas que me levassem às conclusões que a minha experiência e a minha sensibilidade me diziam ser verdadeiras.

Fica-me também o enorme prazer que me proporcionou o contacto com os jovens e a forma tão amável como me receberam e prontamente responderam às minhas questões.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram neste trabalho. Por vezes apenas com uma palavra amiga, tão importante em momentos de desespero, funcionando como uma tábua de salvação que se atira a um náufrago que já quase desistiu de lutar.

Outros de forma mais interveniente, em vários momentos do longo caminho percorrido.

Começo por agradecer ao Professor Doutor Justino de Magalhães pela paciência e disponibilidade com que orientou este trabalho.

Gostaria também de agradecer ao Professor Doutor Jorge do Ó e Professor Doutor Fernando Martinho, pelo muito que me ensinaram nas suas aulas.

Ao António Prole que me incentivou a frequentar este Mestrado.

Aos meus colegas de Mestrado pelos momentos muito agradáveis que aconteceram nestes dois últimos anos.

Aos entrevistados Maria João, Diogo, André, Sindy, Susana, Victor, Margarida, Cabo, Filipe, Joana, Vera, Carlos, Ana Filipa, Inês e Elsa.

Ao Prof. Fernando Antunes pela sua disponibilidade.

À Prof. Margarida Rosa pela ajuda e amizade.

À D. Gabriela pela ajuda no arquivo da Escola Secundária.

À Miriella e Leonor

Ao meu filho João Pedro "cobaia" nas entrevistas e ajuda fundamental na informática.

À minha filha Mariana pela colaboração.

Por fim ao meu marido, Eugénio, pelo seu incentivo e ajuda sem os quais eu não estaria aqui a escrever este texto.

## RESUMO

A realidade que constato ao conhecer as indicações do Ministério da Educação acerca das dificuldades que os alunos do 4º, 6º e 9º de escolaridade revelam nos exames de aferição em relação à compreensão da leitura e na exposição escrita; os resultados dos estudos internacionais sobre literacia nomeadamente o Pisa 2000 e 2003 que coloca Portugal para lá da metade da tabela dos países da OCDE e a realidade que vivo no Concelho onde exerço a minha profissão de Bibliotecária, levaram-me a procurar um espaço de reflexão sobre a problemática da iliteracia nos nossos jovens e da falta de hábitos de leitura.

Parti de uma triangulação clássica que tem nos seus vértices a escola, a família e as bibliotecas e no seu seio a criação do jovem leitor.

Procurei alicerçar as minhas ideias no conhecimento da realidade em países que consideramos desenvolvidos. A preocupação nestes países com a criação de estratégias que levem ao desenvolvimento e vulgarização dos hábitos de leitura, considerados há muito fundamentais para a construção de uma sociedade baseada no conhecimento e na formação, levaram-me a questionar o facto de em Portugal o caminho ter sido bem diferente conduzindo-o à construção de uma realidade que nos amaranha como País e nos atira, nos estudos internacionais sobre competências na leitura e na escrita, para lugares que condicionam o nosso futuro.

Nos quadros que construí e que estruturam a minha investigação está a questão chave deste meu trabalho. A escola, a família e a existência de bibliotecas: escolares e públicas, estarão na base da existência de jovens leitores? Estou convencida que a auto-construção destes não nasce do nada. O gosto pela leitura pode ser genético, como qualquer outro gosto. Todavia, ele tem que ser cultivado, incentivado e têm que ser criadas as condições necessárias para que ele frutifique.

Ao analisar os quadros que construí e que constituem os vértices do triângulo que tracei, verifiquei, ao longo desta investigação, que o problema que está subjacente – o insucesso e o abandono escolar – à tese que me proponho defender com esta dissertação, é um problema real e que está presente no estudo empírico que desenvolvi no Concelho de Arganil



## Summary

The reality I notice by knowing the indications of the Education Office about the difficulties felt in the exams about reading comprehension and writing by the students of the 4<sup>th</sup>, 6<sup>th</sup> and 9<sup>th</sup> grade; the results of international studies about literacy, namely PISA 2000 and 2003, that puts Portugal below the first half of the list of OCDE countries and the reality I see in the region where I practise as a librarian, made me look for a reflection space about the illiteracy among the youngest and the lack of reading habits.

My starting point was a classical triangulation that has on the vertices: school, family and libraries and on the central point the young reader creation.

I tried to substantiate my ideas on the knowledge I have about the reality of some countries we do believe are developed. The concern in those countries about the creation of strategies that take to development and vulgarization of reading habits, important to the construction of a society based on knowledge and formation, makes me question the path chosen by Portugal, which is being very different, driving us to the construction of a reality that harms us as a country and throws us, in the international studies about competence in writing and reading, to places that condition our future.

The key question of my work relies in the picture I have built and that structures my investigation. School, family and the existence of libraries, school libraries and public ones, are in the base of the existence of young readers? I believe that their auto-construction needs a starting point. The taste of reading can be genetic, like any other taste. Nevertheless, it has to be cultivated, stimulated and the conditions needed to grow must be created.

Analysing the pictures I have created and that constitute the vertices of the triangle I have built, I realize, by making this investigation, that the underlying problem of the thesis I'm trying to defend with this dissertation – school failure and consequent renouncement – is a real problem and is present in the empiric study that I have developed in the region of Arganil.

## **ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
-------------------	-----------

## **I PARTE**

<b>CAPÍTULO I - A LEITURA COMO OBJECTO DE INVESTIGAÇÃO E DE ACCÃO – PERSPECTIVA HISTÓRICA E COMPARADA</b>	<b>18</b>
<b>1 - Hábito e Gosto pela Leitura</b>	<b>19</b>
1.1 - O Hábito	19
1.2 - O Gosto	20
1.3 - O Cruzamento das duas Palavras	21
<b>2 - Da Aprendizagem aos Hábitos de Leitura</b>	<b>23</b>
2.1 - A Experiência no Terreno	24
2.2 - Outra Experiência	27
<b>3 - Uma Perspectiva Histórica</b>	<b>29</b>
3.1 - As dificuldades da aprendizagem	32
3.2 - Auto-aprendizagem ou Gosto Genético	34
3.3 - Uma Abordagem à Sociologia da Leitura	36
3.4 - A Leitura dos Sentidos	39
3.5 - Será o Leitor também autor?	41
3.6 - A Massificação da Leitura e os Poderes	43
<b>4 - Estudos Sobre a Realidade Francesa</b>	<b>49</b>
4.1 - A explosão da Informação	49
4.2 - A Importância das Bibliotecas em França	50
4.3.- Inquéritos e Sondagens às Práticas da Leitura	
4.3.1 - Anos 50 e 60	51
4.3.2 - Anos 70	52
4.3.3.- Anos 80	53
<b>5 - Apontamento Sobre um Momento da História da Leitura em Portugal – A Fundação Calouste Gulbenkian</b>	<b>55</b>
5.1 - França e Portugal : duas realidades diferentes	58

## **II PARTE**

### **CAPÍTULO I – LEITURA E SUCESSO ESCOLAR**

<b>O CASO DE ARGANIL</b>	<b>65</b>
<b>1 – Arganil: Um Território Histórico – Educativo</b>	<b>65</b>
1.1 – O Ensino em Arganil no Século XX	
1.1.1 – O Colégio “Nossa Senhora do Mont’Alto”	66
1.1.2 – Os Anos 60	67
1.2 – A Biblioteca nº 94 da F.C.G.: Uma Janela Aberta para o Mundo	68
1.2.1 – O percurso da Biblioteca: 1966 – 1980	70
1.2.2 – A Instabilidade	71
1.3 – A Criação da Rede de Leitura Pública em Arganil: os novos desafios	75
1.4 – Rede Escolar de Arganil	78
1.5 – A Escola Secundária de Arganil	79
1.6 – Bibliotecas Escolares	80

### **CAPÍTULO II – CONSTRUINDO O FUTURO**

2.1 – Problemática e Métodos	82
2.1.1 – A Amostra	82
2.1.2 – O Método	83
2.1.3 – Estrutura da Entrevista	
2.1.3.1.- Quadro I: A Escola	85
2.1.3.2 – Quadro II: As Bibliotecas	86
2.1.3.3 – Quadro III: A Família	87
2.1.3.4 – Quadro IV: A Auto-construção do Jovem Leitor	87
2.1.4 – A Recolha dos Dados	
2.1.4.1 – Grupo I	88
2.1.4.2 – Grupo II	90
2.1.4.3 – Grupo III	92
2.1.5 – Entrevistas	93
2.1.6.- Entrevistados	93

## **2.2 – A Equação do Futuro – Ouvindo os Jovens**

2.2.1 - Quadro I	94
2.2.1.1 - Grupo I	94
2.2.1.2. – Grupo II	102
2.2.1.3 – Grupo III	110
2.2.2 - Quadro II	116
2.2.2 1 - Grupo I	116
2.2 2.2 – Grupo II	122
2.2.2.3 – Grupo III	127
2.2.3- Quadro III	132
2.2.3 1 - Grupo I	132
2.2.3 1 - Grupo II	135
2.2.3 2 - Grupo III	138
2.2.4 – Quadro IV	141
2.2.4.1 - Grupo I	141
2.2.4.2 - Grupo II	147
2.2.4.3 - Grupo III	154

## **2.3 – Do Território à Comunidade Leitora**

2.3.1 – A Escola	160
2.3.1.1 - As primeiras leituras	161
2.3.1 2 - Os professores contadores de histórias	161
2.3.1.3 - A leitura de prazer	162
2.3.1.4 - O manual	162
2.3 1.5 - As maiores dificuldades	163
2.3.1.6 - A importância da disciplina de Português	163
2.3.1.7 - Práticas culturais na escola	164
2.3.2– Bibliotecas: Escolares e Públicas	165
2.3.2.1 – As Bibliotecas no Apoio às Matérias	165
2.3.2.2 – A Utilização da Biblioteca Escolar	166
2.3.2.3 – A Frequência na Biblioteca Pública	167
2.3.2.4 – Actividades na Biblioteca Pública	168
2.3.2.5 – Frequência após o Secundário	169
2.3.2.6 – Biblioteca Pública e Escolar	169

2.3.3 - A Família	170
2.3.3.1 - A Família incentivou à leitura?	170
2.3.3.2 - Lembranças de leitura em Família	171
2.3.3.3 - Os sentimentos	171
2.3.3.4 - Os tempos livres em Família	172

### **CAPÍTULO III: SUCESSO ESCOLAR OU**

<b>DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL?</b>	173
--	-----

<b>3 – Leitura na Base do Sucesso</b>	174
---------------------------------------	-----

3.1 - O que é para ti a leitura?	174
----------------------------------	-----

3.2 - O que lêem habitualmente os jovens	175
--	-----

3.3 - Leitura chata e leitura agradável	175
---	-----

3.4 - Ocupação de Tempos Livres	176
---------------------------------	-----

3.5 - Ir ao cinema	177
--------------------	-----

3.6 - Texto informativo / Texto literário	177
---	-----

3.7 - Gostar ou não gostar de ler	178
-----------------------------------	-----

<b>Em Síntese</b>	178
-------------------	-----

<b>Bibliografia</b>	185
---------------------	-----

### **Anexos**

## INTRODUÇÃO

### 1.1 - Objectivo deste trabalho

A história com que inicio este trabalho, passada no final dos anos sessenta e início de setenta do século XX, numa aldeia da Zona Centro do País, foi um dos incentivos que me levou a lançar nesta aventura de estruturar um trabalho de investigação que me permita reflectir sobre a importância dos hábitos de leitura para o sucesso escolar.

A realidade que constato ao conhecer as indicações do o Ministério da Educação, acerca das dificuldades que os alunos do 4º, 6º e 9º de escolaridade revelam nos exames de aferição, em relação à compreensão da leitura e na exposição escrita; os resultados dos estudos internacionais sobre literacia nomeadamente o Pisa 2000 e 2003 que coloca Portugal para lá da metade da tabela dos países da OCDE nos níveis de literacia e a realidade que vivo no Ooncelho onde exerço a minha profissão de Bibliotecária, levaram-me a procurar um espaço de reflexão sobre a problemática da iliteracia nos nossos jovens e da falta de hábitos de leitura.

A realidade parece ser muito preocupante: o nível de literacia dos portugueses é muito baixo. Causas e consequências são premissas que fazem correr muita tinta. Causas: económicas, geográficas, sociais, históricas, todas elas terão a sua quota-parte de culpa nesta realidade. Consequências, todos nós estamos conscientes delas: baixo nível profissional, ausência de opinião crítica sobre os mais variados assuntos, baixa disponibilidade para a formação ao longo da vida, abandono precoce da escola. Poderemos dizer que a falta de competências na leitura (compreensão do texto) e na escrita, condicionam todo o percurso escolar. Enfim um rol de lamentações que urge transformar em objectivos na procura de medidas que façam inverter esta tendência.

Este estudo tem, pois, como objectivo reflectir sobre as causas que levam tantos jovens a abandonar a escola no final dos ciclos obrigatórios e no secundário e ainda procurar respostas para a percentagem muito elevada de jovens que, apesar de escolarizados, poderão ser considerados analfabetos funcionais.

## 1.2 - A Problematização

A problematização de uma realidade conduz-me a um quadro conceptual que procuro construir a partir de vários intervenientes neste processo:

### 1.2.1 - A Escola

Qual o papel da escola neste domínio? Criará a escola, na criança o gosto pela leitura? Estarão os programas escolares orientados para este domínio? Como se cria o gosto pela leitura? Estarão os professores preparados para criar este gosto?

### 1.2.2 - A Família

De que forma a família pode estimular os hábitos / gosto pela leitura? Será o papel da família determinante para a criação destes hábitos? O facto de já existirem hábitos de leitura na família terá influência no comportamento do jovem? E se não existirem, será determinante?

### 1.2.3 - As Bibliotecas

#### a) - Escolares

Qual o papel da Biblioteca escolar neste contexto? Quais as causas que levam a que professores e alunos não recorram à biblioteca escolar de forma sistemática? Como torná-las absolutamente indispensáveis, a professores e alunos? O que falta para que a ligação entre a sala de aula e a biblioteca seja uma realidade? Será a presença da biblioteca escolar determinante para a criação de hábitos / gosto pela leitura?

#### B) - Públicas

Serão os programas de promoção da leitura os mais adequados para atingir os seus objectivos? De que forma a relação da biblioteca pública com os professores contribui para a melhoria desses hábitos? Biblioteca pública escolarizada será um mau sintoma ou é uma solução?

#### 1.2.4 - O aluno na sua auto-construção como leitor

Será determinante para o seu sucesso escolar a existência de hábitos de leitura? Foi o aluno estimulado a desenvolver esse gosto? Razões exteriores à escola impediram-no que tal gosto se desenvolvesse (televisão, computador)? Se gosta, o que o levou a gostar?

A partir da investigação e posterior análise dos dados, pretendo responder a uma questão fundamental:

Serão, os hábitos e o gosto pela leitura, um contributo importante para combater o insucesso e o abandono escolar?

### 1.3 - O Título

Decidi dar a este trabalho o título: "Leitura e Sucesso escolar: caminhos para o sucesso - O caso de Arganil", porque me pareceu que traduzia o pressuposto fundamental que me motivou para esta aventura. Parto para este trabalho com a crença de que ter hábitos de leitura e gostar de ler é fundamental para o sucesso escolar. Estou consciente que o trabalho científico não se constrói com crenças, mas acredito que são as nossas "suspeilas" sobre as causas que provocam os fenómenos, que nos levam a procurar os caminhos da ciência para procurar provas que justifiquem as nossas crenças.

Há crenças que a ciência nunca poderá provar como verdadeiras. As crenças do espírito e da alma que passam para além do racional e a que a inteligência humana não tem acesso, não são passíveis de prova provada. Também os fenómenos sociais não são fáceis de provar cientificamente como o são nas ciências exactas, que obedecem a leis que o homem domina. As ciências sociais são condicionadas pelos comportamentos, pelo meio económico e social, pela cultura, pelo passado, pela evolução humana a nível físico e ao nível das mentalidades. São fenómenos que se constroem e destroem diariamente.

O sucesso ou insucesso escolar e o analfabetismo funcional que afectam os nossos jovens estudantes não têm causas nem soluções fáceis. Têm a ver com o meio em que a criança cresce, com as condições sócio-económicas da sua família, com a sua personalidade e as suas potencialidades genéticas ao nível da inteligência, com qualidade de trabalho; mas também com a escola, os professores e os poderes governativos que determinam mais atenção ao ensino:



melhores escolas, melhores professores; níveis mais elevados de exigência, melhor enquadramento escola-mundo do trabalho, enfim uma complexa rede de fenómenos sociais, económicos e políticos, que poderão ser determinantes neste fenómeno.

#### **1.4 - A Leitura**

Uma variável que apesar de muito referida não tem sido considerada parte fundamental neste processo e que eu quero neste trabalho eleger como um dos factores que poderemos considerar determinante para que os níveis de literacia dos portugueses se aproximem dos que são atribuídos aos países mais desenvolvidos, é o gostar de ler e a criação dos hábitos de leitura e a sua importância no sucesso escolar. É sobre esta temática que irei construir este trabalho.

#### **1.5 - O Campo da Investigação**

Escolhi o concelho de Arganil e em especial a Escola Secundária como campo de trabalho para esta investigação por diversas razões, uma das quais e talvez a mais importante porque conheço bastante bem esta realidade e isso me permite uma investigação-acção que poderá levar a uma reflexão mais profunda sobre esta problemática. A minha experiência como bibliotecária e como formadora na formação contínua de professores permitem-me um contacto com a realidade que me levam a suspeitar de possíveis relações entre diversos personagens que constituem a trama da relação entre gostar de ler e sucesso escolar.

#### **1.6 - Plano do Trabalho**

O trabalho foi estruturado em duas partes na primeira das quais tratei alguns conceitos que considero fundamentais como suporte do trabalho que pretendo realizar. Os conceitos de Hábito, Gosto e Aprendizagem, reflectindo e procurando fundamentar as ideias que vou desenvolvendo. Procurei assim alicerçar um campo teórico suficientemente denso que permitisse dar suporte à investigação. Um trabalho epistemológico à volta do paradigma da leitura levou-me a estabelecer um paralelismo entre a realidade de outros países europeus e a

realidade portuguesa, conduzindo a minha investigação à construção de um quadro conceptual que suportasse cientificamente os pressupostos que pretendo defender nesta dissertação. Este trabalho construído a partir da análise de diversos estudos de historiadores e sociólogos franceses, levou-me a um espaço de reflexão que procurei reverter para a fundamentação deste estudo.

Dividi a segunda parte em três capítulos, no primeiro dos quais contextualizei o campo da investigação aproximando-me do espaço que procuro estudar. O Concelho de Arganil, é aqui tratado numa lógica de investigação-acção, em que a minha proximidade profissional e a minha intervenção no terreno desde há muito tempo me permitiram uma reflexão fundamentada da realidade que pretendo estudar. Foi minha preocupação caracterizar as diversas personagens que têm papel importante nesta investigação:

- As Escolas, dando a conhecer como se articula a rede escolar em Arganil.

- As Bibliotecas Escolares, descrevendo como se organiza a rede de Bibliotecas Escolares e a sua implantação desde 1998;

A Biblioteca Pública do Concelho de Arganil;

- As Famílias e o quadro sócio/económico em que se inserem.

No segundo capítulo procurei analisar qualitativamente os resultados das 15 entrevistas que realizei. Esta análise permitiu-me trabalhar as respostas dadas pelos entrevistados, tendo em atenção outros factores que só a entrevista presencial permite: as expressões, o entusiasmo, a resposta dada de forma espontânea, ou procurada porque mentalmente não existem referências.

Por fim, no terceiro capítulo, procuro atar todas as pontas que fui construindo ao longo deste trabalho. Este capítulo é como que um grande espaço de convergência para onde confluem caminhos que o jovem percorreu ao longo da sua infância e adolescência e que o tornaram, ou não, leitor.

Gostaria de deixar aqui uma nota que me parece muito importante. Pode ficar a impressão, aos que lerem este meu trabalho, que tenho uma imagem negativa do trabalho dos professores dos vários níveis de ensino. Quero aqui afirmar que não é assim e que respeito profundamente o trabalho desenvolvido por muitos professores que se entregam de alma e coração aos seus alunos, vivem com eles os problemas e as angústias e dão de si o que têm de melhor.

Este trabalho tem como objectivo tratar uma realidade e reflectir sobre ela, nada mais.

## **I PARTE**

### **CAPÍTULO I**

#### **A LEITURA COMO OBJECTO DE INVESTIGAÇÃO E DE ACÇÃO PERSPECTIVA HISTÓRICA E COMPARADA**

## 1 - Hábito e Gosto pela Leitura

No contexto do tema que pretendo desenvolver na dissertação da minha tese importa analisar dois conceitos: Hábito e Gosto.

Quando defendemos que a prática da leitura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança e que muito contribui para o seu sucesso escolar, de que estamos realmente a falar?

### 1.1 - O Hábito

A palavra hábito deriva do latim "habitus" (Machado, 1994) que significa maneira de ser, aspecto exterior, conformação física. Encontramo-la também na linguagem filosófica: maneira de ser adquirida, estado, disposição física e moral que não se desmente. Poderemos ainda acrescentar que é também a disposição natural para a prática de certas coisas ou adquiridas pela repetição frequente dos mesmos actos. Modo sempre igual de proceder. Contudo as suas raízes são mais profundas, pois Aristóteles definiu o conceito de *hexis* como sendo "as disposições psíquicas que podem ser influenciadas pela educação, por exemplo, mas que não são, nem inconscientes, nem subtraídas à acção da vontade, numa determinada maneira exclusivamente social." O indivíduo como ser condicionado pelo meio em que cresceu, vivendo um determinado ambiente com as suas práticas e representações, desenvolve mecanismos sociais que reflectem essas práticas que se traduzem em hábitos. Há aqui um movimento reflexivo que podemos traduzir pelo que se dá e pelo que se recebe. Assim o indivíduo é o produto do meio em que cresce, mas é em simultâneo construtor desse meio. É um ciclo vicioso que só uma influência externa pode alterar.

Perante uma forte influência exterior, os hábitos transmitidos pelo meio podem ser abalados e esse momento em que se põem em causa dados adquiridos permite o nascimento de novas perspectivas que são como que reacções mentais ao que está estabelecido. Novos hábitos lançam então os alicerces no indivíduo ou no meio.

Estas influências podem aparecer de forma abrupta, forçando a mudança, ou podem ser subtis, silenciosas provocando lentamente novas formas de estar, mudanças de hábitos, ou seja, o hábito é um fenómeno social que está em

permanente mutação, permitindo a construção de pontes entre o passado e o presente. Esta é uma característica muito interessante, porque demonstra a sua força e a sua fraqueza. Força porque o hábito pode unir pessoas, épocas, mentalidades. Contudo o hábito pode ser efémero, cair em desuso, ser substituído.

Pierre Bourdieu em *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) diz que:

“para um indivíduo, a sua capacidade de invenção de soluções na vida quotidiana, não é indefinida, mas, pelo contrário, limitada, pelo facto de ser o produto de uma aprendizagem dominada por um determinado tipo de regularidades objectivas próprias do meio de origem (...). Assim cada indivíduo deve a essas aprendizagens iniciais o ser dotado de um certo **ethos** de classe, quer dizer, de uma disposição geral de avaliação subjectiva das possibilidades de êxito de uma acção concreta, que lhe permite determinar as condutas que lhe parecem razoáveis ou insensatas, em função das regularidades objectivas referidas”.

## 1.2 - O Gosto

Quanto ao gosto, a palavra deriva igualmente do latim “gustus” e significa acto de provar o sabor de qualquer coisa, amostra, bocado. É também o sentido pelo qual percebemos o sabor das coisas, faculdade de apreciar, agrado, satisfação. É ainda sensibilidade estética.

No *Dicionário Geral das Ciências Humanas*, dirigido por G. Thines e Agnes Lempereur (1984), podemos encontrar a seguinte definição de gosto:

“Fenómeno sociocultural incidindo nos objectos do mundo e em nós próprios. Enquanto reacção de ordem sensível e mental, articula-se sobre pulsões, desejos e sobre um pano de fundo em que opera o inconsciente colectivo. Sendo também traço de exigência ou de necessidades fisiológicas, o gosto supõe uma aptidão para escolher, uma faculdade de discernir com segurança relações (de forma, de grandeza, de cor, de proporção, de volume, etc.), relações coerentes e / ou discordantes (plásticas, musicais, arquitecturais, cromáticas, etc.). A percepção que instaura o gosto está ligada à sensibilidade, ao contexto cultural, aos parâmetros sociais, ao estado económico de uma época.”

Gosto, no sentido em que o queremos tratar, é algo mais profundo que tem a ver com uma educação estética que se vai construindo mercê de vários factores. Acredito que em muitas pessoas essa necessidade estética é genética, desenvolve-se sem que seja necessário um investimento ou um estímulo exterior.

considerável. É uma necessidade primária, que germina com as condições mínimas. Mas esses são uma minoria.

No caso da leitura, para que este gosto se generalize é necessário provocá-lo. Há a necessidade de criar as condições para que ele se desenvolva. O processo não é simples, nem está ao alcance de todos. Nem todos, mesmo desejando-o, estão preparados para o fazer. Para além das técnicas é necessário a sensibilidade e, fundamental, é preciso gostar também.

O gosto é, pois, algo muito pessoal, muito delicado. Ele pode ser provocado pelo meio em que a criança cresce, ou por alguém que encontrou e que o despertou para esse gosto.

Duas Instituições desempenham um papel fundamental para a aquisição do gosto: a família e a escola. A proximidade da criança, numa fase da sua vida em que é extremamente receptiva a estímulos afectivos é a seguir modelos das situações e exemplos que lhe estão próximos, tornam esta fase da vida uma oportunidade para desenvolver nela representações, imagens que vão perdurar nas suas recordações e que serão como que um terreno fértil onde irá então desenvolver-se a semente que terá todas as condições para crescer e dar frutos.

### **1.3 - O Cruzamento das duas Palavras**

Hábito e Gosto são duas palavras que, no contexto em que as queremos utilizar, podem ter significados complementares, ou seja, pode haver uma interactividade entre elas, ou pode cada uma agir por si em situações diferentes.

Será que quem tem hábitos de leitura, tem obrigatoriamente o gosto de ler?

Aplicada à leitura, a palavra hábito indica que aquela pessoa lê regularmente; que o faz de forma continuada. Importa analisar em que contexto lê: por obrigação, porque tem exames e precisa de se preparar? Profissionalmente porque as suas funções o obrigam a estar informado e por isso é obrigado a ler? Porque gosta de estar informado sobre o que se passa no mundo, no seu clube de futebol ou sobre as “fofoquices” sociais e então lê jornais e revistas?

Porque gosta simplesmente de ler e, para além das leituras obrigatórias e informativas, lê simplesmente como evasão, porque lhe dá prazer ler quer ficção, quer poesia?

É aqui que os dois conceitos se tocam: hábito e gosto completam-se quando se realizam todas as formas de leitura: leitura informativa e leitura literária.

Parece-me interessante reflectir sobre os caminhos que conduzem a estes dois conceitos. Quanto ao hábito chega-se lá pela prática. Desde muito pequenas, as crianças tomam contacto com a leitura. Aprendem a ler. Lêem porque precisam de estudar. Praticam a leitura em contexto escolar, daí adquirirem algum hábito. Poderemos então questionar: Será que quando a leitura deixar de ser uma imposição escolar, ou profissional, continuará a ler?

A leitura é uma prática que passa para além da dimensão física das palavras. Ou seja, não é uma prática linear, tem uma dimensão psíquica, cognitiva que está muito para além do aprender, que toca os sentidos, que a transforma em arte.

Quando se lê (e pode ler-se muito), apenas porque é necessário aprender, porque é importante estar informado, neste caso, a leitura está a cumprir apenas uma função: dar significado, transmitir conhecimento.

Quando se lê porque precisamos ler como de alimento para a alma, porque sentimos necessidade de evasão, como quando se ouve música, ou se admira uma peça de arte, essa leitura não é aquela de que falávamos anteriormente. Esta leitura toca os sentidos, transporta-nos para mundos diferentes que não conhecemos mas dos quais passamos a fazer parte e se tornam parte integrante do nosso imaginário.

Seguindo este raciocínio, concluímos que hábito e gosto pela leitura, são dois conceitos que podem viver separados. Contudo esta situação fragiliza-os; se tem hábito mas não tem gosto, facilmente o hábito se deixa de praticar, enfraquece e se não houver terreno fértil, que o alimento, morre.

Também o gosto, se não houver hábito, terá um caminho difícil. Ler não é uma tarefa fácil, pelo contrário pode tornar-se uma tarefa penosa quando não é praticada. Logo apenas o gosto não chega para atingir os objectivos que pretendemos quando falamos de índices de leitura.

Como diz Raquel Villardi (2002)

"Habituar o aluno a ler tem-se mostrado inócuo, insuficiente (embora desejável) para que se forme um cidadão capaz de incorporar a leitura às actividades do seu quotidiano. Isto só ocorre quando a leitura é vista não como o cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível reflectir o mundo quanto afastar-se dele, um espaço no qual é possível encontrar aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade (enquanto informação, conhecimento), quer sob a fantasia. E para que isso ocorra, para que se forme um leitor para toda a vida, o hábito só por si, não chega. Há que se desenvolver o gosto pela leitura."

Pensando na problemática que me move neste trabalho, posso fazer o seguinte raciocínio: A leitura mecanizada produz o hábito; a leitura-trabalhada para os sentidos, faz nascer o gosto. Para que isto aconteça é necessário a articulação conjugada da família, da escola, e das bibliotecas, ou um destes factores conjugado com a tendência genética do aluno para gostar de ler. Há no entanto uma verdade inquestionável: não se adquire o gosto pela leitura se não houver livros ou outro suporte onde a criança ou o adolescente possa praticar a leitura. Gostar de ler não é suficiente, é necessário que exista suporte onde praticar a leitura. Em casa ou na biblioteca é fundamental o acesso aos suportes de leitura.

## **2 - Da aprendizagem aos hábitos de leitura**

"Um país que não valoriza o saber é um país à deriva, sem objectivos e sem rumo". O pensamento não é meu, mas concordo absolutamente. Há algum tempo dizia-me um professor, meu formando em Bibliotecas Escolares, quando eu o sensibilizava para a necessidade de incutir nas crianças desde muito cedo o gosto pela leitura, defendendo que este é o caminho mais rápido para o sucesso escolar:

«Eu até concordo, mas de facto isso é muito difícil quando se trabalha numa aldeia onde as expectativas da qualidade de vida são muito baixas e onde os que mais ganham são os mais ignorantes. Como é que a criança que vive numa família que não lê, onde não há livros e os modelos de vida são pessoas quase analfabetas, pode adquirir hábitos de leitura?»

Embora aceite mal esta permissividade de muito professores que perante as dificuldades baixam os braços e não lutam por aquilo que consideram



fundamental para o sucesso do seu trabalho, acabei por aceitar que o professor tinha razão e que o seu trabalho não estava nada facilitado.

A verdade que tenho constatado nos contactos que tenho com professores é que, em muitos casos, eles não consideram a leitura como o princípio de tudo e um fim em si, mas apenas o veículo necessário para atingir determinados objectivos, cujo principal é a memorização dos manuais, para que possam cumprir o programa. Atingido este objectivo o professor considera que cumpriu a sua missão.

Não cabe neste trabalho uma reflexão profunda sobre pedagogia ou sobre as aprendizagens, no entanto gostaria de, tendo sempre como epicentro a importância da leitura para o sucesso escolar, pensar um pouco sobre como em contexto escolar se forma um aluno leitor. Inês Sim-Sim no artigo "De que falamos quando falamos de Leitura" (*Inovação*, 1004, diz que «a escola mata o prazer da leitura» e defende esta ideia dizendo que ensinar a ler é uma tarefa difícil porque não se ensina apenas com técnicas, mas também com o coração. É preciso ter interiorizado o prazer da leitura para transmitir esse gosto. Ao longo da minha experiência como bibliotecária e com formadora encontrei muito poucos professores que tenham este gosto. Não há geralmente intimidade com o livro. Muitos me têm confidenciado, em jeito de desculpa, que nunca ao longo da sua formação lhes foi despertado esse gosto. Limitaram-se a ler os manuais e os livros obrigatórios e foram fazendo o curso. A obediência cega ao manual, com a obsessão de dar o programa (entenda-se o manual), afasta-os de todas as estratégias que conduzam à leitura. Como é possível dar a *Menina do Mar*, aos alunos do primeiro ciclo em três recortes? Em aldeias mais isoladas, e certamente não só, os alunos nem imaginam que há um livro com aquela história e que a história não tem apenas aqueles três pequenos recortes, mas é uma história bonita que ocupa várias páginas de um livro.

## **2.1 - A Experiência no Terreno**

Tive este ano uma experiência com os alunos do 10º ano da Escola Secundária de Arganil, relacionada com o contrato de leitura. No início do ano os alunos apareciam na Biblioteca Municipal, com uma lista de livros que teriam de

ler durante o ano lectivo. Percorriam as estantes procurando os livros mais "magrinhos" e ficavam assustados quando o livro excedia as 100 páginas.

Os funcionários da biblioteca tentavam sensibilizá-los para os diversos títulos dizendo-lhes que «o interesse do livro não estava no número de páginas, mas no seu conteúdo e que verificariam que, um livro com muitas páginas por vezes é ainda melhor porque o enredo é mais desenvolvido e dá mais prazer.»

Pouco convencidos lá foram aceitando e penso que conseguimos alguns novos leitores.

Quando me desloco às escolas num projecto de animação da leitura, ou quando as crianças vêm à Biblioteca, verifico que é um dia de festa. As crianças ficam animadíssimas e, para os professores, é sempre um dia mais liberto de compromissos. A leitura não é levada a sério, não é trabalho.

Quando falamos em leitura de prazer, do que falamos realmente? Quais os objectivos que pretendemos alcançar? Apenas divertirmo-nos um pouco, divertir as crianças e dar folga os professores? É evidente que o objectivo não é esse. Quando falamos de leitura de prazer, penso que o objectivo é familiarizar a criança com a leitura e com o livro, num ambiente descontraído, em que os sons das palavras, e as imagens que a história transmite, encontram um terreno preparado para os receber.

Nas aulas de Português os alunos ao fazerem a interpretação de um texto, estão a aprender a língua, as palavras e significados, mas estarão a assimilar sensações? Essas sensações que nos acompanham toda a vida e que se transformam no terreno fértil onde todo o conhecimento se vai depois alojar, têm início nessa leitura de prazer. É por esse motivo que o trabalho com as crianças é muito sério. É um trabalho que exige muita planificação, empenho e avaliação. A avaliação dos resultados deveria ser uma preocupação permanente de todos os que estão envolvidos neste trabalho: professores, pais, bibliotecários escolares e de leitura pública.

A animação da leitura que tem sido feita um pouco por todo o país, com apoios do Estado, Autarquias e outras Instituições, será a mais adequada? Onde entram os professores nessa animação? Meros espectadores, ou intervenientes interessados? Dia de festa ou trabalho articulado?

A vinda à Biblioteca Municipal assistir a uma actividade é devidamente preparada na escola? O encontro com um escritor mereceu da parte dos

professores um trabalho de preparação com as crianças de modo a que esse acontecimento as marque e contribua para que a leitura passe a fazer parte dos seus hábitos? Estarão os professores conscientes da importância que poderá ter o facto de a criança poder dialogar com o escritor que escreveu os livros que ela gosta de ler e lhe poderá despertar o interesse para ler ainda mais livros? Como é feito esse trabalho sem que a escola tenha promovido a leitura desse escritor e tenha disponíveis os seus livros?

Inês Sim-Sim no artigo "Sabe-se hoje o que é preciso fazer para formar bons leitores" publicado na revista *Palavras* nº 26 (Outono, 2004) refere-se à fonologia como uma prática que deveria ser utilizada pelos professores, principalmente do 1º Ciclo, para desenvolver nos alunos a prática e o gosto pela leitura. Segundo o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* (2003), Fonologia é "o estudo dos sons da língua humana". Embora possamos aprofundar este conceito e procurar significados mais profundos, para o meu estudo este significado é o suficiente, porque traduz o que eu penso em relação a toda esta problemática do gosto e do hábito da leitura.

QUANDO LEMOS UMA história aos meninos do Jardim de Infância ou ao 1º Ciclo, qual é o nosso objectivo primeiro. Em meu entender é transmitir sons que se transformam em palavras e em significados. Por este motivo é que escolhemos sempre com muito cuidado os textos que lemos. As palavras que os constituem são muito importantes do ponto de vista da musicalidade. As crianças mais pequenas possivelmente não entenderão o significado de todas as palavras quando lhes lemos um texto de Sophia de Mello Breyner Andresen. Contudo, se a leitura for bem feita, os sons das palavras que possivelmente elas não entendem, é suficiente para lhes prender a atenção, para as fascinar.

Estes sons que se transformam em palavras entram dentro de si e ficam à espera do momento propício para germinarem. Ficam como que em estado larvar. A criança que já ouviu muitas palavras e associou essas palavras a significados, quando precisar de exprimir uma ideia, tem as palavras dentro de si, que nessa altura fazem o caminho contrário. A criança, no seu percurso de vida, vai utilizar essas palavras que ficaram dentro de si e utiliza-as para exprimir as imagens que a sua imaginação criou, aos conhecimentos que, entretanto, adquiriu.

Todas as crianças têm potencialidades cognitivas. O coeficiente de inteligência e a capacidade de trabalho poderão ser diferente em cada uma delas,

todavia parece-me ser papel da escola explorar essas potencialidades de forma a preparar as crianças para o futuro. Provocar na criança o gosto e o prazer de ler, poderá ser uma boa ajuda.

Recorro de novo ao artigo de Inês Sim-Sim: "De que falamos quando falamos de leitura", (1994), para continuar o meu raciocínio. A autora fala dos métodos do ensino da leitura nas nossas escolas e sobre a leitura em si como processo de descodificação de símbolos e como apreensão de significados, relacionados com múltiplas variáveis dentro e fora do contexto escolar, que levam a um mau desempenho das crianças na competência da leitura e da escrita.

A leitura é uma tarefa difícil que as crianças desenvolvem com dificuldade por isso os métodos de aprendizagem são fundamentais para que a criança aprenda com eficácia a mecânica da leitura.

Continuando a seguir o pensamento de Inês Sim-Sim, concluiu que o ensino da leitura não pode ser feito mecanicamente, friamente, com receitas que os futuros professores apreendem nas Escolas Superiores de Educação. Ler é "um processo interactivo entre o sujeito leitor e o material escrito" (Sim-Sim:1994), este processo é complexo e é muito mais que o simples descodificar de signos. As palavras têm uma dimensão intelectual que ultrapassa os processos mecanicistas da aprendizagem.

## **2.2 - Outra experiência**

Há cerca de dois anos, a Biblioteca Municipal de Arganil decidiu convidar as escolas do primeiro ciclo a participar num projecto de leitura. A ideia era envolver professores e alunos de forma a que não fosse apenas a Biblioteca a organizar, mas todos participassem activamente. Todas as escolas convidadas responderam afirmativamente. O projecto tinha como título "Encontros Felizes". Estes encontros realizavam-se nas respectivas escolas. Os meninos e o Sr(a). Professor(a) teriam que preparar a escola para a realização do Encontro e preparar uma história, lida por todos ou só por um aluno, ou dramatizada. Ficou ao critério de cada escola a organização do Encontro. Pelo seu lado a Biblioteca ficou com a responsabilidade de levar um baú de livros que ficariam na escola o tempo suficiente para serem lidos pelas crianças.

Levava também um grande livro, onde se registaria o Encontro, cartazes para criar o ambiente necessário e uma história preparada para contar.

Foi um trabalho muito interessante e que correu bem. No entanto em algumas das escolas, embora tivesse sido combinado antecipadamente, as crianças, quando chegávamos, não estavam preparadas para nos receber.

Em algumas situações a aula decorria normalmente e só após a nossa chegada se preparava a sala, muitas vezes por nossa iniciativa. É verdade que as crianças em todos os casos tinham sempre uma história mais ou menos preparada, embora fosse perceptível, em alguns casos, que tinha sido preparada na véspera.

Os encontros constavam então de uma breve apresentação do projecto em que explicávamos aos meninos porque estávamos ali, seguia-se a abertura do baú e a apresentação dos livros que iam ficar na escola. Procurávamos sempre que este momento tivesse algum significado falando dos livros que levávamos e também dos autores. Seguiam-se então as histórias da biblioteca e das crianças.

Os encontros terminavam com a construção de uma história colectiva; em que se partia de um título ou de uma ideia e cada um ia dando sugestões no seguimento da história. As ideias iam sendo registadas por uma "escrivã" que no final lia a história que resultou daquele trabalho colectivo. É curioso verificar que os primeiros títulos que intuitivamente saíam da boca das crianças eram: "A Primavera", "As Férias", "As Estações do Ano", "O corpo humano" (porque estavam a dar essa matéria). Depois de explicarmos que o que queríamos era um tema mais imaginativo, queríamos outras coisas, que tivessem a ver com a vida deles, com a sua realidade, a sua forma de vida, as suas aldeias e surgiram então histórias muito engraçadas e cheias de imaginação.

Lembrei-me deste exemplo porque me parece que tem também a ver com o que pretendo defender neste trabalho e que vem no seguimento do que tenho dito: falta nas nossas escolas um trabalho orientado para o desenvolvimento das capacidades imaginativas das crianças associadas à leitura. Reconheço que o meio em que a criança se desenvolve exerce uma enorme influência sobre ela, mas parece-me que quando o meio é pobre, intelectualmente e culturalmente, o papel da escola é fundamental para mudar essa realidade usando os instrumentos necessários para a contrariar.

A escola tem uma grande responsabilidade na aprendizagem da leitura, todavia ela é apenas uma parte do processo. Há factores sociais, económicos, culturais, que condicionam este processo, bem como as dificuldades de interpretação / compreensão do discurso narrativo ou do texto descritivo. Esta realidade leva-me a reflectir sobre as causas que conduzem a esta dicotomia de desempenho que me parece ter também a ver com a vivência das crianças fora do contexto escolar. Uma vivência mais rica, o contacto com palavras e ideias mais elaboradas na família ou no meio em que se inserem, contribuirão, por certo, para um enriquecimento de representações mentais que se reflectirão no entendimento do texto.

### 3 - Uma Perspectiva Histórica

O paralelismo com outras situações pode ajudar a compreender o que ficou por fazer em Portugal ou compreender melhor a realidade portuguesa.

A preocupação com a aprendizagem da leitura no espaço europeu, vem já de tempos bastante recuados, principalmente nos países onde se desenvolveram as ideias luteranas da reforma. A necessidade de conhecer os textos bíblicos e a tradução desses textos para a língua materna vem desenvolver as práticas da leitura. Essa prática vai reflectir-se ao longo dos séculos na consciência de que a leitura é essencial para o desenvolvimento das sociedades e das nações.

Desde o século XVII, senão antes que é visível essa preocupação e os resultados estão à vista: apesar das dificuldades que os tempos modernos trazem em matéria de analfabetismo funcional, a Europa continua a manter altos níveis de sucesso escolar como é visível no PISA 2003.

Para esta reflexão analisei duas obras de autores franceses. A primeira *Pratiques de la lecture*, é constituída por vários textos sobre a leitura e a escrita nos séculos XVII, XVIII, e XIX em França e na Europa que aderiu à reforma protestante do século XVII.

*Pratiques de la lecture* é o resultado de um encontro entre nove investigadores em Ciências Sociais, interessados nos problemas da leitura, que se reuniram em Setembro de 1983, em Saint Maximini. Os textos abordam várias perspectivas de ver o acto da leitura e da escrita, tendo sempre presente os

aspectos sociológicos do acto de ler e escrever. A obra é da responsabilidade de Roger Chartier que intervém também como autor.

— Dos textos que compõem esta obra selecionei seis que me pareceram ser aqueles que melhor servem o meu interesse para a recolha de ideias e estudo de situações que me ajudem a reflectir sobre o tema que me proponho estudar.

Poderá parecer de imediato existir alguma anacronia nesta semelhança, pois pretendo tratar na minha tese uma realidade do século XXI e aqui sou confrontada com uma realidade dos séculos XVII, XVIII e XIX. Com efeito, embora à primeira vista pareça esta minha opção fora de contexto, a verdade é que estou convencida que apesar desta aparente anacronia, as realidades não são assim tão diferentes, quando pensamos estudar hábitos de leitura em Portugal, no século XXI.

A partir dos diversos textos que compõem a obra *Pratiques de la lecture*, poderei colocar várias questões sobre o tema que pretendo desenvolver neste trabalho: Afinal o que é a leitura? O que leva as pessoas a ler? Porque é que consideramos que ter hábitos de leitura é tão importante?

Como bibliotecária penso na realidade que me rodeia, constituída por uma enorme quantidade de jovens que abandonam o ensino logo que lhes é possível, geralmente no final do 9º ano, para tentar ingressar no mercado de trabalho. Muitas vezes lograda esta tentativa, ficam desocupados, vagueiam pelos cafés, vêem televisão ou ocupam-se com jogos de computador. Não lêem, porque nunca criaram hábitos de leitura, nem pensam em se valorizar profissionalmente frequentando outros cursos, actualizando-se, criando competências que possivelmente os ajudaria a entrar no mercado de trabalho. Adoptam uma atitude absolutamente passiva, esperando que alguém, normalmente o Estado, lhes resolva a situação com um emprego ou subsídio, para que possam receber no final do mês algum dinheiro que lhes permita adquirir os bens que consideram de primeira necessidade: a moto, o carro, roupas de marca, etc.

Como pretendo demonstrar na minha tese, esta prática de muitos jovens portugueses tem também a ver com a falta de hábitos de leitura. A leitura é nuclear e à volta dela gira todo um conjunto de solicitações culturais que enriquecem o indivíduo. Não o torna obrigatoriamente numa boa pessoa, sensível aos problemas dos outros, desejoso de praticar o bem, participando civicamente na comunidade em que se insere. Não, já concluímos há muito tempo que não é o

facto de uma pessoa gostar de ler que faz dele o cidadão ideal. Então porquê a importância de gostar de ler e ter hábitos de leitura quando abandona os estudos?

O jovem que abandona o ensino sem ter criado hábitos de leitura, qualquer que ela seja: informativa, ficção, mesmo tendo sido um aluno razoável, regride rapidamente, porque progressivamente vai esquecendo o que aprendeu, porque não pratica e não se sente motivado para procurar informação que lhe permita continuar a aprender, e a enriquecer-se culturalmente. Esta situação tem a ver com variáveis que consideramos neste processo e que constituem um ciclo vicioso na realidade portuguesa.

A criança cresce num meio onde os hábitos de leitura são incipientes, poderá ter acesso a Biblioteca Pública e Escolar e em casa poderá haver até alguns livros, mas a criança não tem o exemplo dos pais que, em alguns casos, lhe lerão uma história à noite antes de adormecer, mas que também não praticam habitualmente a leitura. A mãe vê telenovelas, o pai o futebol, ou o cinema sem critérios de qualidade. A música de qualidade (clássica ou não), está afastada. Em casa as conversas são absolutamente banais e os "intelectuais" são vistos como uma raça a abater porque são uns "chatos". O acesso à dança, à ópera, ao teatro ao vivo é quase impossível e na televisão, o pouco que aparece, é merecedor de um rápido "zapping", antes que sejam contagiados!

O que quero dizer é que a envolvente cultural, e a leitura mais não é do que uma destinação, é absolutamente posta de parte. Ler ficção pode ser, no entender de muitos pais, um perfeito atentado ao sucesso escolar, porque o filho deve estudar os manuais, memorizá-los de fio a pavio, para ter êxito nos testes. Para muitos Pais o fundamental é que o filho estude, não há tempo para fazer uma leitura de prazer, para reflectir sobre um texto, para além do que o texto diz. É preciso estudar, não sobra tempo para mais nada.

Na escola também não existem espaços para a leitura. Desde o ensino básico que a leitura é um parente pobre da escola. Os professores têm de dar o programa, não é possível perder tempo com a leitura que não seja os pequenos fragmentos desgarrados que o manual contém.

Terminados os estudos, para o jovem, o apelo à leitura acabou, porque já não é preciso estudar. Não ficaram marcas suficientes dos anos de trabalho. O ler e o escrever é rudimentar. Os textos difíceis são uma "chatice" e é melhor esquecê-los; ficam as notícias desportivas e os títulos de alguns artigos em



jornais. Livros são todos uns “calhamaços”, mesmo que tenham apenas 50 ou 60 páginas. A Matemática, a História, as Ciências Naturais estão cada vez mais distantes das exigências do dia a dia. O saber acumulado nos anos de estudo, serve-lhe de bem pouco.

Afinal que falta lhe faz a leitura? Ele sabe ler. Por vezes é complicado preencher um impresso ou perceber o que “raio” quer dizer certo texto mais complexo. Mas não é um analfabeto! Andou na escola e nem foi mau aluno. Apenas se cansou de estudar e a verdade é que os pais e os amigos, que não estudaram tanto como ele, arranjam emprego e até vivem bem.

É esta realidade que eu pretendo pôr em confronto com a de alguns países europeus e em especial com a francesa e reflectir sobre a dificuldade que os nossos jovens têm no descodificar do texto escrito e as razões que levam a que isto aconteça, utilizando um número muito alargado de hipóteses que procurarei dissecar na minha investigação.

### **3.1 - As Dificuldades da Aprendizagem**

No texto intitulado “La lecture e ses difficultés” (Bresson, 1993:15) o autor, professor na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, disserta sobre as dificuldades de aprender a ler e escrever nas várias formas da escrita - ocidental e oriental – escrita alfabética, ideográfica ou silábica.

O autor parte do problema da dislexia, para defender a tese de que as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita surgem das formas do grafismo e da sua organização sequencial no texto. Escrita e palavra, grafismo e reprodução do sentido da palavra, correspondência entre escrita e leitura.

Da oralidade à palavra escrita, a criação do alfabeto, a adaptação dos sons aos caracteres alfabéticos, a facilidade com que a maioria das crianças aprende a escrever e a ler, tudo isto é uma maravilha da humanidade, mas é também um fenómeno social fruto de uma civilização que cria dentro de si a necessidade de comunicar e de conservar memórias.

A linguagem realiza-se através dos sons, aprendemos a falar a partir de sons. A adaptação da oralidade à escrita é muito complexa e tem a ver com o código escrito, mas também com as nossas próprias capacidades de articular

sons. Patologias congénitas limitam em alguns casos a capacidade de assimilar sons e reproduzi-los na escrita, como acontece com a dislexia.

Passar da oralidade à escrita e desta à leitura é um processo que tem a ver com o próprio desenvolvimento do homem enquanto ser social pensante. A escrita como uma mecânica de articulação de signos que reproduzem sons é a verdadeira revolução da história da humanidade, porque vai permitir um desenvolvimento a nível intelectual, determinante para o progresso das ideias e consequentemente afirmação do homem.

É, pois, esta ligação entre sons, escrita e sentidos ou significados que estão na base de toda a problemática da leitura. Quando lemos, fazêmo-lo porque conhecemos o código e dominamos o mecanismo da leitura, mas também porque conseguimos atribuir aos diversos sons o seu verdadeiro significado.

Com efeito o ler e dominar o mecanismo da leitura não é suficiente para atingir o verdadeiro objectivo da leitura que é a compreensão das ideias expressas no texto. Bom, mas esta é outra questão que abordaremos mais à frente, pois neste primeiro texto a preocupação fundamental é com os mecanismos da leitura ao nível dos problemas da aprendizagem e da aquisição da capacidade de leitura.

A questão da leitura em voz alta e a passagem histórica para a leitura em voz baixa é, neste texto, também abordada no sentido mecânico do processo, sendo um aspecto essencial para a compreensão do mecanismo da aprendizagem da leitura. O domínio desta prática permite que mesmo sem som, lendo com o olhar, consigamos "imaginar" os sons verbalizados e organizar as palavras de forma harmoniosa. É na poesia, penso eu, que este fenómeno é mais evidente, em que mesmo sem pronunciar as palavras lhes conseguimos saborear a melodia e o encadeamento dos sons.

Este texto de François Bresson é muito interessante porque é quase um "aperitivo" para o que vem a seguir. Parte dos mecanismos da leitura na sua fase fisiológica que tem a ver com as capacidades de decifração e reprodução física das palavras, sem ter em conta a carga sociológica e histórica que permite construir um universo de leitura que ultrapassa já todo o processo mecânico e esta já a outro nível, o das sensações.

### 3.2 - Auto-aprendizagem ou Gosto Genético

O segundo texto "L'autodidaxie exemplaire. Comment Valentin Jamerey-Duval apprit-il à lire? » (Hébrard, 1993:29) é também um texto de suporte a algumas ideias que pretendo desenvolver e que tem a ver com a capacidade de aprendizagem e de auto-aprendizagem.

A auto-aprendizagem da leitura e da escrita é um fenómeno sobre o qual Jean Hébrard reflecte neste texto.

O gosto pela leitura será um fenómeno natural?

A sociologia da leitura é aqui posta em evidência. Será que o meio onde nos movemos desde criança, nos predispõe para a aprendizagem da leitura? Será a aprendizagem da leitura e da escrita apenas um reflexo de uma prática cultural que já vivemos?

Que fenómeno levará um adolescente a querer dominar a leitura, que lhe foi negada pelo ambiente social que vivia? A predisposição que revela tem a ver com o seu passado? Será que o prazer de ler, aprender, conhecer coisas novas é uma predisposição inata e se associa a pequenos chamamentos que vão criando no interior de cada um essa necessidade? Sabemos que não é tão linear, pois se assim fosse, este gosto e esta prática seriam quase naturais e obviamente não nos trariam tanta preocupação.

A leitura é algo muito complexo que passa para além da simples mecanização de aprender regras. Sendo assim ela tem a ver directamente com a antropologia e a sociologia do meio em que o homem se move.

No caso desenvolvido neste estudo, no início do Século XVIII, é evidente a influência que a Igreja tem sobre as populações. Há um primeiro contacto com a leitura através das orações e da aprendizagem do catecismo. A memorização das orações e da doutrina da Igreja é um primeiro passo que pode de alguma forma despertar para a vontade de poder aceder, ele próprio, sem intermediários, aos textos que certamente lhe despertam a atenção e lhe alimentam a imaginação.

Não havendo escola na sua terra natal, como o texto deixa perceber, sem livros disponíveis e sem hábitos de leitura em casa, restaria ao jovem Valentin as orações e o catecismo para lhe despertar esta apetência para a leitura.

"Mon instruction consista à m'apprendre l'oraison dominicale, en latin et en mauvais françois, avec quelques autres prières qu'on eut soin de m'expliquer par plusieurs élégantes versions en patois. On en fit de même à l'égard du catéchisme et a force de m'en répéter des fragments, je parvins à scavoir confusément qu'il y avoit un Dieu, une Église et des sacrements » (Hébrard, 1993:20)

Parece-me que esta apetência terá muito a ver com a idiossincracia de cada pessoa. Haverá todavia vários factores que a poderão influenciar, o meio em que crescemos, uma pessoa que nos influenciou, um texto que lemos, a capacidade de sonhar, de imaginar, a sensibilidade para as artes, para o belo. Vários caminhos poderão conduzir a esse desejo de aprender a ler e a escrever.

É um processo doloroso o da aprendizagem da leitura! Sendo que só aqueles que sentem dentro de si essa necessidade premente, fazem um esforço para aprender nas condições mais desfavoráveis. A necessidade de conhecer outras ideias, outras formas de olhar, obriga-os a aprender a ler e escrever.

O exemplo que é transmitido neste texto, não está, no entanto, tão distante como poderíamos imaginar. Actualmente há crianças e jovens que desenvolvem esforços significativos para aprender a informação, para poder ler porque gostam, porque sentem prazer e outros há que tendo as melhores condições não se sentem despertados para procurar o prazer de ler.

No jovem Valentin este desejo está sempre presente pois ele procura nos seus caminhos encontrar os meios que lhe permitam atingir os objectivos que no fundo o levaram a sair de casa e a abandonar a sua aldeia. No seu percurso ele procura constantemente lugares onde a existência e hábitos de leitura lhe permitam criar as condições para atingir os seus objectivos.

"Je remarqué en vous un gout decide pour l'examen et pour la vérité qui pourra un jour etre avantageux et vous tirer de la triste condition ou vous etes. Tachés seulement de mettre a profit les heureuses dispositions que la nature vous a accordés et pour cela vous ne devez pas manquer d'apprendre a lire aussytot que l'occasion s'en presentera." (Hébrard, 1993:53)

Diz-lhe um venerável eclesiástico que encontrou no seu caminho e cujo vaticínio se veio a concretizar. Valentin entra então numa zona geográfica onde o nível de alfabetização é mais elevado. Aqui ele encontra livros que não são já os catecismos. A Biblioteca Azul é aqui acessível. O controlo exercido pela igreja não é tão efectivo.

É possível fazer outras escolhas, outras leituras. As bibliotecas, que começam a sair dos conventos e a abrir-se às populações, começam a desempenhar um papel determinante no processo de alfabetização/ escolarização.

Mas os tempos são difíceis e a palavra escrita, como, aliás vem acontecendo até hoje, é vista sob várias perspectivas, dependendo dos poderes políticos e eclesiásticos. Nestes tempos, no território em que o jovem Valentin se movimenta, o poder da Igreja é muito forte e os livros que não fossem catecismos ou livros piedosos, eram vistos com alguma desconfiança, o que em muitos casos se tornava ruinoso para os leitores. É interessante verificar como Valentin se protege. É suficiente verificar os títulos dos livros que constam da sua lista para verificar um trajecto ambicioso mas prudente, próprio de gente inteligente como seria sem dúvida Valentin Jamerey-Duval.

### **3.3 - Uma Abordagem à Sociologia da Leitura**

O texto de Roger Chartier «Du lire au livre» (Chartier,1993:79) aponta alguns caminhos para a construção de uma história da leitura. Tarefa difícil, porque, como o autor diz «De ces pratiques plurielles, la connaissance est sans doute à jamais inaccessible puisque nulle archive n'en garde la trace». De facto avaliar quem lê, o que lê e em que condições o faz, não é fácil.

Os arquivos são escassos e poderão ser falaciosos, no sentido de não permitirem uma leitura correcta da realidade. Os inventários dos livros publicados no país, ou os inventários pessoais podem dar uma ideia desta realidade nos séculos XVIII e XIX, em França, também a história da edição pode dar um contributo para este estudo. O século XVIII conhece um desenvolvimento do uso do impresso sem precedentes. No entanto como fazer a investigação? Que fontes utilizar? Muitos dos livros não são editados em França, por outro lado o leitor tem um acesso muito diversificado ao impresso através das bibliotecas, dos gabinetes de leitura, que neste século começam a aparecer e recorrendo ao empréstimo entre amigos e famílias. A leitura em voz alta é também uma forma de acesso. Os elementos de estudo são extremamente frágeis. Por outro lado os inventários são fontes que perdem interesse para estes estudos, já que os livros se vulgarizam e deixam de ser contabilizados.

Mas uma história da leitura não se constrói apenas de estatísticas de leitura. Chartier investiga à volta da sociologia da leitura analisando quem tem capacidade para ler um texto.

A aprendizagem faz-se a partir dos textos religiosos em casa através das leituras feitas pela mãe ou por alguém geralmente do sexo feminino. Este facto leva-nos a perceber que havia mulheres nos séculos XVII e XVIII que sabiam ler. No entanto são menos alfabetizadas, sabem ler, mas não sabem escrever. Verifica-se pelas listas de assinaturas nos casamentos que, uma percentagem muito elevada de mulheres não sabe assinar, ao contrário dos homens que em larga percentagem sabem assinar o seu nome.

A leitura faz-se em casa em voz alta, em família. Estes hábitos embora se vão perdendo à medida que a leitura se torna mais privada, principalmente numa elite mais instruída e com maior nível económico, são determinantes para criar nas famílias esse gosto pela leitura que passou de geração em geração e que continua a ser um suporte dos hábitos e gosto pela leitura em países onde uma larga percentagem da população lê.

Um dos aspectos interessantes e que importa referir é a diferença dos textos lidos nas zonas em que a Igreja católica exerce mais influência. Para os católicos, os fiéis não devem ter acesso directo aos textos sagrados, mas conhecê-los através da hierarquia da Igreja. Ressalta daqui um menor apelo à leitura que dita as diferenças entre o desenvolvimento da capacidade de leitura entre estas áreas e as zonas onde o protestantismo impera, nomeadamente a Inglaterra e a Alemanha. No entanto as ideias difundidas pela Reforma estão por todo o lado e há um grande movimento de pessoas que acaba por estabelecer corredores de informação que de certa forma vão "furar" esta limitação.

O século XVIII segue um caminho que começou a ser traçado muito antes e a leitura evolui para uma leitura silenciosa, íntima, pessoal. O ler com os olhos é uma conquista de quem domina muito bem, as técnicas da leitura. Há uma interiorização do sentido do texto que provavelmente a leitura em voz alta não permitia. É a tal passagem da leitura mecanizada, em que a palavra, a frase diz o que se lê; para a leitura que passou essa barreira e vê para além do que está escrito, faz a sua própria leitura, dá o sentido ao texto que a cultura do leitor, os seus conhecimentos, a sua sensibilidade, lhe permitem.

O que se lê, como se lê? No século XVII a produção editorial é muito baixa em França. Certamente haverá poucas pessoas a editar. Os títulos são poucos e com o controlo da Igreja, não há muito por onde escolher, daí que se leia muito a mesma coisa. É uma leitura intensiva em que se lê até à exaustão os mesmos textos. À medida que vamos caminhando para o século XVIII começa a haver mais livros disponíveis. A escrita e a leitura tornam-se mercadoria de consumo, o aumento geral da alfabetização, a crescente participação das mulheres no mercado da escrita e da leitura, o desenvolvimento de jornais e revistas e o aparecimento do romance como novo género literário, leva a que as leituras sejam cada vez mais diversificadas, principalmente nas cidades onde ter uma biblioteca é sinal de riqueza. A leitura torna-se extensiva. O livro profano impõe-se à leitura de textos religiosos. É uma nova sociologia da leitura.

Outra fonte interessante que o autor refere para levantarmos um pouco o véu da presença da leitura nesta sociedade, é o recurso aos retratos da época. Os pintores desta época retratam a prática da leitura a partir dos seus quadros. Principalmente a figura feminina é objecto de grande interesse por parte dos pintores que pintam cenas de intimidade e recolhimento em que o livro está presente. Estas imagens, talvez mais que as fontes escritas dão-nos ideia da forma como se lia no século XVIII. A sociedade cria dentro de si condições, tanto a nível psicológico como físico, para o desenvolvimento deste tipo de leitura. Uma leitura intimista, geralmente feita na privacidade dos aposentos, cujo mobiliário também se adapta a esta realidade.

Nas zonas rurais a prática desta leitura não é tão evidente. Aqui a leitura continua a ser feita em voz alta, no seio das famílias e os temas são ainda os religiosos: livros sobre a vida dos santos e leituras da Bíblia. Nas classes rurais os livros passam de pais para filhos e são considerados uma riqueza que se deve a todo o custo preservar e por esse motivo são incluídos nos inventários de família. Este costume tende, no entanto a desaparecer com a crescente vulgarização do livro, como já foi dito.

A oferta de livros é cada vez mais diversificada. O livro impresso circula, mas a sua apropriação continua incipiente. O próprio comércio do livro sofre alterações. Os impressores fazem edições mais baratas em papel de menor qualidade que servem uma clientela de menores posses, enquanto que as classes mais ricas exigem qualidade, livros ricamente encadernados, impressão

de grande qualidade. Nesta época o livro é sacralizado pela sua ainda raridade, é um bem inestimável para todos.

O aparecimento da Biblioteca Azul, que vem já do século XVI é um fenómeno muito significativo na história da leitura. Os textos da Biblioteca Azul são textos que haviam sido editados e que são depois reeditados, sofrendo o texto alterações a fim de o tornar mais acessível ao grande público. Daí a grande variedade de temas, dentro das reais limitações que o mercado editorial oferece nesta época. A selecção de textos obedece a critérios que colocam, em primeiro lugar a possibilidade que determinado texto tem de se tornar absolutamente popular. Eles têm de alimentar a devoção popular, a imaginação e também devem ser úteis e a sua estrutura tem de ser simples porque se dirigem a um público limitado culturalmente. Os textos são trabalhados em função dos leitores a quem se dirigem, tornando-se mais simples de entender pela linearidade do texto que o torna mais atractivo. Vendido para o grande público estes livros servem uma população que não é a elite que adquire as grandes obras e que serve de inspiração aos pintores seus contemporâneos, mas é a maioria da população e que assim tem acesso ao livro e à leitura tornando estes absolutamente massificados.

### **3.4 - A Leitura dos Sentidos**

Jean Marie Goulemot em "De la lecture comme production de sens" (Goulemot,1993:115) fala de uma leitura cultural, como produção de sentidos, de compreensão e de prazer. Para o autor a leitura seja ela popular, erudita, ou letrada é sempre produtora de sentidos, de sensações.

«Lire, c'est donc constituer et non pas reconstituer un sens. La lecture est révélation ponctuelle d'une polysémie du texte littéraire.»

Goulemot pretende com este texto entender a leitura sob o ponto de vista do leitor, as situações de leitura e os factores que as determinam, assim ele define leitor na sua ligação com o texto através de uma fisiologia, uma história e uma biblioteca.

A postura física que assumimos quando lemos, sentados num sofá ou numa cadeira, à mesa ou secretária, em locais públicos ou na intimidade, dá alguma indicação da atitude que assumimos perante a leitura. Como se lê, em



que locais. Lemos na mesma posição física um romance, banda desenhada, um livro de estudo, ou poesia? A leitura e as emoções que ela nos pode proporcionar revelam-se na forma física como lemos?

"Il ya une dialectique inscrite dans l'histoire du corps e du livre", diz Goulemot.

Contudo esta atitude física que assumimos enquanto lemos, passa para além de próprio texto porque tem a ver com o nosso próprio percurso, com a nossa sensibilidade; com a forma com que vemos o mundo a partir dos nossos próprios conhecimentos. Nós somos como que uma caixa de ressonância de tudo o que nos envolve e reagimos de acordo com a nossa sensibilidade através do olhar com que vemos o mundo, à dimensão com que o conhecemos. Isto leva-nos a uma apropriação muito singular da interpretação, do sentido do texto que lemos e a atitude física que assumimos ao ler, revela ~~essês~~ ~~sentimentus~~.

Há um percurso. Um percurso histórico que nos constrói como cidadãos e que nos marca na nossa forma de pensar de ver os acontecimentos, de reagir perante um texto. Este está para além das palavras que o compõem, o texto dos sentidos, dos nossos sentidos que condicionam inexoravelmente a leitura que fazemos, à luz da história cultural de que fazemos parte.

O mesmo texto lido em épocas e situações diferentes desperta em nós sentimentos diversos. É essa a riqueza do texto e da leitura e parece-me que também poderemos dizer que é um bom texto, aquele que desperta em nós sensações novas e permite vários olhares. Poderemos dizer que um bom texto literário é aquele que permite várias leituras. E esta é a riqueza da arte seja ela qual for.

A leitura de um texto não se faz isolada de outros textos. É precisamente esse percurso de que falava à pouco e pelo qual nos vamos construindo a partir das leituras que fazemos. A intertextualidade está presente sempre que lemos ou escrevemos.

Outros livros que já lemos, outros textos que estudámos, outras vivências culturais estão presentes porque interiorizamos essas ideias que depois desabrocharam dentro de nós e nos permitem perceber outros significados, outros sentidos.

"Lire, ce serait donc faire émerger la bibliothèque vécue, c'est-à-dire la mémoire des lectures antérieures et des données culturelles.» (Goulemot, 1993:122)

Esta noção de biblioteca, que não é a biblioteca física que guarda e disponibiliza as fontes do saber, é como que um enorme arquivo que guardamos dentro de nós e que suporta a informação, as sensações que vamos recolhendo ao longo da vida. Mas é também um arquivo colectivo que nos insere numa comunidade e numa cultura em que nos movimentamos e onde aprendemos "comunitariamente" experiências que fazem parte de um percurso de vida. As experiências que vivemos fisicamente e aquelas que vivemos através dos livros que lemos e da informação que nos chega, alimentam e constroem as nossas convicções.

"Louis Marin a écrit que le récit est un piège, j'ajouterai qu'il est une mécanique à produire des *effets* et que la lecture est en fin de compte la mise en branle de cette machine dans une confrontation avec le corps, le temps et la culture acquise." (Goulemot, 1993:125)

Esta biblioteca interior que se alimenta e nos alimenta através do texto lido, mas também de outras formas de arte que nos sensibilizam e enriquecem e ainda de toda a nossa vivência social e cultural; é, com efeito, o suporte daquilo a que chamamos civilização.

### 3.5 - Será o leitor também autor?

O texto de Robert Darnton «La lecture rousseauiste et un lecteur «ordinaire» au XVIII<sup>e</sup> siècle» (Darnton, 1993:161), começa com uma afirmação: «la lecture reste mystérieuse». Afinal o que é a leitura? No século XVIII, como nos dias de hoje, a pergunta pode ser semelhante sem cair em anacronismos certamente perigosos.

Robert Darnton investiga um conjunto de 47 cartas, arquivadas na Société Typographique de Neuchâtel. As cartas foram escritas por Jean Ranson, grande admirador de Jean-Jacques Rousseau. O autor pretende a partir do estudo deste caso avaliar ou reflectir sobre o universo mental dos homens do século XVIII e daí chegar a algumas conclusões sobre a forma como se lia nesse século.

As leituras preferidas de Ranson, a avaliar pelos elementos recolhidos neste estudo, estão ligadas à Religião, à Literatura e aos livros de Pedagogia, o que deixa algumas pistas para os temas editados na segunda metade do século XVIII.

Este estudo permite analisar o livro sob diferentes ângulos: o aspecto físico, o livro como objecto e os conteúdos. O aspecto físico do livro tem uma grande importância. Como já referi noutro contexto, todos aqueles que têm poder económico procuram enriquecer a sua biblioteca adquirindo livros com boa encadernação e impressão, que poderá mesmo suplantar a importância do texto.

Este conjunto de cartas também permite analisar outros aspectos, difíceis de trabalhar com os elementos geralmente disponíveis nas investigações. Jean Ranson aprende a ler a partir de um manual "Les vrais Principes de la lecture" de Nicolas- Antoine Viard. Este manual é na época muito difundido em França como meio de aprendizagem da leitura porque desenvolve uma técnica a partir de ligações do símbolo tipográfico, ao som que lhe é atribuído, partindo das letras para as sílabas, palavras e frases. Esta aprendizagem faz-se oralmente e só mais tarde se passa para a aprendizagem da escrita.

A investigação de Robert Darnton sobre : "Les vrais Principes de la lecture" dá assim pistas para o conhecimento da aprendizagem da leitura, mas não só. Este manual é também um guia da moral e de conselhos práticos. A aprendizagem da leitura é também a aprendizagem da vida. Para Viard, o autor do manual, a moralidade e a leitura devem seguir paralelamente. As ideias aqui defendidas estão muito próximo das de Jean-Jacques Rousseau, embora este considere a aprendizagem da leitura um processo natural que a criança apreende em contacto com os livros. Citado por Darnton, Rousseau diz:

"Je ne sais comment j'appris à lire; je ne me souviens que de mes premières lectures et de leur effet sur moi : c'est le temps d'où je date sans interruption le conscience de moi-même." (Darnton, 1993:171)

Esta teoria de Rousseau tem a ver com a relação do autor com o leitor e deste com o texto. A leitura forma consciências, orienta vontades, cria modelos. A relação entre o autor e o leitor, e o leitor com o texto, é uma questão pouco pacífica e que tem a ver com o papel que o autor desempenha e que se esbate perante o leitor. Será o leitor também autor?

Quando lê um texto, o leitor é também autor porque interpreta o texto pelo seu próprio olhar. O leitor tem assim uma relação pouco pacífica com ele. O texto que é formado por palavras que são graficamente imutáveis ao longo dos anos, tomam diferentes formas de expressão de acordo com a sensibilidade e com o "currículo" intelectual do leitor. Voltando àquela afirmação inicial de Robert

Darnton: "La lecture reste mystérieuse", poderemos confirmar esta afirmação seguindo o pensamento de Darnton sobre o livro de Jean-Jacques Rousseau "Le Nouvelle Héloïse". Será Jean Jacques Rousseau o autor das cartas apaixonadas que compõem este romance, ou será apenas o compilador que reuniu no livro as cartas dos dois amantes? O texto parece dirigir-se a um público muito particular que Rousseau pretende atingir. Segundo Darnton, o autor dirige-se directamente ao leitor e o leitor sente-se também autor. O autor é fisicamente também uma referência para o leitor. É o que acontece com Ransom, admirador de Rousseau, em que a vida privada do seu ídolo, os seus gostos particulares, o meio que o rodeia, são referências cheias de significado que suscitam tanto interesse como os seus textos.

A verdade é que muitos dos textos de Rousseau têm a ver com novas formas de ver e explicar a vida, de pensar a vida familiar, de valorizar atitudes (como a amamentação materna) e produzem outras maneiras de ver a criança. Os seus textos tornam-se propriedade de muitos franceses que adoptam as suas ideias na sua vida familiar. Provavelmente Rousseau inspirou-se, para escrever os seus livros, na vida social dos seus contemporâneos que lhe serviram de modelo para as personagens dos seus romances. Quer dizer que Rousseau leu o que estava à sua volta e assim deu aos seus leitores novas perspectivas para problemas / vivências que lhes eram familiares. A dualidade autor / leitor serve de fundo à afirmação inicial: "la lecture reste mystérieuse".

Outro aspecto interessante desta forma de ler no século XVIII tem a ver com a importância que a Infância assume. No inventário dos livros de Ransom, contamos 18 livros de Pedagogia ou ligados à Criança. Isto significa que a leitura está muito ligada à vida e aos problemas reais, morais, familiares, ou outros, mas ligados à vida real.

### **3.6 - A Massificação da Leitura e os Poderes**

O século XVIII é o século da escrita. Daniel Roche fala em "Les pratiques de l'écrite dans les villes françaises du XVIII<sup>e</sup> siècle" (Roche, 1983:201) do grande desenvolvimento da tipografia e da cada vez maior procura do texto escrito: livros, jornais, brochuras, transformam a sociedade que vive as grandes mudanças que estes tempos iluminados trazem para todos. As cidades fervilham de migrantes

que vêm dos campos à procura de melhores condições de vida. Em Paris, a escrita está presente em toda a parte, em todos os actos. São cada vez mais numerosos os que sabem escrever e saber escrever é sinónimo de cultura de riqueza, de civilidade.

Quem lê e escreve na cidade é a questão colocada por Daniel Roche neste texto. Quem pode ler e escrever na cidade? Sabemos que a percentagem de homens e mulheres que no final do século XVII assinam o seu testamento é de 85% e 60% respectivamente, e a meio do século XVIII é de 90% e 80%, embora nas zonas rurais a percentagem não seja tão elevada. Contudo, as pequenas cidades, principalmente a norte e este de França, onde a influência da Reforma mais se fez sentir e onde a alfabetização é uma preocupação desde o século XVI, têm já uma boa percentagem de homens e mulheres que sabem assinar.

Sendo assim estão criadas as condições para que a escrita se desenvolva rapidamente e passe a ser um meio por excelência de divulgação de informação através de textos, livros, jornais, panfletos, não já sob a alçada da Igreja, mas dos "livres pensadores", dos grupos maçónicos, de uma nova geração de iluminados que vão transformar a França monárquica, numa nova nação.

"Toutes les villes son productrices et consommatrices de livres, de brochures, voire de journaux, toutes les villes, à tout le moins les grandes métropoles régionales, apparaissent comme des carrefours de diffusion de la novation des savoirs e des pensées, et en même temps, des chefs-lieux de la tradition, tradition religieuse, tradition universitaire et pédagogique. La ville constitue un univers culturel original où l'écrit joue son rôle même pour ceux qui ne le déchiffrent pas ». (Roche, 1983 :201)

A fortuna, a profissão e as origens familiares têm uma grande importância na aquisição da competência da escrita. Contudo o mercado de trabalho é cada vez mais exigente e os analfabetos são cada vez mais excluídos. Os grupos marginais, onde se encontram os malfeitores, os delinquentes e as prostitutas, são grupos, não alfabetizados que não sabem assinar o seu nome.

A Igreja Anglicana tem uma grande parte do mérito deste processo de alfabetização. São abertas escolas junto das Igrejas, Catedrais e de Hospitais, que nascem da iniciativa dos fiéis. Estas escolas têm como objectivo ensinar as primeiras letras mas também disciplinar e de certa forma controlar grupos que chegam à cidade e que ficam fora de controlo. É um processo de aculturação que vai contribuir para a integração destes grupos.

Mas o documento impresso não é o único que circula pela cidade. À margem dos livros e dos jornais há uma miríade de manuscritos políticos, escandalosos, mas também administrativos, que tomam o dia a dia dos Parisienses. Os correios, que também se desenvolvem nesta época, encorajam a troca de correspondência. As cartas dirigidas a familiares, ou entre possíveis negociantes, cartas a editores como vimos no texto anterior e até cartas amorosas, permitem estudar sensibilidades e tendências. A epistolografia é, pois, uma fonte de grande interesse e que pode contribuir para o estudo desta época.

A maçonaria é também, à época, um agente muito importante de alfabetização urbana. É obrigatório que os seus membros saibam escrever, aliás, o não saber escrever é uma limitação que impede muitos dos irmãos de ascender a cargos mais importantes.

"Le vrai maçon, outre une réputation et de mœurs irréprochables, doit, dès le XVIII<sup>e</sup> siècle, posséder assez d'instruction pour comprendre les vérités et les mystères maçonniques." (Roche, 1983:215)

A escrita domina toda a estratégia política e social. Há uma circulação clandestina de manuscritos, uma literatura cinzenta que circula à margem de todos os circuitos. Subversiva, ela é muitas vezes perseguida e destruída pelo poder político. Existe também toda uma escrita pública nas ruas, que orienta, explica, anuncia, são letreiros, anúncios, informação, mas também ditos heterodoxos que acicatam a fúria da polícia que em alguns casos persegue os suspeitos de atentarem contra a ordem pública. A rua é também uma grande escola, onde o hábito de afixar informação é aproveitado para ensinar e dar bons conselhos. A afixação de anúncios é mais um passo para a transformação da cidade num grande palco de informação, onde os cartazes, avisos públicos, as folhas que passam de mão em mão clandestinamente, remetem para esta necessidade premente de saber ler. A atribuição de nomes às ruas, é outra das inovações que a prática da escrita implanta em França. Todas estas aplicações da escrita denunciam uma familiaridade cada vez maior com esta prática e traduz formas de aculturação urbana que é apanágio do século XVIII.

Os inventários passam a ser um meio de avaliação de posse do livro, pouco fiel. À medida que ele se vulgariza e se transforma num produto de consumo torna-se mais frágil mas também mais acessível o que o transforma

num bem que deixa de ter tanto interesse transmitir em herança, embora nos campos ele continue a ser um bem precioso e a passar de pais para filhos. Com a abertura de cada vez mais bibliotecas o livro é também mais acessível através do empréstimo ou adquirido a caixeiros viajantes. Por outro lado, a cada vez maior quantidade de documentos manuscritos que aparece nos inventários, denota a burocratização da vida social, por um lado, mas também a importância que a palavra escrita assume na vida particular de cada um. Este facto assume cada vez maior relevância nos estudos sobre esta matéria.

A literatura cinzenta, dificilmente inventariada, baralha todas as tentativas de apuramento de índices de leitura. Teremos de esperar pelas sondagens e pelos inquéritos do Século XX, para ter uma correcta noção da situação.

Importante por agora é a ideia de que no Século XVIII, em França, principalmente na capital, mas também nas grandes cidades e um pouco por toda a Europa protestante, a escrita, a capacidade de escrever e ler são práticas que entraram no domínio público e se vulgarizaram no bom sentido da palavra, sendo consideradas fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade que pretende viver cada vez melhor.

## Conclusão

O conjunto de textos que acabei de analisar e sobre os quais procurei reflectir, tentando dissecá-los para encontrar ideias que tenham a ver com os objectivos do trabalho que me proponho desenvolver, permitiu-me analisar várias situações relacionadas com a leitura nos séculos XVII, XVIII e XIX.

Os textos dissertam sobre a realidade francesa, que todavia é o reflexo de uma realidade que acontece em grande parte da Europa e seguem o percurso do processo de alfabetização nesse País. Tratam, sob diversas perspectivas, ideias comuns que estão devidamente investigadas e que são consensuais, repetindo em vários contextos, informação semelhante. Poderemos dizer que o conjunto dos textos que analisei é estruturalmente "redondo", ou seja, embora cada um pretenda reflectir sobre uma questão particular, verificamos que se tocam e que as conclusões dos estudos estão muito próximas.

Tentando reverter em meu favor este trabalho, gostaria de nesta conclusão tocar os pontos que me pareceram mais relevantes num processo estruturante de

desenvolvimento de hábitos de leitura que poderemos considerar um êxito a avaliar pelos níveis de literacia atingidos em França ainda hoje.

— Este conjunto de textos trata realidades do passado, contudo e como já referi: estaremos nós, em Portugal, assim tão longe dessa realidade? Em termos tecnológicos e de mentalidades, considero que sim, no entanto há analogias que poderemos retirar e que nos ajudam a compreender realidades bem mais recentes.

O desenvolvimento da aprendizagem da leitura, principalmente impulsionada nas zonas que aderiram ao protestantismo, é sinónimo de uma maior abertura de pensamento, de impulsionar o livre arbítrio, permitindo às pessoas que procurem por elas próprias os seus caminhos. A leitura enquanto prática pessoal pode ser o caminho para se ser mais livre.

A igreja exerceu, nestes países, uma influência muito forte impulsionando a prática da leitura, mas ao condicionar o acesso a textos considerados menos recomendáveis para os crentes, ela pratica uma acção redutora que não tem futuro. O homem é um ser livre que aceita mal poderes instituídos. Logo que lhe é possível livra-se deles. É uma luta contínua desde que há memória, homens que querem exercer o poder, porque querem controlar ao nível económico, ao nível das ideias, ao nível da própria liberdade individual e homens que não aceitam essas amarras e que lutam pela liberdade de pensamento, de comportamentos, para poderem dirigir a sua vida. O controlo da Igreja prevaleceu durante muito tempo, mas perdeu a sua influência à medida que os homens acreditaram na sua própria razão, mudaram a sociedade, dominaram outros homens!

No caso Português, 50 anos de ditadura e de controlo ideológico, forçosamente condicionou o desenvolvimento intelectual das populações. A falta de liberdade de expressão, a grande pobreza em que o povo estava mergulhado, principalmente nos meios mais desfavorecidos, funcionou como um obstáculo a que houvesse um desenvolvimento sustentado de hábitos de leitura. Apesar de aparentemente haver alguma preocupação, não havia projecto, nem objectivos.

O estudo deste fenómeno da leitura é fundamental para encontrarmos os verdadeiros caminhos que nos levarão a implementar hábitos e práticas da leitura, porque consideramos que este é um caminho que poderá contribuir para a emancipação do homem e a sua afirmação como ser pensante.



Por todo o lado e também em Portugal, caiu em desuso a prática da leitura em voz alta, em casa, pelo chefe de família ou por outra pessoa. Contudo, esta prática revela-se cada vez mais necessária nas estratégias da divulgação do livro e da leitura. O contar contos e histórias a crianças e a idosos, a criação de comunidades de leitores, começam a ser praticadas cada vez mais nos programas de animação da leitura.

Os textos que analisei demonstram que a origem geográfica e social pode ser determinante no sucesso da aprendizagem e da prática da leitura e da escrita. Todos os estudos antigos ou recentes referem esta realidade. Voltamos àquela ideia que apreendemos em sociologia da leitura: o meio pode condicionar o desenvolvimento cultural dos cidadãos e a escrita é também um produto cultural. Ou seja, o aquisição de hábitos e gosto pela leitura está também dependente da maior ou menor riqueza cultural do meio onde vivemos.

As elites sempre tiveram um acesso privilegiado à leitura e à escrita. A massificação do ensino não resolveu o problema da educação, como se verifica em todos os estudos feitos sobre esta matéria. O que é que falhou neste processo? As Famílias? A Escola?

O acesso ao livro e aos documentos impressos, aos meios audiovisuais e informáticos nas bibliotecas é fundamental para a prática da leitura e da escrita e consequente valorização cultural dos Portugueses. A falta desses meios compromete todos os esforços que sejam feitos para resolver os problemas da educação e da criação de hábitos de leitura nas nossas crianças e jovens. Voltamos à batida questão: Serão as Bibliotecas fundamentais para a criação de hábitos de leitura? De que forma poderão elas intervir eficazmente neste processo?

#### **4.- Estudos Sobre a Realidade Francesa**

O texto de Chantal Horellon-Lafarge e Monique Sergé "Regards sur la lecture en France", trabalha a questão da leitura no século XX, em França, com evidente incidência na segunda metade deste século. Contudo, o percurso feito no século XIX está sempre presente, realçando a importância do trabalho desenvolvido nas diversas instituições ligadas à cultura e à educação, a nível legislativo mas também a envolvimento da sociedade nomeadamente através da Igreja, dos grupos maçónicos e das novas ideias liberais.

Os autores partem dos inquéritos e sondagens feitas ao longo dos anos sobre os índices de leitura para a realização de estudos sociológicos que vão permitir analisar o fenómeno "leitor" através da taxonomia e da construção de variáveis que poderão conduzir a resultados credíveis sobre os hábitos de leitura entre os Franceses.

Editada em 1996, em Paris, pela L'Harmattan, a obra tem 90 páginas, incluindo uma bibliografia organizada por ano (de 1959 a 1995) dos estudos publicados pelos investigadores a partir dos inquéritos e sondagens realizados e listas desses mesmos inquéritos e sondagens.

##### **4.1 - A explosão da informação**

O suporte escrito que desde o século XVIII se vem expandindo, atinge no século XX o seu expoente máximo. A edição vulgariza-se em absoluto e chega a toda a população. Os níveis de alfabetização estão no topo. Ler é uma competência de todas as classes sociais. Na primeira metade do século ainda apenas o suporte papel: livros, revistas, jornais, na segunda metade outros suportes, vídeo, CD, CD-ROM, Internet.

A leitura torna-se uma tarefa complexa de definir. Ler em suporte papel ou ler as legendas no vídeo ou no computador, será a mesma coisa?

Esta competência ultrapassa os limites da escola e passa a depender da sociedade e das condições que os agentes envolvidos oferecem aos leitores. Autores, Editores, Distribuidores, Livrarias, Bibliotecas e Leitores são os agentes do comércio da leitura que se vem desenvolvendo desde o século XVII, mas que atinge no século XX novas capacidades.

A leitura vulgariza-se e passa a ser apropriada por todos os grupos sociais. Diversifica-se em função desses grupos, do seu contexto social e cultural. É preciso chegar a todos os grupos e aos seus interesses específicos da leitura informação, ou da leitura de prazer. Neste contexto aparece o livro de bolso que vai construir uma nova realidade junto dos leitores, principalmente os de menores posses económicas.

O livro de bolso e a sua vulgarização, que acontece nos anos 60 do século XX, vem no sentido de uma política de massificação do livro. Mais barato, editado em quantidade e com qualidade, o livro de bolso ganha rapidamente um lugar de destaque no gosto dos Franceses. De tal forma que chega a levantar algumas preocupações aos intelectuais que se sentem ameaçados pela sua vulgarização. Algumas vozes ao levantam defendendo que a cultura não é consumível e será até privilégio de alguns. Esta posição defendida por alguns intelectuais tende no entanto a esbater-se. A cultura não pode ser sacralizada nem ser apanágio de poucos. A leitura e as formas de apreensão do conhecimento têm de ser acessíveis a todos, nomeadamente os que estudam e se preparam para prestar provas. O acesso ao livro passa então a ser prática comum por parte de todos. Esta acessibilidade nas bibliotecas e nas livrarias tornou-o um produto que segue as regras do mercado. Ele é imposto pelos distribuidores, pela publicidade e o consumidor é levado a adquirir. As grandes superfícies tomam o lugar das livrarias, que perdem o seu papel de conselheiras e orientadoras da leitura.

#### **4.2 - A Importância das Bibliotecas em França**

Neste fácil acesso ao livro, as bibliotecas passam a desempenhar um papel de vanguarda, servindo públicos cada vez mais numerosos.

Inicialmente criadas para guardar os espólios dos conventos fechados durante a Revolução, as Bibliotecas detinham preciosos acervos, zelosamente defendidos por bibliotecários todo-poderosos. Com a cada vez maior vulgarização do livro e a necessidade do acesso fácil por parte de todos, as bibliotecas vão-se abrindo e disponibilizando os seus espólios através do livre acesso às estantes e do empréstimo domiciliário. Os bibliotecários passam a ser mediadores de leitura e começam a ter um papel importantíssimo na criação de hábitos de leitura.

Embora os autores da obra em estudo não desenvolvam muito este tema do papel das bibliotecas, nomeadamente as bibliotecas públicas no processo de criação de hábitos de leitura, o que se compreende pois não é esse o objectivo deste trabalho, não posso deixar de referir aqui a importância que as bibliotecas desempenham na democratização do acesso ao livro e aos outros suportes de leitura. Como os autores de "Regards sur la lecture en France" referem :

«Appréhender le phénomène de la lecture exigeait de prendre en compte le problème de l'accès au livre par l'intermédiaire des bibliothèques et des librairies.» p.19

Em 1954 é publicado o primeiro Manifesto da Unesco para a Leitura Pública o que demonstra a importância que merecem as Bibliotecas de Leitura Pública em França. Efectivamente a Rede de Leitura Pública e as Bibliotecas Escolares têm já na primeira metade do século XX as funcionalidades que fazem delas verdadeiros acessos democráticos à informação e à cultura: o livre acesso às estantes e o empréstimo domiciliário.

#### **4.3 - Inquéritos e Sondagens às Práticas da Leitura**

##### **4.3.1 - Anos 50 e 60**

A partir dos anos 50 são feitas sondagens, inquéritos e estudos sobre a leitura. Estudos empíricos que assentam em dados quantitativos e que têm como objectivo estabelecer índices de leitura entre os Franceses. A prática continuada destes estudos permite apreender as transformações que os hábitos de leitura vão sofrendo ao longo dos tempos.

As primeiras sondagens aparecem ao longo dos anos 50 e início de 60. Em 1967 e 1970, inquéritos nacionais fornecem informação detalhada sobre a maneira como se distribui a prática da leitura na população francesa. A revista *Education et Bibliothèques* (difundida pelo Instituto Pedagógico Nacional, dirigida por R. Gal), na qual participa J. Hassenforder, publica regularmente os resultados dos inquéritos, o que permite avaliar as escolhas, os gostos dos estudantes dos liceus, os aprendizes das profissões e os jovens trabalhadores. A partir das suas respostas pode-se intuir que a leitura é o seu passatempo preferido.

É interessante observar quais os intervenientes nestes estudos: Sindicato dos Editores, Universidades, Ministérios da Cultura e Educação, a sociedade civil a partir de movimentos que defendem a educação popular, representados por sociólogos como J. Dumazedier, J. Hassenforder, investigador do Instituto de Pedagogia Nacional, Robert Escarpit, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Bordeaux. É uma preocupação nacional que congrega o interesse de todos os organismos de alguma forma ligados à educação, a criação de hábitos de leitura como primeira competência da educação.

A consciencialização da importância destes hábitos é denunciada desde logo na obra de J. Dumazedier e J. Hassenforder "Le loisir et le livre. Elementos pour une sociologie de la lecture"(1959). Nesta obra a Leitura Prazer = Hábitos de Leitura, é uma fórmula existencial, no sentido da sua profundidade e da sua verdade.

A leitura é competência primeira, é a partir dela que tudo se conquista. Os estudos que ao longo dos anos vão acontecendo de forma regular, demonstram esta preocupação. Os Índices de Leitura são considerados como barómetro dos níveis de escolarização.<sup>1</sup>

#### 4.3.2 - Anos 70

Nos anos 70, os estudos sobre a leitura são menos numerosos. O sistema de ensino francês passa por algumas dificuldades de orientação. O percurso realizado nos anos anteriores é posto em causa. Por um lado o grupo de Educação Popular<sup>2</sup> que se interroga sobre os métodos usados na educação, questiona a sua eficácia na democratização da cultura.

---

<sup>1</sup> Os resultados da sondagem de 1955 demonstram que 62% dos franceses liam livros ao menos uma vez por ano (20% um ou dois livros, 15% um livro por mês, 27% um livro cada quinze dias. O romance é o livro preferido dos franceses. (cf. Lafarge e Segré, 1996:32)

<sup>2</sup> Este grupo era formado por militantes de movimentos a favor da educação popular, que defendiam o direito à educação de todos, de todas as idades e que se situavam na linha das ideias de Condorcet.

Por outro lado os sociólogos da educação escolar têm também em mãos a análise de várias mudanças no sistema de ensino: o aumento dos anos de escolaridade obrigatória, a criação do ensino secundário, o aumento de reprovações neste grupo, as dificuldades encontradas pelas crianças na aprendizagem da leitura.

Para estes estudiosos a leitura deixou de ser o epicentro do processo educativo, eles estão mais voltados para as questões sociais. Para eles são as dificuldades económicas e sociais das famílias que condicionam o sucesso escolar das crianças. As modalidades pedagógicas de aprendizagem têm de se adaptar às dificuldades de aprendizagem dos jovens de classes mais desfavorecidas.

Pierre Bourdieu na sua obra "La Distinction" (1979) vem cortar com esta linha e coloca de novo a tónica na importância da leitura e da criação dos hábitos de leitura.

Recomeça assim o trabalho sobre a sociologia da leitura baseado nos inquéritos do início dos anos 70.

#### 4.3.3 - Anos 80

Nos anos 80 e 90 inquéritos empíricos e sondagens a grupos específicos são efectuados por diferentes ministérios, editoras e organismos ligados à difusão do livro. Paralelamente a estes trabalhos nascem outros a partir de análises qualitativas ou etnográficas que permitem enriquecer as análises de forma sistemática e repetitiva.

O nascimento das Ciências Sociais veio dar um maior impulso a estes estudos que passam a ter em conta outros factores: económicos, geográficos, sociais, tendo, todavia, a leitura como epicentro do problema. Os estudos sociológicos vão permitir conhecer melhor alguns grupos sociais com características distintas: hábitos, condições de vida e percurso familiar. A leitura é analisada sob várias vertentes, permitindo um estudo mais detalhado das situações de leitura, com novas interrogações e novos olhares sobre esta problemática.

«On aurait pu attendre que des études sociologiques complémentaires viendraient combler les manques que laissaient apparaître ces enquêtes nationales, qu'elles s'attacheraient à définir la lecture, à cerner les diverses manières de lire, à identifier les représentations sociales du livre et à préciser ce que les différents groupes sociaux comprennent par lecture : l'action de lire un livre suppose-t-elle qu'il soit lu de façon continue ? Quelles sont les définitions restrictives ou élargies de la lecture ? Quelles sont les multiples facettes de la lecture ?» (Lafarge e Segré, 1996:49)

Os inquéritos feitos na década de oitenta lançam o alerta: os franceses não estão a ler como liam. Intensificam-se os estudos que permitem fazer o ponto da situação. Vários indícios levaram a que se apontassem causas para a crise da leitura: aumento do número de televisores, a crise de edição verificada nestes anos.

A subida ao poder do governo socialista faz renascer o ideal republicano da democratização da cultura, levam a que haja uma reacção muito vivá ao "Les Françaises ne lisent plus" com "Il faut lire".

Também os inquéritos feitos a estudantes de 12 anos vieram demonstrar que a leitura não é, como há muito aliás, o passatempo preferido dos jovens. O audiovisual, que entretanto se instalou na sociedade, é um sério concorrente à leitura. É preciso analisar a leitura sob outras formas. Haverá apenas uma leitura ou ela poderá ser perspectivada em várias vertentes? O livro já não é a única forma de ler. As revistas, os jornais a televisão e o cinema são outras opções a que os jovens recorrem cada vez com mais frequência.

Le livre, la lecture considérés comme les moyens privilégiés, voire exclusifs, d'accès à la culture sont-ils supplantés par la musique, la télévision ou le cinéma ? L'ampleur du développement technologique, l'extension du marché des moyens audiovisuels tendent-ils vers une véritable mutation de moyens d'accès à la culture ? (Lafarge e Segré, 1996:55)

A Família continua a ter uma influência fortíssima nos hábitos de leitura dos jovens é a conclusão a que chega F. de Singly, professor na Sorbonne e um dos estudiosos desta matéria. A existência de hábitos de leitura nas famílias e a presença de livros em casa é fruto de um trabalho de muitos anos, que ganhou raízes poderosas e que resiste, apesar dos fortes abalos que os novos tempos vão produzindo com novos hábitos, novos atractivos que pareciam deixar para segundo plano os prazeres da leitura.

Com o desenvolvimento das ciências sociais a leitura passa a ser analisada à luz das novas ideias. Os estudos sociológicos vêm demonstrar que novos fenómenos podem influenciar os níveis de leitura. Estes estudos analisam o comportamento de grupos sociais face à leitura. Grupos sociais de classes mais desfavorecidas são estudados a fim de os confrontar com grupos pertencentes a classes mais ricas. Que tipo de leitura é a preferida de um grupo e do outro, qual a frequência com que se pratica, que tipo de acesso (compra, bibliotecas, troca.)

Jovens, perfeitamente identificados num determinado grupo etário, exercendo profissões manuais ou artesanais, são analisados na forma como utilizam os seus tempos livres e qual a sua relação com a leitura, tendo sempre em conta os seus antecedentes familiares, o meio onde vivem e os seus gostos particulares.

Estes estudos permitem avaliar e comparar tendências. Sejam estudos nacionais de grande amplitude ou pequenos estudos incidindo sobre pequenos grupos representativos de formas de estar e sociologicamente interessantes.

Este trabalho que acompanha a leitura em França desde a primeira metade do século XX poderá ser considerado um pilar das políticas de leitura naquele País.

## **5 - Apontamento sobre um momento da história da Leitura em Portugal - A Fundação Calouste Gulbenkian**

Sarkis Calouste Gulbenkian (1869), judeu arménio, naturalizado inglês em 1902, financeiro, filantropo e coleccionador de arte, que se refugiou em Portugal durante a 2ª Guerra Mundial, quis no final da vida deixar uma prova de reconhecimento ao País que numa época difícil da sua vida o acolheu. Nasceu assim a Fundação Calouste Gulbenkian com duas sedes: uma em Lisboa e outra em Paris, tendo como suporte financeiro a enorme fortuna de Calouste Gulbenkian, aplicada fundamentalmente na exploração petrolífera.

Esta Fundação, cujos objectivos são de natureza humanitária, tem desenvolvido ao longo dos mais de 50 anos da sua existência, uma actividade de enorme valor no apoio à ciência / investigação e à educação / cultura, que muito tem contribuído para o enriquecimento do nosso País.



Em 1958 já depois da morte de Calouste Gulbenkian, a Fundação, sob a presidência do Dr. Azeredo Perdigão, inspirada nos modelos Francês e dos Países Nórdicos, resolve criar em Portugal uma rede de Bibliotecas de Leitura Pública, introduzindo dois aspectos fundamentais para o desenvolvimento do gosto pela leitura que até aí quase não existiam em Portugal: o livre acesso às estantes e o empréstimo domiciliário.

Branquinho da Fonseca e António Quadros são os grandes obreiros desta importantíssima iniciativa. Deslocam-se a França e também aos Estados Unidos de onde trazem modelos e técnicas de organização de bibliotecas que põem em prática, primeiro com a criação de Bibliotecas Itinerantes e logo a seguir a instalação de Bibliotecas Fixas nas sedes de Concelho.

Estas Bibliotecas ficavam normalmente à responsabilidade de uma Instituição do Concelho. É interessante observar que raramente a Câmara Municipal assumia tal responsabilidade o que é uma prova de quanto o Estado se demitiu da difusão do Livro e da Leitura e deixou absolutamente nas mãos dos cidadãos essa responsabilidade.

Os Encarregados eram, normalmente, pessoas de boa vontade, que, recebiam uma gratificação, por vezes verdadeiramente simbólica, para tomarem conta da Biblioteca. Não raro eram pessoas semi-analfabetas, sem conhecimentos de Biblioteconomia e para quem as bibliotecas eram espaços absolutamente desconhecidos.

O Serviço de Bibliotecas, entretanto criado na Fundação Calouste Gulbenkian, na sua sede em Lisboa, põe em prática uma estratégia que vai possibilitar a todos os encarregados se orientarem nas bibliotecas e poderem atender os utilizadores com um mínimo de eficácia. O serviço central das Bibliotecas selecciona, adquire, cataloga, classifica e indexa, todos os livros que são posteriormente distribuídos pelas bibliotecas. Cria uma tabela de cores com que identifica cada classe da CDU (Classificação Decimal Universal) e assim torna mais fácil a arrumação na estante e a orientação do leitor. As cores, atribuídas através de fitas coladas nas lombadas dos livros, serviam ainda para identificar a complexidade da leitura do livro, sendo colocadas em várias posições na lombada: mais abaixo – leitura mais fácil; mais acima – leitura mais complexa.

Em todas as Bibliotecas eram afixadas as tabelas de cores que orientavam os encarregados e os leitores.

O serviço de Bibliotecas desenvolveu também um serviço de informação através de Circulares que eram enviadas para as bibliotecas e que iam dando instruções aos encarregados. A primeira circular que encontrei nos arquivos da antiga biblioteca nº 94 de Arganil, diz respeito aos dias em que a Biblioteca podia estar encerrada: Feriados, Páscoa, e Carnaval. É importante o seguinte parágrafo da circular nº 72 de 18 de Fevereiro de 1965; emitida pelo serviço de Bibliotecas da F.C.G.

“O encerramento da Biblioteca quer nos dias acima referidos, quer noutros, por qualquer razão de força maior, deve ser sempre comunicado aos leitores, por meio de aviso colocado, com alguns dias de antecedência, em local bem visível, à entrada da sala, ou do edifício onde a mesma funcione.”

É visível o cuidado para que a informação seja clara e chegue a todos.

Estas bibliotecas cumprem um papel importantíssimo na difusão do livro e da leitura junto de populações que nunca teriam acesso a esta quantidade de informação. Nestes pequenos meios populacionais, tão afastados de tudo, onde o livro era coisa absolutamente rara, onde as pessoas nasciam já condenadas a todos os géneros de pobreza, incluindo a intelectual, sempre aliada à ignorância; estas bibliotecas foram, por todo o interior do país, faróis em noite de escuro breu.

O empréstimo domiciliário, coisa rara em Portugal até à criação das Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian foi um dos aspectos mais inovadores destas novas bibliotecas. A importância dada pela fundação a esta prática está bem patente na circular nº 104 de 21 de Novembro de 1968, emitida pelo serviço de Bibliotecas da F.C.G. que diz o seguinte:

“Por vezes o leitor que perde, ou deteriora um livro, deixa de frequentar a Biblioteca. Perde-se deste modo um leitor e perdem-se os outros livros que não devolve por ter receio de qualquer sanção. Os senhores encarregados devem fazer compreender aos leitores que a perda de um livro não é motivo para interromper a frequência da biblioteca. Se as suas condições económicas são fracas, não se exige o pagamento do livro. Só são castigados (por suspensão temporária ou por corte definitivo) os leitores reincidentes. Consideramos que é muito urgente cumprir e informar todos os leitores do teor desta circular(...)”

O empréstimo domiciliário, um luxo numa realidade apertada entre a ignorância e o autoritarismo, é a pedra de toque nestas bibliotecas. Imagino quem nunca tinha pegado num livro, a não ser os poucos livros da escola, perante aquelas estantes cheias de livros, aquele cheiro característico que cada biblioteca tem, num meio absolutamente ignorante, isolado do mundo (a televisão era ainda para muito poucos), poder pegar no livro e levá-lo para casa, como um tesouro!

## 5.1 - França e Portugal: duas realidades diferentes

Na análise do estudo "Regards sur la lecture en France" o que interessa comentar é o movimento construído com objectivos definidos, que mau grado os acidentes de percurso, as indecisões, as más decisões, apontam um caminho que não pode ter retrocesso. A importância da leitura, definidora de uma forma de estar com qualidade na profissão, é clara para todos. O mercado de trabalho exige cada vez mais bons desempenhos ao nível da leitura. É preciso entender o que está escrito, é preciso saber ver para além do que está escrito, é preciso espírito crítico e criativo para ver mais além. Só assim é possível responder aos desafios de uma sociedade competitiva onde todos têm um papel a desempenhar. A falta de competência na leitura e da escrita é factor de exclusão escolar, profissional e social.

A leitura e a escrita como ferramenta de sobrevivência numa sociedade cada vez mais exigente, mas também como meio para construir uma consciência crítica de tudo o que nos rodeia, que nos capacita para a problematização dos acontecimentos, que nos permite sermos mais "nós". Está convencida que é por este caminho que se atingem os objectivos que estão implícitos em todo este processo: a sobrevivência numa sociedade totalmente dependente da leitura seja em que suporte for, mas também a leitura como meio de aceder a um estágio de desenvolvimento cultural, que passa para além do consumismo que a sociedade nos oferece e atinge capacidade de análise e criação que no fundo faz girar e avançar o mundo.

O estudo analisado vai até aos anos 90 deixa, contudo, de fora a explosão dos meios informáticos e de acesso à informação através da Internet. Estes novos meios de acesso ao saber vão trazer alterações à forma de ver a leitura e também outras formas de ler que forçosamente obrigarão a novas perspectivas nesta problemática.

As formas de ler são cada vez mais diversificadas. Como disse Roger Chartier, recentemente na Gulbenkian, as novas linguagens criadas com o "boom" das novas tecnologias alteram a própria semântica, novos signos são criados, é uma nova forma de comunicar. Parece-me que esta terá de ser também uma preocupação de quem estuda e pretende reflectir sobre a leitura.

Estamos muito longe da leitura praticada durante grande parte do século XX. Os novos suportes transfiguram a leitura. Afinal o que é ler? É apenas um processo de comunicação, de aprendizagem num mundo cada vez mais tecnológico, onde a aprendizagem da leitura é absolutamente indispensável, relegando para um estado social vegetativo todos aqueles que não dominam estas competências; ou tem um sentido mais elevado de reflexão sobre as evidências, de questionamento sobre a realidade e a compreensão do mundo que nos rodeia, de análise crítica dos fenómenos sociais, políticos que condicionam a vida de todos nós a um nível global? Afinal a leitura é apenas um decodificar de signos ou pretende ver para além dos signos?

Os autores de *Regards sur la lecture en France* demonstram uma preocupação nuclear que é aferir níveis de leitura a nível global do país que é a França e a nível particular dos vários grupos sociais que compõem a sociedade francesa. Há a preocupação de inventariar todo o percurso feito desde os anos 50 do século XX. O envolvimento dos sociólogos, das universidades, dos ministérios, dos editores e da sociedade em geral, demonstra a importância que os franceses desde cedo deram aos problemas da educação e da leitura. A alfabetização, considerada tarefa prioritária já no século XIX, a posterior criação de um sistema escolar com objectivos perfeitamente definidos e a envolvimento cultural indispensável para que os objectivos sejam alcançados, parece-me ser a mensagem fundamental deste texto. A este propósito gostaria de lembrar aqui uma passagem do livro "Para o Estudo do Analfabetismo e da Relutância à leitura em Portugal":

«(...) Eça de Queiroz que, em irónica hipérbole, a propósito da consabida tendência pátria para a macaqueação do que vem do exterior – com o consequente pecado de Ramalho e quejandos, de por completo inconsiderar a realidade do País - assinalava:

"O legislador ouve dizer que lá fora se levanta o nível de instrução; - imediatamente põe no programa dos exames de primeiras letras a metafísica, a astronomia, a filologia, a egiptologia, a cresmática, a crítica das religiões comparadas a outros e infinitos terrores». (Costa, 1937:37)

O tom irónico deste texto traz subjacente uma realidade que é contrária à filosofia do presente estudo. Para avançar num determinado sentido, é necessário saber por onde ir, ter objectivos definidos, estar consciente da importância desses

objectivos e trabalhar sobre uma realidade concreta que se conhece e se pretende conhecer ainda melhor.

*Regards sur la lecture en France*, (Lafarge e Segré, 1996) põe em evidência uma realidade que contrasta com o caminho percorrido, neste capítulo da criação de hábitos de leitura, em Portugal. Embora os estudos sobre história da leitura em Portugal sejam ainda insuficientes para avaliarmos o nosso passado, a realidade que hoje vivemos e o pouco que se conhece, leva-nos a pensar que, apesar de algumas medidas legislativas<sup>1</sup> que desde o século XIX vêm demonstrando alguma preocupação neste campo, elas não tiveram continuidade por dificuldades várias que poderemos inventariar como: ideológicas, falta de estruturas no terreno e falta de verbas destinadas a este fim.

Parece-me pertinente colocar a questão: a prática da leitura em Portugal terá sido em algum momento considerada de extrema importância para a alfabetização das nossas crianças e jovens?

Sem querer ser absolutamente taxativa, porque não estou suficientemente documentada para tal, e dos poucos estudos realizados sobre a História da Leitura em Portugal, não me parece que tal tenha existido. Num arrojo de verdade, poderemos dizer, que ainda hoje, ela não existe. A leitura continua a ser um parente pobre da educação e os nossos professores, principalmente os do ensino básico não estão preparados para inverter esta situação. Parece evidente que continua a não haver uma política consistente de criação de hábitos de leitura de massas, em Portugal. Senão vejamos, até aos anos 90 do século XX, a única rede de Bibliotecas Públicas existente no País era da responsabilidade de uma instituição particular. A Fundação Calouste Gulbenkian, foi durante muitos anos o motor da criação de hábitos de leitura em Portugal, tanto para o grande público, como para a educação, através do Serviço de Apoio à Educação. Que papel desempenharam as Universidades, as Editoras, os Ministérios da Educação e da Cultura, as Escolas, os sociólogos, ao longos dos anos?

Esta questão parece-me assaz pertinente, num contexto de investigação em que se procuram determinar causas e apontar tendências.

---

<sup>1</sup> Na segunda metade do sec XIX, houve a tentativa de implementar em Portugal Bibliotecas Públicas, Populares e Escolares, numa clara política de apoio à leitura.

*Regards sur la lecture en France* é lapidar nesta matéria: a leitura não pode ser tratada em compartimentos estanques, é necessário haver uma política de conjunto que envolva a família, as escolas, os professores e as bibliotecas, que parecem ser, nos exemplos analisados, os pilares estruturantes neste processo.

A leitura deve começar em casa e na escola em dois tempos e com duas sensibilidades distintas: criar na criança o prazer da descoberta da leitura, apelando para a sua imaginação e sensibilidade é o primeiro passo. Ensinar a mecânica da escrita e da leitura, levando a criança ao domínio destas competências para que ela aprenda a decifrar, a descodificar e a compreender.

Esta será a primeira fase e muito importante, porque é o alicerce de todo o edifício que pretendemos construir. Depois há todo o trabalho de criar na criança a prática e o gosto pela leitura. E é aqui que o alicerce fica em terreno movediço.

A construção e consolidação deste gosto não é tarefa fácil. Terá de haver por parte de todos os agentes envolvidos a constatação de que este trabalho é fundamental para o futuro das nossas crianças.

Como diz Inês Sim-Sim: *As nossas crianças não lêem porque não as ensinam*.<sup>1</sup> Ensinar a ler, (eu penso que sim e a autora citada bem o demonstra no decorrer do texto), os nossos professores ensinam porque para isso são preparados e, como profissionais, tentarão aplicar os seus conhecimentos de pedagogia. Parece que a segunda parte deste processo é que fica por fazer.

A maioria das crianças aprende a ler mas não cria competências que lhes permita sair de um nível absolutamente primário na decifração e compreensão do texto. Constatamos esta realidade quando nos debruçamos sobre os resultados da avaliação na maioria das Escolas Secundárias, onde as disciplinas de Português, Filosofia e Matemática são as que maior dificuldade oferecem aos alunos.

---

<sup>1</sup> Inês Sim-Sim em entrevista à Revista *Visão* (Fevereiro, 2004), sobre os problemas de literacia em Portugal, tendo como referência o estudo nacional de caracterização do Nível de Literacia da População Escolar Portuguesa, que decorreu no âmbito de um estudo internacional que abrangeu 32 países, que teve lugar de 1989 e 1992 e em que Portugal se classificou em 24º lugar – Sim-Sim I., Ramalho, G. *Como Lêem as nossas crianças*. Lisboa: GEP, ME, 1993.

A Rede de Bibliotecas Públicas, criada nos finais da década de oitenta é um passo gigantesco com vista a uma mudança de atitude, face a esta problemática. Pela primeira vez em Portugal o Estado assume verdadeiramente a liderança, implementando no terreno uma estrutura que tem condições estruturais para funcionar, proporcionando a todos o acesso a fundos documentais e assim contribuir para que hábitos e gosto pela leitura e a necessidade de estar informado e aprender a transformar essa informação em conhecimento, não seja privilégio de alguns, mas de todos.

A Rede de Bibliotecas Escolares, criada na década de 90, foi outro passo gigantesco. Disponibilizar dentro da escola fundos documentais que apoiem as matérias estudadas, bem como criar condições para que a leitura informal se faça dentro da escola, mas fora do contexto da aula, é um bem absolutamente necessário para o aumento dos níveis de literacia. Esta ideia que vem do século XIX é finalmente posta em prática para um número cada vez maior de Escolas

Todavia, a lentidão com que a Rede de Bibliotecas Escolares avança no País faz temer alguns retrocessos. A interacção entre os Ministérios da Cultura, da Educação e as Universidades também se faz ainda com demasiada lentidão. Parece que há a ideia de que esta prioridade ainda não está perfeitamente definida nas políticas da Educação e da Cultura. Até que ponto, está estabelecida uma política concertada entre estes órgãos do Estado para que se inverta uma tendência, que é crónica no nosso país, da falta de hábitos de leitura? Poderemos dizer que passámos directamente de uma altíssima taxa de analfabetos, para uma taxa ainda maior de analfabetos funcionais. Exagero? Os estudos sobre literacia feitos em Portugal assim o demonstram.

Uma questão se coloca, sendo pertinente que se encontrem respostas a curto prazo: até que ponto a Rede de Bibliotecas Escolares se implantou junto do sistema de ensino? Continuará a faltar uma política que congregue esforços, onde todos lutem por uma causa que cada vez mais se reconhece fundamental para o nosso futuro comum?

A este propósito poderemos fazer várias reflexões que nos levarão a algumas conclusões. Qual o papel das Bibliotecas de Leitura Pública e Bibliotecas Escolares neste processo? Originalmente sabemos qual o papel das Bibliotecas: disponibilizar fundos documentais devidamente tratados, em livre acesso, permitindo que cada um acesse ao que procura.

Estes fundos documentais, para que os objectivos sejam atingidos, terão que ser representativos do que se publica (pelo menos no nosso país) nos diversos campos do saber e nas literaturas. Terá que haver um grande investimento na construção dos fundos documentais das bibliotecas. O mesmo princípio se aplica às Bibliotecas Escolares. Ora é suficiente uma superficial passagem por muitas das nossas Bibliotecas de Leitura Pública e pelas Bibliotecas Escolares para perceber a frugalidade destes fundos. Há algo de errado e sendo assim, as bibliotecas não estão a cumprir o seu objectivo mais importante, que é disponibilizar condições para o acesso à informação. Parece-me importante que os Ministérios da Educação e o da Cultura definam uma política de construção de fundos documentais para as Bibliotecas Públicas e Escolares, sem a qual o projecto poderá ficar bastante comprometido.

Por outro lado os programas de Promoção da Leitura proliferam por todo o lado, com muita imaginação, fazendo a delícia das crianças que os vivem como momentos mágicos de alegria. Mas a reacção e o envolvimento de muitos professores deixa-me por vezes inquieta. Passo a explicar: a adesão dos professores aos convites feitos pela Biblioteca Municipal para actividades de animação de leitura é boa. Estão sempre disponíveis e isso torna estas iniciativas um êxito garantido. Muitas crianças, festa, barulho, toda a gente bem disposta. Verifico, no entanto, que é complicado envolver activamente os professores. Na maioria das situações desempenham um papel passivo verificando-se que não houve trabalho de preparação para a actividade e que *à posteriori*, não houve continuidade.

Cabe ainda neste estudo uma reflexão sobre o papel que o comércio editorial tem desempenhado ao longo dos anos. O comércio do livro com dinâmicas inovadoras e com objectivos precisos deve ser um aliado excelente de todas as políticas de promoção da leitura.

Qual tem sido a sua contribuição para que os Portugueses leiam mais? A ideia que fica é que houve uma grande passividade por parte dos Editores perante o problema da leitura. Ouvimos a queixa de que o mercado é pequeno, que não permite níveis de expansão compensadores do investimento necessário. Será que é assim?



## **II PARTE**

### **CAPÍTULO I**

#### **LEITURA E SUCESSO ESCOLAR - O CASO DE ARGANIL**

## 1 - Arganil: Um Território Histórico - Educativo

Arganil é um concelho do Distrito de Coimbra, pertencendo hoje à Sub-Região do Pinhal Interior Norte. Tem uma superfície aproximada de 325,62 Km<sup>2</sup>, distribuídos por 18 Freguesias.

Concelho predominantemente montanhoso é, ainda hoje, servido por uma deficitária rede de estradas.

Muitas das aldeias situam-se a muitos quilómetros da sede de concelho, em muitas destas

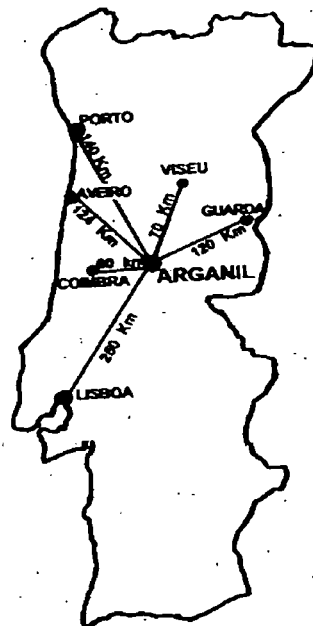
aldeias, água canalizada e electricidade são conquistas dos anos 70 e 80.

O concelho tem uma população envelhecida. Em muitas aldeias não existem crianças, nem mulheres com idade para procriarem.

As escolas têm fechado ao longo dos últimos anos, deixando as populações ainda mais pobres. As poucas crianças são transportadas para as escolas mais próximas da sua residência ainda a funcionar, obrigando-as a longas e desconfortáveis viagens, geralmente feitas em autocarros que em alguns casos, não cumprem regras elementares de segurança.

Arganil, sede de concelho, tem crescido nos últimos anos muito à custa do despovoamento destas aldeias. Os seus moradores, principalmente casais jovens, têm-se aqui instalado, por força do desenvolvimento de alguma indústria, nomeadamente na área da cerâmica, metalurgia, alimentos congelados, confecção e painéis solares.

Os serviços: bancos, tribunal, escolas, centro de saúde, comércio, tem também atraído muitos destes jovens, que no final da semana retornam às suas aldeias de origem, fazendo de Arganil uma vila descaracterizada, com pouca vida urbana.



Os lugares mais elevados na administração e nos serviços são ocupados, na sua maioria por pessoas oriundas de outras localidades, nomeadamente Coimbra, que no final do dia regressam a suas casas, não se integrando minimamente na vida social do Concelho. As manifestações culturais são poucas, ficando-se pelo lançamento de alguns livros e manifestações de cultura popular: Ranchos Folclóricos, Filarmónicas.

## **1.1- O Ensino em Arganil no Século XX**

### **1.1.1 - O Colégio "Nossa Senhora do Mont'Alto"**

Nos anos quarenta (1948) é criado em Arganil um colégio de iniciativa particular. É a primeira instituição de ensino que aparece em Arganil para além do ensino primário e é propriedade de um particular, o Dr. Homero Pimentel. Este colégio formou os primeiros escolarizados populares. Quer dizer que até então só passavam da instrução primária os filhos dos mais abastados, que iam para Coimbra estudar, ou os que por falta de outros meios e raramente por vocação, iam para o Seminário.

O colégio começou por denominar-se Colégio Nossa Senhora do Mont'Alto, passando, mais tarde, a denominar-se Externato Alves Mendes. O colégio era, como já disse, particular com internato pago pelos alunos que o frequentavam. Contudo, o sistema de pagamentos era muito flexível permitindo a alunos mais carenciados frequentá-lo. Eram, no entanto, uma minoria os que nestes anos frequentavam tal nível de ensino. Passados dez anos tinham estudado neste Colégio 930 alunos. Em 1968, com a alargamento da escolaridade obrigatória para o 6º ano e a abertura da Escola Técnica de Arganil em 1970, o colégio perde a sua importância e acaba por fechar as suas portas. (*A Comarca de Arganil*, nº 6406, (1969))

### 1.1.2- Os Anos 60

Nos anos sessenta, Arganil é ainda um concelho muito rural. A pouca indústria estava confinada à actividade cerâmica e das madeiras. A população era, segundo os censos de 1960, de 19 237 habitantes. Arganil, sede do concelho, tinha na altura: 3 247 habitantes.

O nível de instrução era baixíssimo. Poucos tinham concluído o ensino primário. O nível de analfabetismo rondava os 40%, uma taxa superior à da zona centro a que pertence Arganil. Embora as estruturas de ensino fossem muito precárias, o concelho tinha a funcionar 47 escolas de ensino primário, que nas sedes de freguesia e em algumas aldeias mais populosas iam de alguma forma assegurando a escolarização mínima das crianças. Perdidas entre as montanhas, por vezes em locais quase inacessíveis, os professores e os regentes, percorriam a pé longos caminhos para exercerem a sua profissão.

As crianças não raro eram impedidas de ir à escola, ou pela distância que separava a sua aldeia da escola, ou por decisão dos progenitores, já que a escola era vista como um empecilho ao trabalho das crianças na lavoura familiar, trabalho essencial à sobrevivência do agregado familiar. A ocupação em outras actividades era muito escassa. Algum trabalho na construção civil e no corte e extracção de madeira. Mas a ocupação essencial era na agricultura.

No ano de 1965, foi criado em Arganil um posto de Telescola. Este sistema de ensino a distância, permitia através da televisão recém chegada a estas paragens, assistir às aulas das disciplinas que habilitavam os alunos menores de 18 anos com exame de admissão ao liceu e escolas técnicas e os maiores de 18 anos sem aquele exame, para o 1º Ciclo Liceal, Comercial e Industrial (Curso Unificado). *A Comarca de Arganil*, nº 5902 (1965)

São pois muito precárias as condições de ensino em Arganil quando é instalada a Biblioteca nº 94 da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1966.

## 1.2- A Biblioteca nº 94 da F.C.G.:

### Uma Janela Aberta para o Mundo

É sob a influência de dois homens de Arganil, o Embaixador Albano Pires Fernandes Nogueira, ao tempo Embaixador de Portugal junto das Comunidades Europeias em Bruxelas e João Castanheira Nunes, director do jornal "*A Comarca de Arganil*", que são desenvolvidos esforços para que a Fundação Calouste Gulbenkian crie em Arganil uma Biblioteca. (*A Comarca de Arganil*, nº 5871 (1965))<sup>1</sup>

A Biblioteca Fixa nº 94 de Arganil foi inaugurada no dia 21 de Julho de 1965, com grande festa, sendo o seu primeiro encarregado o Sr. Francisco Carvalho da Cruz ex-redactor do jornal *A Comarca de Arganil*. A Biblioteca funcionava às terças, quintas e sábados das 21 às 23 horas e ao domingo das 18 às 20 horas, no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Arganil. (*A Comarca de Arganil* nº 5879 (1965))<sup>2</sup>

Um artigo de *A Comarca de Arganil*, nº 5879 (1965), relata o dia da inauguração da Biblioteca que foi feita com todo o brilhantismo que o acontecimento merecia, com a presença do Sr. Dr. António Quadros e outros dirigentes da Fundação Calouste Gulbenkian.

A Biblioteca foi depois transferida para o edifício da Casa do Povo e mais tarde para o edifício do antigo Matadouro Municipal. Nos dois locais as suas instalações eram muito precárias. Só em 1982 a Câmara Municipal a instalou no edifício dos Paços do Concelho onde se manteve até à sua extinção em 1996, tendo o seu espólio (mais de 12 000 livros), sido doado ao Concelho de Arganil, passando a fazer parte do espólio da Biblioteca Municipal Miguel Torga.

Arganil, que até à criação da Biblioteca fixa nº 94 da Fundação Calouste Gulbenkian, nunca tinha tido uma Biblioteca, (embora tivesse já havido algumas tentativas como a que aconteceu em 1933 com a criação da Biblioteca da Associação Recreativa Argus, que não passou de um projecto de boas intenções), tem a partir dessa data, muitos milhares de livros que são colocados ao serviço do povo do Concelho.

1 ANEXO 1

2 ANEXO 2

Mas em Arganil, concelho de interior, a leitura continua a ser uma prática rara. Comparando, no entanto, com muitos outros concelhos de interior e não só, concluímos que há uma predisposição para a leitura e frequência de Bibliotecas a que não será alheio todo este passado e presente.

Abriu-se pois uma porta, diria antes, uma janela para o mundo. O ano de 1965 é marcante no concelho de Arganil. A instalação da Biblioteca nº 94 da Fundação Calouste Gulbenkian, trouxe a esta terra algo que ela nunca tinha tido: Livros.

O entusiasmo que a presença da Biblioteca suscita junto do povo de Arganil é facilmente apreendido pela conversa (entrevista) que fiz ao Senhor Francisco Cruz, primeiro Encarregado da Biblioteca. Logo nas primeiras palavras é visível o entusiasmo, a saudade desses tempos, mas ao mesmo tempo uma lucidez sobre a importância do Livro e da Leitura, que nos deixa surpreendidos num homem pouco escolarizado, mas amante dos livros.

Gostava de falar um pouco mais deste homem que aos dez anos vai trahallar para a tipografia de *A Comarca de Arganil*, um dos dois jornais publicados em Arganil desde o início do século XX. Certamente este facto terá contribuído para o amor que demonstra pelas letras. É com emoção que ele fala dos primeiros tempos da Biblioteca. «A biblioteca era um espaço de conversa, mesmo de tertúlia. As pessoas iam para a Biblioteca ler e conversar.» diz Francisco Cruz. É extraordinário que isto aconteça num concelho que à data tinha uma taxa de analfabetismo de, como já referi, 40%. Poderíamos pensar que seriam meia dúzia de entusiastas, aqueles que geneticamente têm já o gosto pela leitura. Mas não. As estatísticas disponíveis demonstram os altos índices de utilização da Biblioteca. Crianças, adolescentes, mas também adultos, muitos adultos que estão inscritos na Biblioteca e requisitam livros para levar para casa.

Muitos deles mal sabiam ler. Mas porquê então levar o livro? Curiosidade pelo desconhecido? Atracção por aqueles signos desconhecidos, para além do racional? O Regulamento das Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, preconizava o acesso condicionado a alguns livros, uns pela sua complexidade, outros pelos temas tratados. Pois segundo o Encarregado estes eram os mais procurados. Na citada entrevista o Sr. Francisco Cruz reproduz um diálogo que manteve com um leitor que teimosamente queria levar para casa um livro que pela sua complexidade o encarregado entendia que não lhe devia emprestar:

- Para que queres tu levar este livro, dizia-lhe ele, que tu não vais entender.

Mal sabes ler!

- Mas quero ver!- dizia o homem obstinado em requisitar tal livro.

Interessante é também o comentário do encarregado acerca deste episódio:

“Sabe, eles sabiam ler alguma coisa, mas ler é uma chatice. É muito difícil e eles só soletravam, ora isso não é ler. Ler é uma coisa completamente diferente.”

### 1.2.1- O Percurso da Biblioteca: 1966 - 1980

Em Dezembro de 1966, pouco mais de um ano após a abertura da Biblioteca, estavam inscritos 575 leitores. A sede do concelho, Arganil, tinha nessa altura pouco mais de 3000 habitantes, e segundo o encarregado, o povo das aldeias vizinhas não vinha à Biblioteca. Poderia haver esporadicamente um leitor oriundo do resto das aldeias, mas era raro, até porque se em Arganil, sede do Concelho, a taxa de analfabetismo era elevada, nas aldeias era ainda maior. Esta realidade torna ainda mais extraordinário o êxito que a Biblioteca alcança com uma frequência elevadíssima.

#### 1966

Documentos emprestados	crianças	adolescentes	adultos	total	Leitores Atendidos
Janeiro	295	166	239	700	339
Fevereiro	233	141	206	580	294
Março	270	153	267	690	357
Abril	214	108	231	553	306
Maio	241	107	181	529	307
Junho	271	205	171	647	313
Agosto	227	155	227	609	357
Setembro	133	85	190	408	246
Outubro	152	100	210	462	296
Novembro	206	116	201	523	335
Dezembro	256	112	151	519	353
	<b>2498</b>	<b>1448</b>	<b>2254</b>	<b>6200</b>	<b>3502</b>

Fonte: Arquivo das Estatísticas enviadas à Fundação

No ano de 1966, foram emprestados 6200 livros, sendo 3946 a crianças e adolescentes e 2254 a adultos. Utilizaram a biblioteca durante esse ano 3502 leitores.

Em A Comarca de Arganil nº 6250 (1968) é publicado uma noticia que dá conta do grande sucesso da Biblioteca (cf. anexo) em que se diz que ultrapassou 7000 o número de livros emprestados durante o ano de 1967.

### 1.2.1 - A instabilidade

Numa análise mais detalhada do percurso desta Biblioteca entre 1966 e 1980, verifico que o este não foi isento de sobressaltos e que a períodos muito bons, se seguiram períodos de grande instabilidade com prolongados períodos de encerramento. Geralmente provocados pela falta de funcionários.

Logo em 1969 observo alguma instabilidade com a mudança de Encarregado. De Janeiro a Março a abertura é muito irregular. Em algumas semanas a Biblioteca abre todos os dias e noutras está encerrada. A perturbação na frequência é evidente. Nestes meses o empréstimo domiciliário sofre uma queda. Em Abril e Maio, a Biblioteca está encerrada. Reabre em Junho, com novo encarregado. É visível pelos registos bem organizados que a frequência sobe rapidamente.

1969

Documentos emprestados	crianças	adolescentes	adultos	total	Leitores atendidos
Janeiro	81	29	63	173	67
Fevereiro	167	36	95	288	90
Março	90	34	35	159	61
Abril					
Maio					
Junho	363	137	230	730	264
Julho	520	222	282	1024	296
Agosto					
Setembro	189	116	84	389	131
Outubro	203	86	204	493	169
Novembro	105	48	139	292	134
Dezembro	83	97	122	302	120
Total	1791	805	1254	2880	1272

Fonte: Arquivo das Estatísticas enviadas à Fundação



De Janeiro a Março de 1969 foram emprestados 620 documentos e atendidos 218 leitores. Em Junho e Julho do mesmo ano foram emprestados 1754 livros e atendidos 560 leitores. Em Setembro a biblioteca volta a estar fechada na primeira quinzena de Setembro, para além do fecho em Agosto para férias do encarregado. A partir daqui e até ao final do ano é evidente a boa organização e uma frequência bastante alta. Neste ano de 1969, apesar de toda a instabilidade já referida, o empréstimo de livros é de 2880 e foram atendidos 1272 leitores.

O ano de 1973 apresenta também graves perturbações. A Biblioteca tem um funcionamento bastante irregular em Abril, estando fechada a maior parte do mês por falta de encarregado. Fecha de Maio a Setembro. É nesta altura que a Biblioteca muda para as instalações da Casa do Povo, deixando o Quartel da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus, onde foi acolhida desde a sua inauguração. Estas novas instalações não são as mais adequadas. A Biblioteca ficou instalada num espaço aberto, ao cimo de umas escadas, onde não havia condições para a leitura presencial.

### 1973

Documentos emprestados	Crianças	Adolescentes	Adultos	Total	Leitores Atendidos
Janeiro	443	120	104	667	201
Fevereiro	396	123	102	621	197
Março	497	148	137	782	241
Abril	135	25	48	208	56
Maio					
Junho					
Julho					
Agosto					
Setembro					
Outubro	143	73	63	279	82
Novembro	492	453	527	1472	673
Dezembro	201	148	158	507	192
	<b>2307</b>	<b>1090</b>	<b>1139</b>	<b>4536</b>	<b>1642</b>

Fonte: Arquivo das Estatísticas enviadas à Fundação

Reabre em Outubro de 1973, ainda com funcionamento irregular. Em Novembro tem novo Encarregado e a partir daí o funcionamento é regular e a frequência aumenta imediatamente. É um fenómeno muito interessante este da frequência, porque apesar dos períodos de funcionamento muito irregulares, logo que são criadas as condições de funcionamento, a frequência sobe imediatamente. É uma fome que está apenas contida porque não há que comer e logo que o alimento surge as pessoas, famintas, surgem em catadupa. É curioso verificar que neste ano de 1973, em Novembro, foram atendidos 673 leitores que requisitaram 1472 livros.

A Biblioteca volta a viver um período conturbado nos anos de 1976 e 1977, fechando entre Agosto de 1976 e Maio de 1977. Neste período a Biblioteca sai das instalações na Casa do Povo e passa para novas instalações no edifício do antigo Matadouro Municipal. As condições físicas voltam a não ser as melhores. É um espaço desconfortável, frio e escuro. Frequentei a Biblioteca várias vezes nestas instalações e as condições eram muito precárias, tanto ao nível da exposição do fundo documental, como de atendimento. No entanto o registo do movimento da Biblioteca apresenta números de empréstimo domiciliário ao nível dos melhores anos.

É interessante analisarmos as taxas de empréstimo nos diversos grupos etários. Verificamos aí que as crianças são quem requisita mais livros, logo seguidas pelos adultos. A categoria "adolescentes" é a que apresenta menor percentagem de empréstimo.

Fazendo a análise do empréstimo domiciliário desde 1966 a 1980, verifica-se que o percurso não foi regular. Houve ao longo dos anos fases de maior estabilidade e fases conturbadas principalmente pela falta de funcionário para assegurar os serviços e também motivada pela mudança de instalações.

É fácil identificar esses períodos observando o percurso percorrido através do diferenciação gráfica dos anos mais conturbados.

## 1966 a 1980

Anos	Crianças	Adolescentes	Adultos	Empréstimo Total	Leitores Atendidos
1966	2498	1448	2254	6200	3502
1967	2981	1520	2824	7325	4463
1968	2267	1209	3120	6596	4090
<b>1969</b>	<b>1791</b>	<b>805</b>	<b>284</b>	<b>2880</b>	<b>1272</b>
1970	3448	921	1535	5904	1753
1971	2586	1391	1167	5144	1716
<b>1972</b>	<b>2017</b>	<b>991</b>	<b>890</b>	<b>3898</b>	<b>1269</b>
1973	2307	1090	1139	4536	1642
1974	2364	996	2662	6022	1982
1975	2821	773	1476	4870	1723
<b>1976</b>	<b>1826</b>	<b>684</b>	<b>501</b>	<b>3011</b>	<b>1202</b>
<b>1977</b>	<b>1111</b>	<b>403</b>	<b>299</b>	<b>1815</b>	<b>680</b>
1978	3522	914	605	5041	1872
<del>1979</del>	<del>3919</del>	<del>2539</del>	<del>556</del>	<del>3919</del>	<del>1497</del>
1980	3896	1084	1092	6072	2435
Total	<b>39354</b>	<b>16768</b>	<b>20404</b>	<b>73233</b>	<b>31098</b>

Fonte: Arquivo das Estatísticas enviadas à Fundação

A Biblioteca é, em 1982 instalada no edifício da Câmara Municipal, com melhores condições de espaço e de quadro de funcionários. Embora não existindo estatísticas que nos possam ajudar a continuar o estudo desenvolvido desde 1966 até 1980, tenho conhecimento por observação directa, como utilizadora, que a frequência era muito razoável, principalmente na utilização da Biblioteca por crianças.

### **1.3 - A Criação da Rede de Leitura Pública em Arganil: Os novos desafios**

Arganil, como já dei a perceber é um Concelho de interior pouco industrializado, o nível de escolarização da população é baixo e as perspectivas em relação ao futuro profissional, são igualmente baixas.

Os últimos censos (2001) remetem-nos para uma realidade em Arganil, que nos preocupa. O Abandono escolar, "indivíduos dos 6 aos 15 anos que abandonam a escola sem completar o 9º ano de escolaridade obrigatória" é em Arganil de 4,4%, percentagem superior à média nacional no continente (1,7%) e da zona do Pinhal Interior Norte, onde está inserido (2,6%).

Quanto às Saídas Precoces, "indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que saíram da escola antes de terem completado o ensino secundário", a percentagem é em Arganil de 54,5%, quando a média nacional é de 45%, e a média da região onde se insere é de 48,5%. (trabalho desenvolvido pelo Gabinete de Acção Social da Câmara Municipal de Arganil e Censos 2001).

Em 1988, a Câmara Municipal de Arganil assinou um protocolo com o então Instituto Português do Livro, com vista à criação de uma Biblioteca Pública na sede do Concelho. Este sonho veio a concretizar-se 8 anos depois, após um longo e doloroso percurso, em que questões económicas, políticas e administrativas, foram sucessivamente "emperrando" o processo, que foi avançando a "passo de caracol", fazendo finalmente nascer a Biblioteca Municipal de Arganil, inaugurada na noite de 4 de Dezembro de 1996, (cf. Anexo 3) com grande festa e larga participação do povo de Arganil e a presença de políticos locais e nacionais.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>

No Concelho de Arganil, na freguesia de Côja, existe ainda uma outra Biblioteca de Leitura Pública herdeira do espólio da Biblioteca nº 95 da Gulbenkian. Arganil é dos poucos concelhos do País onde a Fundação Calouste Gulbenkian criou duas bibliotecas fixas. Esta biblioteca, hoje património do Município de Arganil está a funcionar, embora não esteja informatizada, nem tenha catálogo organizado.

Para trás ficou um percurso que tem início em 1965, com a criação da Biblioteca nº 94 da Fundação Calouste Gulbenkian e tem continuação ao longo de trinta anos. Este percurso não foi homogéneo em termos de rentabilização da Biblioteca. Como vimos houve épocas de melhor funcionamento: situação dos funcionários mais estável, melhores condições de instalações, que se traduzem obrigatoriamente em maior número de utilizadores e maior volume empréstimo. Contudo, a Biblioteca foi funcionando e a frequência regista índices bastante elevados.

Estaria assim criado um clima favorável ao sucesso da Biblioteca Pública, porque à partida estão desde há muito existem condições para que naturalmente se tenham criado hábitos de leitura e haja sucesso escolar.

Na verdade, isto não é verdade! O insucesso escolar no concelho de Arganil é, de acordo com os documentos analisados, superior às médias nacionais e, embora a Biblioteca Pública seja bastante frequentada, a média de empréstimo é sensivelmente inferior à de 1966.

É uma questão que nós deixamos um bocadinho perdidos, principalmente a nós Bibliotecários de Leitura Pública. Este projecto da Rede de Leitura Pública nasceu com a ambição de contribuir decisivamente para mudar o panorama negro da iliteracia que abunda pelo país e que há muito foi diagnosticada. Foram criados programas de promoção da leitura. As bibliotecas têm apostado no trabalho com os mais novos tentando incutir neles o hábito e o gosto pela leitura. Passados estes anos concluímos que pouco mudou. No ano lectivo 2003 / 2004, dos 90 alunos que frequentavam o 12º ano na Escola Secundária de Arganil, apenas 41 concluíram o 12º ano. Destes, 11 obtiveram uma média igual ou superior a 14 valores. Os restantes concluíram com médias de 12 e poucos com média de 13.<sup>1</sup> Todos estes alunos fizeram todo o percurso escolar com Biblioteca Pública desde sempre e com Biblioteca Escolar desde o 5º ano.

Somos obrigados a concluir que há pressupostos errados e que é necessário analisar todas as variáveis possíveis para, no cruzamento da informação, obtermos algumas respostas, ou provavelmente algumas interrogações mais consistentes.

<sup>1</sup>

---

Dados recolhidos no arquivo da Escola Secundária de Arganil

Tenho acompanhado nos últimos três anos esta realidade pelo facto de como membro da Associação de Pais da Escola Secundária de Arganil, ter acento em Conselho Pedagógico e poder constatar que os alunos chegam a este nível de ensino sem dominarem com a destreza desejável as ferramentas da leitura e da escrita.

Este é um dado aferido pelos professores de Língua Portuguesa, que através de testes de diagnóstico feitos a alunos que frequentaram o 10º ano em 2003/2004, verificaram que em 137 alunos, 40 revelaram bom domínio das competências observadas, 32 um domínio razoável e 57 demonstraram que não dominam essas competências. (cf. Anexo 4) <sup>1</sup>

Como é possível que isto aconteça quando estão criadas condições no terreno que em princípio deveriam surtir algum efeito? Porque é que as crianças não lêem?

Este estudo tem como enquadramento geográfico o concelho de Arganil e em particular a Escola Secundária de Arganil. Contudo espera-se que a reflexão produzida possa aproveitar este trabalho noutras situações, já que o problema de base que pretende analisar não é um problema exclusivo do Concelho de Arganil, mas sim uma realidade que afecta grande parte do território nacional.

---

1

#### 1.4 - Rede Escolar de Arganil

A rede escolar de Arganil é formada pelas escolas dos Jardins de Infância, Escolas do 1º Ciclo, Escolas do 2º e 3º Ciclo, Escola Secundária e Escolas Profissionais.

Ao nível do apoio à Infância existe ainda a Casa da Criança de Arganil e de Coja, da Rede Fundação Bissaya Barreto, que acolhe crianças dos 3 meses aos 5 anos.

Os Jardins de Infância e Escolas do 1º, 2º e 3º Ciclo encontram-se divididas por dois Agrupamentos Verticais sediados em Arganil e Coja. A Escola Secundária está instalada na sede do Concelho, bem como a Escola Profissional Eptoliva.

As Escolas do 1º CEB bem como os Jardins de Infância estão espalhadas um pouco por todo o concelho embora devido ao fenómeno da desertificação que cada vez mais afecta as aldeias do chamado Alto Concelho (zona mais montanhosa e de difícil acesso), as escolas têm vindo a fechar sendo as crianças transportadas para escolas instaladas em povoações mais populosas.

Escolas a funcionar e nº de alunos no ano de 2003/2004

Estabelecimento de Ensino	Alunos	Nº de Escolas
Pré-Escolar <sup>1</sup>	305	12
1º CEB	573	22
2º CEB	327	
3º CEB	430	2
Secundário	348	1
Profissional	50	1
Total	2033	38

Fonte: Gabinete de Acção Social da Câmara Municipal de Arganil

### 1.5 - A Escola Secundária de Arganil

A Escola Secundária de Arganil foi criada a 25 de Outubro de 1969, sendo na altura uma secção da Escola Avelar Brotero de Coimbra.

Nesta primeira fase eram ministrados: o curso de Geral de Comércio, O Curso de Electromecânica e o Ensino de Aperfeiçoamento Comercial e no ano seguinte o de Geral de Mecânica e de Electricidade. Em 1971 a Escola separou-se da escola mãe e passou a chamar-se Escola Técnica de Arganil.

Instalada inicialmente em condições precárias no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Arganil, só em 1982 a Escola foi instalada em edifício próprio. (Escola Secundária de Arganil, 2005).

Para a investigação que é a razão de ser deste trabalho interessa analisar a Escola nos últimos quatro anos. Verificamos pelo quadro seguinte que a população escolar da ESA (Escola Secundária de Arganil) tem vindo a diminuir, apresentando no ano lectivo de 2003/2004 o número mais baixo.

Escola Secundária de Arganil

Anos	Alunos
2000/2001	429
2001/2002	394
2002/2003	407
2003/2004	348

Fonte: E S A (extraído de um estudo do Gabinete de Acção Social do Município de Arganil)

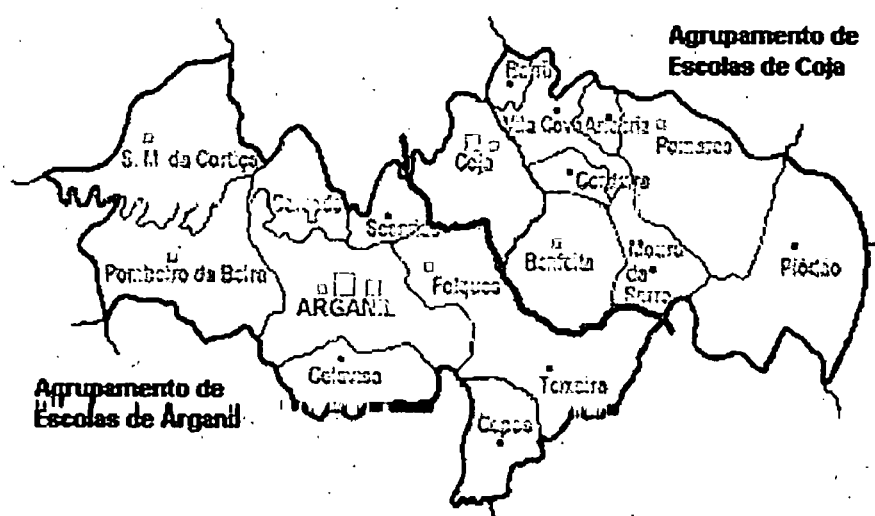
No ano lectivo 2003/2004, frequentaram o 12º ano 90 alunos, divididos por 4 turmas, sendo 2 turmas do Agrupamento 1; 1 turma do Agrupamento 4 e 1 turma da Área Tecnológica: Economia e Administração



## 1.6 - Bibliotecas Escolares

Importa ainda dizer que Arganil entrou na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares em 1997. Nesse primeiro ano foram criadas as Bibliotecas Escolares da Escola Secundária de Arganil, da EB 2 e 3 de Arganil e Coja e a da Escola do 1º Ciclo de Arganil. Em 1999 foram criadas quatro bibliotecas Escolares do 1º CEB e em 2000 mais três Bibliotecas do 1º CEB.

**Mapa do Concelho de Arganil por freguesias**



Legenda: Os símbolos a lilás no mapa, indicam as Bibliotecas: da Escola Secundária, do 2º e 3º CEB e das Escolas do 1º CEB, por ordem do tamanho dos quadrados.

Estas Bibliotecas estão organizadas, têm catálogo, livre acesso às estantes e fazem empréstimo domiciliário. Desenvolvem actividades de promoção da leitura e têm uma frequência razoável.

A rede de Bibliotecas Escolares abrange quase a totalidade dos alunos do 1º ciclo, a totalidade dos alunos do 2º e 3º ciclo e do ensino secundário.

**Bibliotecas Escolares no Concelho de Arganil**

Anos	Escola Secundária	Escola do 2º e 3º Ciclo	Escola do 1º Ciclo
1998	1	2	1
1999			4
2000			3

Fonte: Biblioteca Municipal Miguel Torga

É importante referir que os jovens sobre quem incidu este estudo, fizeram o seu percurso escolar já com Biblioteca Escolar desde o 2º Ciclo.

## **CAPÍTULO II**

### **CONSTRUINDO O FUTURO**

## 2.1 - Problemática e Métodos

A investigação que deu origem a este trabalho incidiu sobre alunos que frequentaram a Escola Secundária de Arganil nos anos lectivos de 2001 / 02; 2002/ 03 e 2003 / 04, para os que terminaram o 12º ano. Para os que abandonaram o Ensino Secundário, foram também seleccionados alunos que iniciaram este nível de ensino no ano lectivo de 2001/02.

### 2.1.1 - A Amostra

No ano lectivo de 2003/2004, dos 90 alunos da Escola Secundária de Arganil que prestaram provas nos exames nacionais, 41 passaram nos exames e concluíram o 12º ano de escolaridade.

Destes, 11 concluíram com média superior a 14 valores, tendo os restantes terminado com média entre os 12 valores e os 14 valores.

A partir destes valores foram constituídos 3 grupos da seguinte forma:

1º grupo – jovens que concluíram o 12º ano com classificações mais elevadas entre 16 e 18 valores

2º grupo – jovens que concluíram o 12º ano com médias mais baixas entre os 12 e 13 valores

3º grupo – jovens que frequentaram o ensino secundário, mas abandonaram a escola sem o terem terminado.

Cada grupo foi constituído por 5 jovens.

Para este trabalho procurei que a amostra tivesse em conta o factor residência, de modo a abranger diversas situações de meio e grupo social que permitisse uma diversidade maior e, portanto, uma amostra mais rica.

Assim foram escolhidos jovens que residem em localidades mais urbanas e outros em zonas mais rurais.

A entrevista foi sempre que possível feita em casa dos jovens. O objectivo foi que eles estivessem o mais à vontade possível para que as respostas saíssem de forma espontânea.

Esta fase tem como objectivo compreender a existência ou não de hábitos de leitura nos jovens que frequentaram o 12º ano ou o concluíram recentemente e

Esta fase tem como objectivo compreender a existência ou não de hábitos de leitura nos jovens que frequentaram o 12º ano ou o concluíram recentemente e entraram ou não no ensino superior e jovens do mesmo grupo etário que abandonaram a vida escolar durante o secundário.

As entrevistas foram conduzidas no sentido de obter informação sobre os hábitos de leitura destes jovens, bem como dos diversos factores sociais que os influenciaram nos seus gostos e hábitos.

## 2.1 - O Método

A investigação que pretendo realizar junto de jovens estudantes que frequentaram a Escola Secundária de Arganil entre os anos lectivos de 2000/20001 e 2003/2004 tem como objectivo perceber se o facto de possuírem hábitos de leitura foi ou não determinante para o sucesso ou insucesso escolar. Estou consciente que o problema que é o Insucesso ou Sucesso Escolar é muito complexo e que pode ser analisado sob as mais variadas perspectivas e que o problema da existência ou não de hábitos de leitura é apenas mais uma possível consequência.

No entanto é esta questão que pretendo analisar nesta minha investigação porque a minha sensibilidade como bibliotecária e o meu conhecimento da realidade principalmente da realidade com a qual tenho convivido ao longo da minha carreira profissional e o relacionamento que mantenho com muitas escolas e professores tanto a nível profissional como particular, levam-me a suspeitar da forte relação que pode existir entre gostar de ler / ter hábitos de leitura e o sucesso escolar.

Pareceu-me que o método interpretativo estruturado a partir da recolha de dados através de entrevista, me permitia uma melhor interpretação da realidade conduzindo a um conjunto de referências passíveis de análise.

Razões culturais e sócio económicas estarão também no cerne do problema?

O paradigma interpretativo parece-me o mais adequado para a problemática que pretendo desenvolver. A interpretação do fenómeno permite a criação de um instrumento teórico que não explicando e, portanto, não conduzindo a um quadro de soluções, nos permite, contudo, encontrar um

enquadramento conceptual que tem subjacente uma realidade sobre a qual queremos actuar.

As ciências sociais emergentes nos últimos séculos e que tratam o homem como um ser completo, trouxeram profundas alterações à investigação, principalmente no campo da educação e da sociologia.

O homem é um ser complexo e o seu comportamento decorre de inúmeros factores que o condicionam e o conduzem a comportamentos que definem a sua forma de estar perante o mundo que o rodeia. Estes comportamentos difíceis de delimitar em campos explicativos apertados são passíveis de interpretações que se enquadram em amplos quadros teóricos onde disciplinas como a sociologia e a educação se inscrevem em paradigmas compreensivos que se enquadram em correntes como o interaccionismo simbólico e a etnometodologia.

No caso concreto da minha investigação o objecto em estudo não pode ser separado do sujeito, pelo contrário, há uma interacção do individuo com o seu meio. A família, a escola, os amigos, os professores, são actores com papéis decisivos na problemática que me proponho estudar.

Porque o que me proponho realizar é uma investigação no campo da educação e da leitura, entendi que o método que melhor se coadunava com o meu trabalho seria o método de investigação qualitativa. Porquê? Porque me parece que para atingir alguns resultados credíveis eu teria que conhecer as pessoas com quem ia construir a minha investigação. Tinha de as escolher, de forma a que a amostra fosse rica e pudesse dar frutos. O método da entrevista estruturada permite-me recolher informação sobre vários quadros que rodeiam a realidade que pretendo estudar: a escola, as bibliotecas, a família e os alunos enquanto leitores. Pareceu-me que seria importante ouvir as pessoas, sentir a sua sensibilidade, entrar um pouco no seu mundo, percebê-los. Perceber a hesitação, o entusiasmo, o brilho nos olhos quando se fala de algo de que se gosta, ou o procurar das palavras de circunstância quando não traduzem sentimentos verdadeiros. Penso que tudo isto se percebe quando estamos frente a frente e nos olhamos nos olhos.

Tem de ser tudo muito verdadeiro e espontâneo. Aconteceu-me que, pela minha inexperiência nestas andanças de entrevistador, ter de repetir grande parte de uma entrevista, por não a ter gravado. Acabei por não aproveitar esse trabalho porque a repetição anulou tudo o que de espontâneo e verdadeiro tinha a primeira

entrevista. Aqui as respostas eram já dadas em função do que já tinha sido dito. Corrigiam-se algumas ideias que tinham sido inicialmente desenvolvidas de forma natural e espontânea. Percebi que o que tinha ali não era já um documento primário, mas um documento secundário construído em função do primeiro.

Neste tipo de investigação que pretende abranger um mundo vasto de informação que vai desde a família, a escola até à pessoa em si (o jovem), passa inevitavelmente por várias disciplinas: a antropologia, a sociologia, a psicologia, a educação.

O conjunto estruturado de questões que constituem o guião da entrevista pretende construir um espaço de observação que, tendo subjacente um vasto campo que mergulha nas ciências sociais, conduz a uma reflexão profunda sobre a problemática da leitura e a sua importância no sucesso ou insucesso dos jovens estudantes.

Para a entrevista construí um guião dividido em quatro quadros. Estes quadros estão relacionados com quatro grandes áreas: a escola, as bibliotecas, a família e o aluno enquanto leitor.

### 2.1.3 - Estrutura da Entrevista

#### 2.1.3.1 - Quadro I: A Escola

O primeiro quadro é constituído por oito questões relacionadas com o percurso escolar do jovem e de que forma foi ele estimulado para a leitura dentro da escola.

- 1 - De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?
- 2 - Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?
- 3 - Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?
- 4 - Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual lerem em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?
- 5 - Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades?

6 - Fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

7 - Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

8 - Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

#### 2.1.3.2 - Quadro II: As Bibliotecas

O segundo grupo trata as Bibliotecas e subdivide-se em Bibliotecas Escolares e Públicas.

##### A - Bibliotecas Escolares

Para as Bibliotecas Escolares foram formuladas três questões que pretendem avaliar de que forma a existência da Biblioteca Escolar foi importante para a criação de hábitos de leitura neste jovem.

A.1 - Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito o no gosto pela leitura

A.2 - Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

A.3 - Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

##### B - Bibliotecas Públicas

Quanto à Biblioteca Pública as questões pretendem analisar de que forma o jovem se relacionou com a Biblioteca Pública, como a utiliza e de que forma ela contribuiu para a sua construção como leitor.

B 1 - Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

B 2 - Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública

B 3 - De que forma essas actividades concorreram para que desenvolveses o gosto pela leitura?

B 4 - Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

B 5 - Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

### 2.1.3.3 - Quadro III: A Família

O terceiro quadro é dedicado à Família. São colocadas cinco perguntas que pretendem analisar de que forma a família e o meio familiar influenciaram a construção do leitor.

- 1 - Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?
- 2 - Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?
- 3 - Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.
- 4 - Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

### 2.1.3.4 - Quadro IV: A auto-construção do jovem leitor

Por último a auto-construção do aluno como leitor, pretende ver como é que o jovem se comporta perante a leitura e como se auto-construiu como leitor. Para isso foram colocadas nove questões aos entrevistados.

- 1 - O que é para ti a leitura?
- 2 - Como ocupas os teus tempos livres?
- 3 - Quando lêes, o que lêes?
- 4 - Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?
- 5 - O que é para ti uma leitura chata?
- 6 - É uma leitura agradável?
- 7 - Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.
- 8 - Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?
- 9 - Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem? Porquê?



## 2.1.4 - A Recolha dos Dados

### 2.1.4.1 - Grupo I

#### A) Médias Finais do Secundário

Assim foram escolhidos para o primeiro grupo, 5 jovens que obtiveram as médias mais elevadas no final do 12<sup>a</sup> ano. Destes, 1 dos alunos terminou com média de 18 valores; 2 alunos que terminaram o 12<sup>o</sup> ano com média de 17 valores e 2 alunos que terminaram com média final de 16 valores.

Todos os alunos entrevistados, que pertencem a este primeiro grupo, se encontram a frequentar cursos universitários e fizeram todo o percurso escolar sem retenções.

18 valores	17 valores	16 valores
1	2	2

#### B) Sexo

Verificou-se que dos 5 alunos com médias superiores a 14 valores, dois eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino.

Feminino	Masculino	Total
2	3	5

#### C) Residência

O local de residência é também um factor importante para a análise que pretendo desenvolver.

Verifiquei que 1 dos entrevistados residem em locais mais urbanizados, em localidades com mais 3000 habitantes e dois em locais com mais de 2000 habitantes. Os 2 restantes vivem em aldeias periféricas que distam poucos quilómetros (3 km. sensivelmente) da sede do Concelho.

Meio urbano	Aldeia
3	2

#### D) Profissão dos Pais / Habilitações Literárias

Quanto à profissão do pai e da mãe, o resultado é bastante heterogêneo, em todos os casos nota-se que um dos progenitores exerce uma profissão mais exigente em termos de escolarização. Se cruzarmos as profissões com as habilitações literárias, verificamos que só no último caso as habilitações do pai e da mãe se aproximam. Nos outros casos todos os casais têm níveis de escolarização diferenciados.

Apenas em um caso o pai tem apenas a 4ª classe. Todos os outros têm frequência de outros ciclos e 1 tem frequência universitária e em um caso o pai tem curso superior.

Mãe	Habilit	Habilit	Pai
1 Empregada de Escritório	FCU	6º ano	1- Encarregado de Oficinas
2- Doméstica	7º ano	engenheiro	2- Engenheiro Electrotécnico
3- Func. Jardim de Infância	6º ano	4ª classe	3-Gestor
4 -Bancária	12º ano	9º ano	4-Empregado fabril
5- Empregada fabril	6º ano	8º ano	5-Administrativo

Neste primeiro grupo, todos os jovens integram famílias tradicionais constituídas pelos progenitores e pelos filhos. Todos os casos pertencem à classe média ou classe média baixa.

As entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados. Todos os entrevistados se mostraram muito receptivos e disponíveis para a entrevista, todas elas foram feitas em casa dos entrevistados

#### 2.1.4.2. - Grupo II

##### A) Médias Finais do Secundário

Os alunos que integraram o segundo grupo são alunos que terminaram o secundário e tiveram êxito nos exames nacionais, mas que terminaram com médias mais baixas em relação aos do primeiro grupo. Assim foram entrevistados quatro alunos que terminaram o secundário com média de 12 valores e um aluno que terminou o secundário com média de 13 valores.

12 valores	13 valores
4	1

##### B) Entrada em Cursos Superiores

Destes alunos dois não entraram em nenhum curso superior; um entrou no Curso de História, outro no Curso de Acção Social e outro no Curso de Engenharia de Automóveis num Instituto Politécnico.

Entraram	Não entraram
3	2

##### C) Residência

Dos jovens que constituem este grupo 2 residem na sede do concelho e 1 reside numa localidade periférica mas muito próximo da sede de concelho, tendo considerado também meio urbano. Os 2 outros jovens vivem em aldeias com características rurais profundas. Um deles relativamente próxima 4Km. O outro reside a mais de 10 Km da sede de Concelho.

Meio urbano	Aldeia + de 10Km	Aldeia - de 5Km.
3	1	1

## D) Sexo

Neste grupo três dos jovens são do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Sexo Feminino	Sexo Masculino
3	2

## E) Profissão dos Pais / Habilitações Literárias

As habilitações literárias dos progenitores são na generalidade muito baixas. Verificamos que quatro têm apenas a 4ª classe e um apenas a 3ª Classe. Apenas um completou o terceiro ciclo e um o Secundário. São pois níveis muito baixos que não permitem um apoio muito efectivo em termos de acompanhamento das matérias.

Se cruzarmos as habilitações literárias com as profissões exercidas, verificamos que estas são também de baixa exigência a nível intelectual. Alguns dos pais exercem profissões de alguma responsabilidade e com alguma exigência intelectual; nas mães essa exigência é mais baixa: doméstica / rural e empregada fabril são as profissões que aparecem mais referenciadas.

Pai	Habilitação	Mãe	Nº
Operário/ Desempregado	4ª classe	Doméstica / Rural	3ª Classe
GNR	9º Ano	Doméstica	4ª Classe
Tipógrafo	4ª Classe	Empregada de Escritório	5º Ano
Contabilista	12º Ano	Empregada Fabril	4º Ano
Electrotécnico / Telecom	11º Ano	Empregada Fabril	6º Ano

Todos os jovens pertencem a famílias tradicionalmente constituídas pelos progenitores e filhos.

As entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados. Todos os entrevistados se mostraram muito receptivos e disponíveis para a entrevista.

Apenas uma das entrevistas foi feita em casa do jovem, uma foi realizada na Escola Profissional onde a jovem frequenta um curso de contabilidade e os três restantes na Biblioteca Municipal Miguel Torga de Arganil.

## 2.1.4.3 - Grupo III

O terceiro grupo é constituído por jovens que não terminaram o secundário tendo abandonado no 10º ou no 11º Ano.

## A) Sexo

Destes jovens, 4 são do sexo feminino e 1 do sexo masculino

Sexo feminino	Sexo masculino
4	1

## B) Residência

Os jovens que constituem este terceiro grupo residem, tal como nos outros grupos em localidades de características mais urbanas e outras mais rurais.

Assim 2 residem em localidade com mais 3 000 habitantes, 1 em localidade com mais de 2 000 habitantes e 2 em pequenas aldeias mais isoladas, distantes da sede de concelho.

Meio urbano	Aldeia + de 10 Km
3	2

## C) Profissão dos Pais / Habilitações Literárias

Analisando as habilitações literárias dos pais, verifico que nenhum tem o 12º ano e apenas 1 tem o 9º Ano.

Quanto à profissão verifico que são profissões de baixíssima exigência intelectual. Cruzando as habilitações literárias com o emprego verificamos que se ajustam.

Pai	Habilitação	Mãe	Habilitação
Guarda Florestal	6º ano	Auxiliar Educativa	5º ano
Motorista	9º ano	Tarefeira	8º Ano
Cobrador	4ª Classe	Doméstica	6º Ano
Comerciante	4ª Classe	Secretária	4ª Classe
Operário	4ª Classe	Trabalhador Rural	4ª Classe

Todos os jovens pertencem a famílias tradicionalmente constituídas pelos progenitores e filhos.

### **2.1.5- Entrevistas**

As entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados. Todos os entrevistados se mostraram muito receptivos e disponíveis.

Tive a preocupação de que a transcrição das entrevistas fosse a mais rigorosa possível e que o sentido das palavras fosse absolutamente respeitado.

Corrigi, no entanto, a construção frásica de forma a que o texto ficasse correcto na ortografia, pontuação e sintaxe.

### **2.1.6- Entrevistados**

Atribui aos jovens entrevistados um pseudónimo porque me pareceu que tratar os participantes nesta investigação sobre a leitura com números ou letras, lhe retirava um pouco da força que eu pretendo imprimir a este trabalho.

Os pseudónimos atribuídos não estão de maneira nenhuma relacionados com os nomes verdadeiros dos entrevistados.

## 2.2 - A Equação do Futuro - Ouvindo os Jovens

### 2.2.1 - Quadro I

O primeiro conjunto de questões está relacionado com a escola procurando perceber como é que estimulou o aluno para a leitura durante o seu percurso escolar e ainda se esse estímulo contribuiu para que adquirisse não só hábitos e gosto pela leitura, mas também sensibilidade estética, gosto pelas artes; perceber ainda em que áreas encontrou as maiores dificuldades e quais as disciplinas de que gostou mais.

#### 2.2.1.1 - Grupo I

O primeiro grupo analisado é constituído por jovens que concluíram o 12º ano com médias elevadas.

1 - A primeira questão vai no sentido de perceber a influência que a escola exerceu sobre ele enquanto leitor: De que forma foste tendo ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Catarina e Jacqueline declaram que já liam desde muito pequenas e, portanto a escola foi a continuação de um gosto, que vinha desde muito cedo.

Jaime declara que começou a ler no 1º ciclo por influência dos professores: «Comecei a ler na escola primária, porque houve uma professora que recomendou um livro *Uma Aventura no Algarve*, eu li e gostei e depois continuei a ler a colecção.»

Rui e António declaram que tomaram esse primeiro contacto na escola, mas já no 2º e 3º Ciclo. O primeiro diz: «Na primária ia lendo mais pela curiosidade. No segundo ciclo no 5º e 6º ano, tínhamos que ler um livro por mês, fazer um resumo. Dava algum gozo, na altura não me fascinava.»

Enquanto que o segundo afirma: «Foi sensivelmente desde o 9º ano que comecei a dar o Luis de Camões passei a ter mais contacto com esse tipo de

leitura. Foi na escola foi o próprio programa que obrigava os alunos, se quisesse passar de ano tinha de se esforçar sobre estes livros.»

#### Primeiras Leituras

No 1º Ciclo	No 2º e 3º Ciclo	Já liam	Não se recordam
1	2	2	0

2 - A segunda questão procura analisar de que forma os professores, por iniciativa própria, contribuíram para que o aluno adquirisse esse gosto: Lembra-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Apenas Catarina declara de forma muito clara que os professores liam em voz alta na biblioteca: «Liam, na 1ª classe liam, não sei precisar o nome das histórias. Liam histórias em voz alta na biblioteca, íamos lá talvez uma vez por semana, ainda não sabíamos ler», mas não se recorda de nenhuma em especial.

Jacqueline responde de forma ambígua: «Acho que sim, penso que os professores incentivavam para a leitura.», mas não tem registos claros de uma situação concreta.

Rui lembra-se de ter lido *O Cavaleiro da Dinamarca*

António diz que exterior ao programa não se recorda de alguma vez ouvir aos professores alguma história: «Fizemos uma vez sobre o programa, foi sobre os *Lusíadas*, foi um trabalho, mas exterior ao programa não.

#### Histórias contadas por Professores

Recorda-se	Não se recordam
1	4

3 - A terceira questão pretende reforçar a primeira procurando respostas mais objectivas sobre hábitos de leitura em sala de aula: Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta: histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?



Catarina e Rui respondem que no 1º Ciclo, era habitual os professores contarem histórias: «Na 1ª e 2ª Classe sim, eles contavam essas histórias, nos anos mais avançados não tenho ideia, depois não.» e Rui continua: «No 4º ano a professora tinha um bocado isso, lia livros fora das aulas. No 2º Ciclo não me recordo que possa ter existido.»

Jaime é peremptório: «Não me lembro. Se aconteceu alguma vez, foi muito pontual. Os autores eram tratados apenas pelo manual. Era só o manual.»

Os restantes ou afirmam claramente que não se recordam, ou então que liam em voz alta o manual: «No português para treinar a leitura.»

#### Histórias e Contos em Voz Alta

Habitual	Não habitual	Não se recordam
3	0	?

4 – A quarta questão pretende perceber se as aulas eram apenas dadas pelo manual ou se o professor recorria a outras obras para o enriquecimento das matérias dadas: Para além do manual, que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Também aqui as respostas vão no sentido do pouco incentivo que os professores trabalham para que os alunos adquiram hábitos de leitura.

Apenas António declara que os professores tinham o hábito de dar bibliografia para quem quisesse aprofundar as matérias.

Todos os outros usam expressões como: Não muito; Nem tanto; Eu acho que não; Não era muito frequente.

Catarina refere que as situações aconteciam na aula de Português em que os professores aconselhavam a leitura integral das obras

Jaime diz: «Não era muito frequente, mas alguns professores aconselhavam, casos pontuais, um ou outro livro. A aula era dada pelo manual.» Mas referem que estas situações aconteciam apenas no 3º Ciclo e Secundário.

#### Bibliografia complementar ao manual

Sim	Não	Pouco frequente
1	1	3

5 – A quinta e sexta pergunta procuram estabelecer um paralelismo entre as disciplinas a que tiveram mais dificuldade e aquelas de que gostaram mais: Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Ao questionar os jovens sobre as disciplinas em que tiveram mais dificuldades, 2 respondem que tiveram mais dificuldades a Inglês e 2 a Matemática, apenas 1 refere que a disciplina que gostou menos no final do 3º Ciclo e Secundário foi Português.

Quanto à dificuldade em Inglês, Catarina declara que tinha muita dificuldade porque não percebia, mas aceita o facto de não gostar de línguas: «Não gostei de inglês. Não gostava porque não percebia. Tinha muita dificuldade não percebia.»

António diz que apesar de até gostar de inglês teve muitas dificuldades: «Eu por acaso sempre me dei bem com o inglês, mas não sei ao ora das aulas do sistema de ensino, não me chamou a atenção.»

Os 2 jovens que declaram ter tido dificuldades a Matemática apresentam também razões diversas para este afastamento da disciplina. Jacqueline diz que sempre teve dificuldades não sabe bem: «Porquê? Não sei. Acho que não tive professores que incentivassem o gosto.»

Rui diz que apesar de gostar de Matemática, teve muitas dificuldades no 10º ano. «Hoje vejo que partimos em desigualdade de circunstâncias em relação a outros alunos; principalmente à Matemática que exige muitas bases.»

Disciplinas a que tiveram mais dificuldade

Inglês	Matemática	Português
2	2	1

6 – Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Quanto às disciplinas que mais gostaram, 3 jovens declararam gostar de História, 2 de Biologia, 2 de Matemática, 1 de Inglês, 1 de Física e 1 de Química.

Quanto aos motivos porque gostavam dessas disciplinas nenhum deu uma razão muito clara.

Disciplinas Preferidas

Historia	Biologia	Matemática	Inglês	Física	Química
3	2	2	1	1	1

7 – A sétima questão procura conhecer se a disciplina de Português os ajudou a criar o gosto pela leitura: Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Dos juvenis 2 responderam que oim do forma muito clara

«Acho, acho que sim. Para ler, precisamos de saber português. Ler as obras dos escritores portugueses e ficamos com curiosidade de ler mais alguma coisa porque nas aulas não lemos tudo, queremos conhecer ficamos com vontade de ler. Mostra a obra de escritores que nós não conhecemos. Obrigá a ler e ler de se saber ler.», afirma Catarina

Jacqueline é da mesma opinião: «Acho que sim, porque na escola liamos sempre diversas coisas e interessávamos mais pelos autores, tínhamos a curiosidade de saber mais sobre aquilo, procurávamos saber mais.» As razões que apresentam tem a ver com a maior proximidade com os escritores e o facto de falar com os escritores lhes despertar a curiosidade para conhecer melhor a obra deles e de conhecer outros.

Jaime diz que os professores de Português o incentivavam para a leitura: «Talvez, talvez no 2º e 3º Ciclo, mas não é assim muito. Os professores falavam muito que é importante ler que a leitura ajudava a melhorar a escrita e falavam bastante. Se pedíssemos davam sugestões de leitura.»

Rui diz que não é adepto da leitura literária e que só leu os resumos das obras recomendadas. Prefere leitura informativa em jornais, revistas especializadas e livros mais técnicos. Declara, no entanto que sempre praticou muito a leitura: «De certa maneira sim, de certa maneira não. Sinceramente nunca fui muito adepto da leitura literária, não li *Os Maias*. Só li o que demos nas aulas, li resumos.»

E António: «Sim incentiva os alunos, pelo menos a mim incentivou-me a eu ler mais a tomar aquela atitude de que ler é muito importante nos enriquece a nós próprios ao nível da cultura geral.»

O gosto pela leitura na disciplina de português

Acham que sim	Talvez
3	2

8 - Outra questão que procurou testar até que ponto a escola influenciou o gosto cultural do aluno: Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

A esta questão, 3 jovens respondem afirmativamente, não dando, no entanto, exemplos concretos. Catarina diz: «Acho que sim, falamos nas aulas de história coisas que ficamos com curiosidade de procurar um dia a conhecer.»

Jacqueline é da mesma opinião: «Tive contactos com coisas através da escola. Aprendemos a saber olhar para um quadro, para uma peça de teatro.»

Esta opinião é reforçada por António: «Sim, a escola é uma fonte de cultura até uma determinada idade (...)»

Dos alunos 2 têm uma perspectiva diferente:

Rui afirma: «Ao nível de artes não, a escola não consegue fazer isso, não consegue motivar as pessoas para a pintura, escultura.»

Jaime pensa da mesma maneira: «Um ou outro professor fazia referências a locais que pudessem ser interessantes para visitar. Mas outras referências não. Arte, cinema, não.»

Referências culturais na escola

Sim	Não
3	2

## Comentário

O que resulta com mais evidência neste primeiro quadro, que procura avaliar de que forma os jovens foram sendo estimulados para a leitura durante o seu percurso escolar, é que realmente não houve esse estímulo.

Nas várias questões apresentadas não houve da parte de nenhum inquirido uma recordação consistente de prática da leitura em sala de aula ou na escola. Não há memória de práticas e quando, fugazmente, elas aparecem não são consistentes. Não houve para estes jovens, apesar de serem jovens de sucesso escolar, uma política consistente de leitura por parte da escola. As aulas são dadas pelo manual e é o manual que é necessário memorizar. Não há interesse para além do manual.

As três primeiras questões pretendem levar os alunos a falar das suas primeiras experiências de leitura na escola, abordando a temática de vários ângulos. A primeira conclusão que podemos retirar é que não houve na escola um incentivo claro à leitura. As respostas são sempre muito vagas e os registos que ficam são de textos referidos no manual. Há ainda algum incentivo durante o 1º CEB, principalmente na 1ª classe, onde há ainda memórias mais estruturadas de leitura de prazer. A partir daí todos os jovens falam das leituras mais ou menos obrigatórias dos programas.

A quarta questão que é colocada está ainda relacionada com as três primeiras e tenta perceber se houve em todo ou parte do percurso escolar, incentivo para que o aluno aprendesse numa lógica de investigação, que partisse do manual para outras leituras. Das respostas dos entrevistados concluímos que esta estratégia, quando aconteceu, só se verificou no 3º Ciclo e no Secundário. Nos Ciclos anteriores as aulas são exclusivamente dadas pelo manual. Os alunos referem ainda que estas situações, quando aconteciam no Secundário eram quase exclusivamente na disciplina de Português com a leitura obrigatória de algumas obras. Não foram, pois, criados hábitos de investigação e aprofundamento das matérias. Apenas a consulta a algumas Enciclopédias e Dicionários.

Não se verifica assim a necessidade de um excepcional manejo da leitura e da compreensão das ideias. Importante e fundamental é memorizar o manual!

Quando os questiono sobre as disciplinas de que gostaram mais e aquelas a que tiveram mais dificuldade, é importante verificar que apenas 1 aluno declara que teve dificuldade a Português, 2 a Inglês e 2 a Matemática. No entanto quando verificamos as disciplinas de que mais gostaram, 2 respondem que Matemática foi a disciplina de que mais gostaram e 1 fala do Inglês como disciplina preferida.

Todos os jovens concordam que a disciplina de Português os pode ter ajudado a ler mais, embora os níveis de convicção sejam diferentes, apenas 1 jovem declara que não leu as leituras obrigatórias e no Secundário leu apenas os resumos.

Os 2 jovens que falam com mais convicção do interesse das aulas de Português, são aquelas que logo nas primeiras questões afirmam já gostar de "ler" antes da escola. Há, pois aqui, um dooportunar para a leitura que é externa à escola. Houve uma continuação de interesse que não despertou na escola.

A última questão deste quadro pretende completar as anteriores. A sensação com que fiquei depois de ouvir estas jovens é que a escola pode transmitir alguma sensibilidade estética levando o jovem a apreciar arte, todavia não há na escola essa preocupação. Alguns professores demonstram mais sensibilidade para esta área da cultura e vão transmitindo algum gosto. Contudo, tal como na prática da leitura e da escrita não há esse objectivo. Podemos perguntar: afinal o que é a educação? O que é educar e preparar o aluno para a vida? É dar-lhes o manual para memorizar?

## 2.2.1.2 - Grupo II

O segundo grupo é constituído por jovens que terminaram o secundário com médias entre os 12 e 13 valores.

1 - De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Josefina afirma que «Nunca tive muito gosto pela leitura», no entanto reconhece que gosta de ler « Gosto de ler livros, não muito grandes, rápidos de ler senão farto-me do livro e não o acabo.»

Márcio pelo contrário afirma que desde cedo teve contacto com a leitura: «Não só na escola, não só aqueles livros de leitura obrigatória, sempre li mais ou menos, livros extra escola adequados à idade.»

José não tem uma ideia muito concreta de quando teve contacto com a leitura, no entanto: «Lembro na escola primária o *Cavaleiro da Dinamarca*, o texto que estava no manual.»

Em Carlota há imediatamente a percepção do seu gosto pela leitura: «Lembro-me que foram os meus pais e os meus professores. Fui sempre muito interessada.»

Marta é muito clara na sua observação: « Eu acho que isso veio logo da primária. Nós tínhamos uma biblioteca na Escola Primária e os professores incentivavam à leitura e depois no Secundário li várias obras.»

Primeiras leituras

1º Ciclo	2ºe 3º Ciclo	Já liam	Não se recordam
3	0	1	1

2 - Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

A esta questão Josefina declara que já não se lembra e Marta afirma que não: «Que contassem não. Lembro-me que fizemos actividades com o *Clube das Chaves*. Mas não foi a ler. Fomos nós a pesquisar, líamos excertos.»

José Diz sem grande convicção: «Por vezes contavam...»

Márcio afirma convicto que: «Principalmente na Escola Primária era hábito o professor contar na escola, acontecia com alguma frequência.»

Carlota não se lembra: «No 2º e 3º Ciclo nunca tive ninguém que me puxasse para a leitura. No 5º e 6º ano éramos obrigados a ler um livro, fazer um resumo, uma ficha de leitura, mas não despertava o interesse, não.»

#### Histórias contadas pelos Professores

Recordam	Não se recordam
3	2

3 - Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta: histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Todos os entrevistados afirmam que se lembram de ouvir os professores lerem em voz alta, textos do manual. Apenas uma das entrevistadas afirma que lia pelo manual, mas também pelo livro.

Josefina diz que se lembra: «Sim, lembro-me de ler os textos, ler os manuais, outros livros não me lembro.»

Márcio também se lembra: «Sim, no 1º e no 2º Ciclo, lembro-me sempre nas aulas de Português, líamos em voz alta, relacionada com a matéria. Fora do manual, aconteceu talvez uma vez ou duas vezes, não era frequente.»

José diz que: «Nas aulas havia sempre um ou dois que lia em voz alta, mais o manual, nunca trazíamos o livro, lia o bocadinho que estava no manual.»

Carlota é mais incisiva: «Nós em voz alta não. Os professores talvez. Lembro-me de *O Cavaleiro da Dinamarca*. A professora lia pelo manual os excertos mais importantes. Não tínhamos o livro. A forma como se lia as coisas



era tudo muito rápido: isto interessa, isto não interessa. Nós não tínhamos qualquer seguimento lógico da história no livro. Era tudo muito por alto.

Marta é a única que fala da leitura sem o manual: «Mais no 1º Ciclo. Lia-se muitas vezes pelo manual; mas também pelo livro que nós trazíamos e acabávamos por ler a história toda.

#### Histórias e Contos em Voz Alta

Habitual	Não habitual	Não se recorda
4	0	1

4 - Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

No segundo grupo também não há respostas muito claras. Quando todos os entrevistados dizem que sim, que os professores indicavam outros livros para além do manual, todavia quando procuramos respostas mais concretas verificamos que essas situações aconteciam quase só na disciplina de Português, com os livros de leitura obrigatória.

Josefina diz que: «Sim, mas nunca fui muito de ler, lia os manuais, lia os apontamentos, fazia os trabalhos, fazia pesquisas, quando o professor mandava íamos procurar os livros»

Márcio afirma que: «A quase todas, na maioria das disciplinas, determinadas enciclopédias, acontecia bastante a Português. Aquela leitura obrigatória nomeadamente em Português, os livros de apoio, as obras em si que não vinham no manual, eram dadas. Lembro-me de Virgílio Ferreira.

Marta é da mesma opinião: «Sim acompanhava sempre com obras e outros livros que mesmo que não tivessem a ver com a matéria dada sugeriam sempre. Mais a Português e a História, alguns para compreendermos melhor...»

José diz que: «No 5º e 6º ano a nossa professora de Português queria que lêssemos um livro todos os meses, que fizéssemos o autor, um resumo, eu só lia os mais pequenitos.» [mas não se lembra de nenhum]

Carlota é de opinião que: «As aulas eram dadas pelo manual só a professora de Português é que era uma excepção.»

Bibliografia complementar ao manual

Sim	Não	Pouco frequente
4	1	0

5 - Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Para Josefina a dificuldade maior era a Português e Inglês: «Inglês e Português, não gostava muito de Português, porque achava muito maçudo, aqueles poemas. Nunca fui muito boa a interpretar os poemas, nem essas coisas assim.»

Márcio teve as maiores dificuldades a Filosofia: «Penso que Introdução à Filosofia no 11º ano. Nunca soube explicar, mas acho que se prende acima de tudo com a dificuldade na expressão escrita e também falta de estudo. A participação nas aulas era bastante positiva, mais na avaliação escrita, tinha dificuldade na escrita.»

José também teve dificuldades no Português: «Português, tinha mais dificuldades.»

Para Carlota as maiores dificuldades foram na área das ciências, principalmente a Matemática: «Matemática. Nunca foi... desleixei-me um bocado a Matemática no 7º ano. Arrependo-me bastante de não ter trabalhado mais, acho que tinha capacidade. Também a Química, mais a área das Ciências. Naquela idade é a euforia, estudava pouco e perdi um pouco o comboio.

Marta teve também dificuldades na Matemática e Físico-Química.

Disciplinas a que tiveram mais dificuldade

Português	Filosofia	Matemática	Físico/Química	Inglês
2	1	2	2	1

6 - Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Contabilidade, Tecnologias, Informática [Josefina]

Mecânica e Matemática [Márcio]

José da área das Ciências, (pouco claro e com pouca convicção)

História, Línguas, Filosofia, Psicologia [Carlota]

História, Francês e Latim [Marta]

#### Disciplinas Preferidas

Contabilidade	Tecnologias	Matemática	Ciências	História	Línguas	Filosofia
1	2	1	1	2	2	1

7 - Acha que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Josefina diz que talvez, mas não gostou da disciplina de Português: «Talvez, nunca gostei, gosto de ler, mas tudo o que tinha a ver com a disciplina em si eu não gostava, lia porque era obrigada, não era pelo prazer.»

Márcio também acha que talvez: «Talvez sim, talvez tenha na medida em que nos desperta, faz-nos despertar para este ou aquele livro, há boas obras de leitura obrigatória que nos podem despertar.»

José diz que não leu as leituras obrigatórias: «Aqueles histórias que a gente dá, *Os Maias*, não li, só li os resumos. *Felizmente há* li, fomos ver um teatro e chamou mais a atenção.»

Carlota também pensa que talvez: «Talvez inconscientemente me tenha levado a ler mais, mas isto é uma coisa que nasceu comigo, desde que me lembro que me veja a folhear coisas, não me lembro que me tenha levado a ler mais... Não precisava da escola para gostar de ler.

Marta dá a resposta convictamente: «Ajuda porque nós somos como que obrigados a ler. E isso cria um certo hábito de leitura. E depois ouvimos falar de

um livro interessante e vamos comprar. Falar de alguns autores desperta o interesse e leva-nos a procurar ler.»

O gosto pela leitura na disciplina de português

Sim	Talvez
1	4

8 - Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Josefina não deu qualquer resposta a esta questão

Márcio respondeu que: «De alguma forma sim, sempre fomos sensibilizados, na disciplina de História e de Português. Nos projectos de Área Escola, sempre nos sensibilizam, mais a cultura regional, música e filmes, provavelmente teriam algum interesse para as matérias que estávamos a estudar»

José diz que gostava de participar, mas que nenhum professor o incentivou: «Participava na "oficina de expressão dramática", gostava de participar (nas actividades) na Festa de Natal. Fazia parte do grupo de Teatro, tocava às quartas-feiras à tarde, ainda no 3º ciclo. [Exposições] Talvez até fosse uma coisa de que eu gostasse mas como nunca fui a nenhuma, não sei. Na escola nenhum professor incentivou.»

Carlota diz que a escola não: «A escola, não. Certos professores sim, a escola não [tem essa preocupação]. Há professores que me despertaram, há professores que tem a consciência que nós perdemos muito, que estamos um pouco abandonados. »

Marta diz que sim: «Transmitiu sem dúvida. Foi lá que eu tive contacto com o Teatro. Havia sempre visitas de estudo, ir ao Teatro. Fazíamos várias actividades na Biblioteca Escolar, relacionadas com a leitura, o "Chá com Livros»

Referências Culturais na Escola

Sim	Não
2	2

## Comentário

O segundo grupo estudado: jovens que concluem o 12º ano com médias baixas (12 e 13 valores), é um grupo de características diferentes do primeiro analisado. É uma constatação evidente que verifiquei quando os entrevistei.

As respostas às três primeiras perguntas traçam um quadro que não se distingue muito do 1º Grupo, embora se note um menor entusiasmo quando falamos de leitura. No grupo 2 jovens dizem logo à partida que não gostam muito de ler. Todavia encontramos 1 jovem em que se nota imediatamente a sua grande paixão pela leitura.

Sobre os primeiros contactos com a leitura 2 jovens dizem que já tinham contacto com a leitura antes de entrarem na Escola, e 1 fala com convicção do contacto com a leitura no 1º Ciclo. Todos os outros, são muito vagos nas suas respostas.

Nenhum dos jovens dá exemplos concretos de algumas histórias que tenham ouvido na escola contado por um professor. Apenas 1 jovem afirma que acontecia com alguma frequência o professor contar na escola. Mas quando questionamos se era hábito o professor contar histórias em voz alta todos os jovens dizem que essas histórias eram do manual e, portanto, não houve recurso à obra em sala de aula. Apenas um aluno refere que os alunos por vezes traziam o livro para a aula e acabavam por ler a história toda.

À questão se os professores tinham por hábito recomendar outros livros para além do manual, todos os jovens dizem que sim; que os professores indicavam outros livros, no entanto é fácil concluir pelas respostas que estas situações acontecem na disciplina de Português com os livros de leitura obrigatória, alguns referem também a disciplina de História.

A conclusão a que chego depois de ouvir estes jovens é que as aulas são dadas pelo manual sem recurso a outras obras.

Neste grupo, em relação às disciplinas a que tiveram mais dificuldades verifiquei que 2 dos jovens declaram ter tido dificuldade a Português. Analisando as respostas às três perguntas iniciais, verifico que são os mesmos alunos que declaram desde o início um maior desinteresse pela leitura.

Das disciplinas que mais gostaram 2 alunos referem disciplinas como História e Línguas e 3 declaram gostar mais da área das Tecnologias.

À questão se a disciplina de português ajudou a criar o gosto pela leitura, apenas 2 dos alunos são de opinião que sim. Os outros dizem que talvez, mas que não leram as obras obrigatórias. Há aqui uma relação que não podemos ignorar. É notório pela forma como se exprimem que, embora digam que lêem e que se interessam pela leitura, é perceptível algum afastamento em relação à leitura.

Aliás, a questão seguinte sobre as referências culturais que a escola dá vem de certa forma corroborar esta afirmação. Dos alunos 2 (dois) dizem que sim, 2 dizem que não e 1 deles não dá qualquer resposta. Contudo, ao analisar as respostas verifico que a ideia dominante é aquela que já predomina no 1º Grupo: alguns professores despertam a sensibilidade estética, mas não há essa preocupação por parte da escola.

## 2.2.1.3 - Grupo III

O terceiro grupo é constituído por jovens que abandonaram o Ensino Secundário sem terem terminado o 12º ano.

1 - De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Armando e Ana afirmam que não se lembram de quando tiveram o primeiro contacto com a leitura.

Carla lembra-se que: «Os meus professores da primária liam muitas histórias», mas acrescenta: «eu por mim nunca gostei de ler.»

Antónia e Vânia dizem que foi no secundário que leram algumas histórias e contos. No primeiro ciclo não se lembram.

## Primeiras Leituras

1º Ciclo	2º e 3º Ciclos	Já liam	Não se recordam
1	0	0	4

2 - Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Armando e Ana afirmam que não se lembram.

Antónia lembra-se de *O Arroz do Céu* e Vânia de *A Menina do Mar*, que, afirmam, só leram as partes que estavam no manual.

Carla afirma que: «Na primária contavam histórias» e acrescenta: «Era um livro que nós tínhamos e no livro dizia as histórias que devíamos ler. Todos os dias havia uma história e nós líamos.»

## Histórias contadas pelos Professores

Recordam	Não se recordam
2	3

3 - Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta: histórias, contos, apenas pelo prazer de ler.

No terceiro grupo as respostas são muito evasivas.

Armando diz que não.

Carla diz que liam as histórias que vinham no manual: «De vez em quando, geralmente quando dizia no manual que devíamos ler a história, o professor lia. No manual tínhamos as histórias. As histórias já vinham no manual e então nós líamos a história.»

Antónia diz que não: «Se calhar isso não. No 1º Ciclo não havia Biblioteca, mas havia uma estante e podíamos levar os livros para casa, mas eu não levava, nunca gostei muito de ler.»

Vânia diz que sim, mas pelo manual: «Era habitual, faziam a leitura pelo manual. Não levavam o livro era pelo manual.»

Finalmente Ana diz que era muito raro.

#### Histórias e Contos em Voz Alta

Habitual	Não habitual	Não se recordam
1	4	0

4 - Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Também neste grupo a opinião dominante é que o recurso a outros livros para além do manual era mais frequente nas aulas de Português.

Armando: «Sim. Era mais o Português, a Matemática também. De resto....»

Carla diz que os professores os aconselhavam a ler outras coisas durante as férias: «Vocês liam que depois no próximo ano vamos dar isto. Mais numas disciplinas que outras. Matemática não, em Português, no Inglês sim. Mais no 2º e 3º Ciclo.»

Antónia diz que: «Talvez alguns professores, mas era raro, não era hábito.»



Vânia é de opinião que: «Não muito. Diziam para nós lermos. Mas não me recordo. Mais quando fui para a Secundária. Mas não davam assim grande incentivo. Era mais nas aulas de Português. Também no Inglês, as obras na língua original.

Ana reforça a ideia de que era mais a Português: «Sim. Referiam outros livros em Português e em História lembro-me de *A Menina do Mar* e de *A Pérola*.»

Bibliografia complementar ao manual

Sim	Não	Pouco frequente
3	0	2

5 - Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Neste grupo quatro dos entrevistados tiveram dificuldade a Português e a Matemática

Armando: «Foi sempre a Matemática. A Português no 2º ciclo. Também Línguas estrangeiras.»

Carla: «Matemática. Não era que não gostasse. Acho que é um bocado confuso. Se calhar também foi culpa dos professores. No 5º e 6º até ao 9º era boa a Matemática. Quando cheguei ao Secundário ao 10º, a matéria era dada muito depressa e uma pessoa não acompanha. Era também o Português no Secundário.

Antónia: «Inglês, Matemática e Filosofia no Secundário, Português mais no Secundário.»

Vânia: «Inglês e História. História é mais estudar, mas eu a Inglês tive sempre dificuldade.»

Ana: «História, Português, Matemática, Inglês, Francês, Economia.» (não completou o 10º)

Disciplinas a que tiveram mais dificuldade

Português	Inglês	Matemática	História
4	4	4	2

6 - Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Armando: «Talvez Geografia»

Carla: «Adorei Físico-química e Francês

Antónia: «Uh!.....» (Não tem nenhuma de que tenha gostado.)

Vânia: «Gosto do Português e de Métodos Quantitativos. Também gostei do Francês. Acho mais fácil que o Inglês.»

Ana: «Tecnologias, Métodos Quantitativos.»

Disciplinas Preferidas

Geografia	Físico-Química	Francês	Português	Métodos Quantitativos	Tecnologias
1	1	2	1	2	1

7 - Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

As respostas são mais negativas neste grupo.

Armando acha que: «Sim, de certo modo», mas nunca leu as obras obrigatórias.

Carla diz que: «Por um lado acho que Português tem coisas muito interessantes e até gostei de ler aquelas histórias que achei mais interessantes, mas não li *Os Maias* era muito grande acho que era um exagero. Gostei da *Barca do Inferno* e houve algumas histórias que eu achei engraçadas, que eu li por fora.»

Antónia diz que não sabe: «Não sei, não gosto mesmo de ler.»

Vânia diz que mais ou menos: «Mais ou menos porque o que dava mais era os autores e não me atrain. Não li *Os Maias* comecei, mas não acabei. Não li nenhuma obra, era só o que estava no manual.»

Ana é a que dá a resposta mais clara: «Não. Li *A Pérola*, *A Menina do Mar*. Não li *Os Maias*, não gosto. A disciplina não me despertou. Nunca me deu prazer.»

O gosto pela leitura na disciplina de português

Sim	Não	Talvez
1	1	3

8 - Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

No terceiro grupo as respostas são mais negativas.

Armando diz que não: «Não. Fizemos visitas a algumas exposições. Nunca me chamou a atenção.»

Carla não dá uma resposta muito objetiva fala da sua própria sensibilidade: «Até sou capaz de apreciar de arte, pirâmides, gosto de ver o céu que é uma coisa muito gira, porque às vezes estão nuvens e depois começa a chover, muda muito depressa. Gosto mais da natureza.»

Antónia é também muito evasiva: «No 2º ciclo tinha música e EVT de que eu gostava muito.»

Vânia afirma que sim: «Acho que sim. A escola é boa para aprendermos certas coisas, ver peças de teatro, se não fosse a escola não ia, depende dos professores.»

Ana é de opinião que não.

Referências Culturais na Escola

Sim	Não	Sem opinião
1	2	2

## Comentário

As respostas deste terceiro grupo reforçam a ideia de que a escola não desenvolve dentro de si um programa de incentivo à leitura. É também evidente o afastamento destes jovens da prática da leitura. As respostas às questões são pobres de conteúdo.

Quanto à primeira questão as respostas são muito vagas. Apenas Carla se lembra de ter ouvido algumas histórias aos professores no 1º Ciclo, mas afirma logo de seguida que nunca gostou de ler.

A segunda questão tem resposta semelhante: não se lembram ou lembram-se vagamente de excertos de histórias que eram lidas pelo manual.

A terceira questão é respondida de forma semelhante: Não, muito raro, ou então excertos a partir do manual.

Sobre a utilização de obras para complementar as matérias dadas, as opiniões reforçam o que foi dito nos outros grupos: as aulas são dadas pelo manual e não há recurso a outras obras. Isto só acontece na disciplina de Português, Inglês com a leitura de obras na língua original.

Nas disciplinas que tiveram maior dificuldade, 4 jovens declaram ter tido dificuldades a Português, Matemática e Inglês. História foi uma disciplina difícil para 2 jovens.

Nas disciplinas de que mais gostaram contam-se: Métodos Quantitativos, 2 jovens e Francês também 2 jovens. Apenas 1 jovem declara que gosta de Português.

Sobre a importância da disciplina de Português no despertar do gosto pela leitura as respostas são mais negativas. Não há uma resposta afirmativa. Todos os entrevistados declaram que só leram alguns dos livros obrigatórios. Nenhum leu *Os Maias*. Para estes jovens a disciplina de Português não lhes despertou o interesse e não os ajudou a gostar de ler.

A última questão é também muito negativa. Verifico pelas respostas que não houve o despertar de sensibilidades estéticas nestes jovens. Há pois uma pobreza cultural que a escola não contraria.

### 2.2.2 - Quadro II

O segundo quadro de análise procura avaliar de que forma as Bibliotecas Escolares contribuíram para o incentivo à leitura. Procura também conhecer a importância que a existência ou não de Bibliotecas Escolares teve na aprendizagem, bem como na aquisição do gosto e prazer da leitura. Verificar até que ponto os professores contam com a Biblioteca Escolar para as estratégias pedagógicas é outro objectivo. E os alunos, como utilizam eles as Bibliotecas Escolares?

#### 2.2.2.1 - Grupo I

**A1** - Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e do gosto pela leitura.

Neste grupo 4 jovens afirmam que os professores os aconselhavam a ir à biblioteca, mas não sistematicamente. «Acontecia esporadicamente. Mais os professores de Português. »

Catarina é dessa opinião: «Sim, às vezes diziam para irmos à biblioteca, também para não estarmos desocupados nos furos. Mas não se notava muito. Eles próprios não iam.»

Jacqueline é da mesma opinião: «Nem todos os professores, alguns sim, mais os professores de Português.» [incentivavam a ir a biblioteca].

Rui afirma claramente que os professores não contavam com a Biblioteca Escolar: «Eu acho que não e até no caso de História, o professor do 12º ano disse que a biblioteca não tinha nada de útil e de interesse para a disciplina.»

Outra afirmação interessante é do Jaime: «Sim, aconselhavam a ir lá, a Biblioteca tinha manuais que utilizávamos e se não comprássemos no início do ano, podíamos ir lá buscar, mas outros livros não.»

António diz que: «Às vezes, quando estávamos a dar contos eles referiam outros e aconselhavam a ir à biblioteca para encontrarmos esses livros. Acho que sim.» (sem convicção)

#### A Biblioteca como estratégia pedagógica

Sim	Não	Talvez
3	1	1

**A 2.** Outra questão que pretende pôr em evidência o papel da Biblioteca Escolar: Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Todos os entrevistados afirmam que frequentavam a Biblioteca da Escola. Todos afirmam que iam ler jornais ou revistas. Utilização de computadores, ver filmes era também o motivo que levava à biblioteca 3 dos entrevistados.

Contudo só a Catarina afirma que requisitava habitualmente livros para empréstimo domiciliário «Sim, ia ler revista e jornais. Se eu estivesse a ler algum livro ia para lá continuar a ler e requisitava livros. Ia muitas vezes.»

António afirma que não requisitava muitos livros: «Às vezes ia buscar livros sobre Astronomia, nestes últimos anos ia à biblioteca pesquisar livros sobre esse tema e na Internet pesquisar sobre esse assunto. Musica não. Jornais e revistas sim. Não requisitava muitos livros.»

Todos os outros afirmam que frequentavam a Biblioteca Escolar, mas não tinham o hábito de requisitar livros.

#### Utilização da Biblioteca Escolar

Ler jornais e revistas	Util. computadores	Ver filmes	Requisitar livros
5	3	3	2

**B** - Ainda no âmbito da utilização das Bibliotecas é pedido agora aos jovens que se pronunciem sobre a forma como utilizavam a Biblioteca Pública.

— Procurar conhecer de que forma a sua existência teve ou não influência no desenvolvimento de hábitos de leitura.

**B1** - Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu concelho?

Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que têm uma boa opinião das Bibliotecas Públicas do Concelho, embora algumas respostas revelem uma opinião pouco fundamentada. Mas todos relevam o facto de frequentarem habitualmente a Biblioteca Pública.

Catarina diz que: «Gostava e encontrava sempre o que precisava.»

Rui afirma: «Ia à Biblioteca Pública. É mais sossegada, o horário é mais alargado. Aproveitávamos para fazer lá os trabalhos.»

A resposta mais convincente é sem dúvida a de Jaime: «Passei lá muitas horas, muitas tardes, mais durante o 2º e 3º Ciclo. Ia habitualmente, fazia lá os trabalhos, requisitava livros, conversava com a funcionária.»

Frequência da Biblioteca Pública

Frequentavam	Não frequentavam	Raramente
5	0	0

A segunda questão deste quadro pretende avaliar se o facto de a Biblioteca pública desenvolver actividades relacionadas com a promoção do livro e da leitura teve alguma influência no desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura nestes jovens.

**B2** - Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Municipal.

Catarina diz que foi à Biblioteca assistir a actividades. Mais no Secundário, mas não refere nenhum caso em especial.

Rui responde: «Lembro-me no 2º Ciclo fomos ver um Teatro duas vezes, também ver dois escritores, acho que foi a Maria Alberta Menéres.»

Jaime também se lembra de ter ido à Biblioteca: «Sim, lembro-me, uma ou duas vezes. Fui assistir a uma palestra, não me recordo o que foi, fomos integrados na turma, na disciplina de Português.»

António procura algumas memórias: «Acho que sim, lembro-me de ir, assim por alto, lembro-me de ir uma vez, na escola, acho que sim. Talvez tenha ido ver um escritor, não sei, não me lembro o que fomos ver, penso que foi um escritor, mas não sei.»

Apenas Jacqueline afirmou claramente o que tinha ido fazer à Biblioteca Pública «Fui o ano passado ou no ano anterior fomos à Biblioteca com a minha professora fazer uma visita para ver como está organizada. Foi muito bom porque ficámos a saber movimentarmo-nos e orientarmo-nos dentro dela.». Quando questionada sobre um encontro com escritores, disse que sim, mas não se lembra quem tenha sido o escritor.

Actividades na Biblioteca Pública

Foram	Não foram	Recordam	Não recordam
5	0	2	3

**B3** - De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Todos os entrevistados afirmaram considerar que estas actividades foram importantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Catarina é dessa opinião: «Eu acho que sim porque estamos a ver um escritor de um livro, que pode passar a ser mais conhecido que esteve ali a dizer-nos para nós lermos, a dizer porque é que escreveu o livro o que é que sentiu e isso é importante. Falar de si próprio desperta a vontade de ler os seus livros.»

Para Rui: «Tem importância ver o escritor, é totalmente diferente ler uma história saber o que a pessoa pensa sobre a vida de um autor que não conhecemos. Gera curiosidade e quero saber mais algo sobre essa pessoa.»



A opinião de Jaime é semelhante: «Parece-me importante conhecer o escritor, podemos conhecer outros escritores e ler outros livros.»

As respostas de Jacqueline e de António são mais ambíguas embora afirmativas.

**B4** - Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

A esta questão só Catarina respondeu afirmativamente dizendo que continua a frequentar a Biblioteca Pública: «mas sempre que posso vou à Pública, porque gosto muito de ler e não vou comprar todos os livros e por isso vou, sempre que posso.». Todos os outros responderam negativamente, dizendo que após a saída do Secundário não voltaram a frequentar a Biblioteca Pública.

Frequência da Biblioteca Pública após o Secundário

Continua a frequentar	Deixou de frequentar
1	4

A última questão deste quadro pretende avaliar de que forma os jovens entrevistados relacionam a Biblioteca Escolar com a Biblioteca Pública.

**B5** - Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública?

Todos afirmaram que a Biblioteca Pública tem mais livros de ficção. No seu entender a Biblioteca Escolar é mais técnica, o seu fundo documental é mais de apoio às matérias. Também referiram o maior silêncio na Biblioteca Pública.

«Na escola não têm tantos livros como na pública.» [Catarina]

«Só em termos de variedade de materiais, acho que são muito semelhantes.» [Jacqueline]

«A Biblioteca Pública é mais calma que a Biblioteca Escolar.» [Rui]

«A escolar oferece mais nas áreas escolares, é mais técnica não tem literatura.» [Jaime]

«Na Pública temos mais acesso a computadores.» [António]

## Comentário

Neste dois quadros que pretendem avaliar qual o interesse que a existência de Bibliotecas Escolares e Bibliotecas Públicas pode ter tido no desenvolvimento dos hábitos de leitura nestes jovens, as respostas indicam a fraca utilização que é feita das Bibliotecas. Conclui-se pelas respostas dadas que os professores não contam com a Biblioteca Escolar nas suas estratégias pedagógicas. A Biblioteca Escolar é utilizada por estes alunos fundamentalmente para ver filmes, ouvir música, ler jornais e revistas. Algumas pesquisas e fazer trabalhos. Verifica-se que não há o hábito de requisitar livros.

Quanto à Biblioteca Pública ficou demonstrado que todos eles a frequentaram regularmente durante o seu percurso escolar, que a utilizavam para requisitar livros, fazer pesquisa e também como lazer.

Quanto às actividades desenvolvidas na Biblioteca Pública deixam pouca marca nestes jovens. Ir à Biblioteca Pública assistir a Palestras, Oulóquios ou Encontro com Escritores, é considerado pelo como sendo muito interessante. Todavia quando questionados sobre as actividades a que assistiram não têm referências, não se lembram do nome dos escritores ou do tema de que foram ouvir falar.

Preocupante é o facto de apenas um jovem ter declarado que continua a frequentar a Biblioteca Pública desde que deixou a Escola Secundária.

Faculdade de Psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade de Lisboa  
BIBLIOTECA

## 2.2.2 2- Grupo II

**A 1** - Pensa nas escolas que frequentas-te com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Josefina acha que sim: «Acho que sim, cheguei a ir, utilizava mais a biblioteca para estudar, para ler não era muito habitual, ia à Municipal, requisitava livros. A maior parte dos livros que havia na biblioteca escolar era de apoio aos alunos.»

Márcio tem uma opinião diferente: «Não, se calhar da maneira que deviam, não com a frequência que deviam, também me ultrapassa um bocado, não sei, se calhar também não havia tanto suporte para as matérias, na Biblioteca Escolar.»

José acha que acontecia mais no Secundário: «Nas do secundário, nos outros Ciclos não, às vezes diziam para irmos à Biblioteca que havia lá vários livros para procurarmos.»

Carlota é muito clara: «Não, sinceramente acho que não. Houve um esforço para comprar alguns livros. Mas era mais por obrigação, porque pedem conselho sobre os livros que a biblioteca deveria ter. Nunca houve uma indicação para irmos procurar sobre um tema. Só se nós pedíssemos. Se estivéssemos interessados num tema. Também não havia muito interesse da nossa parte.»

Marta também é de opinião que muito pouco: «Muito pouco, acho que não utilizavam. Se não houvesse Biblioteca eles continuariam a dar as aulas na mesma. Mesmo, quando pediam para trazermos livros, nós comprávamos....»

## A Biblioteca como estratégia pedagógica

Sim	Não	Talvez
1	3	1

**A 2** - Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

No segundo grupo, todos os entrevistados afirmam que costumavam frequentar a Biblioteca.

Josefina diz que: «la lá estudar, ler jornais, Internet, ver filmes. Não tinha o hábito de requisitar livros, só alguns para fazer trabalhos. Outros só na Municipal. la também fazer pesquisas.»

Márcio não ia muitas vezes: «Não ia muitas vezes. Pesquisa na internet, consulta de manuais técnicos. Na da Escola Secundária tinha alguns manuais técnicos interessantes que serviam de apoio em diversos trabalhos. Ler jornais por vezes, mas não todos os dias. Não muito [requisitar livros]»

José ia à Biblioteca no Secundário: «Na Secundária ia ler os jornais desportivos e o *Público*, Internet, computador, estudar.»

Carlota também diz que costumava frequentar: «Costumava frequentar. No Jardim de infância tínhamos a Biblioteca, tínhamos as historinhas a biblioteca foi sempre um espaço, quase como uma segunda casa conheço-a muito bem e no ATL também tínhamos Biblioteca. Na Escola do 1º Ciclo acho que não. Não me lembro. Lembro-me que havia um estante, tinha lá uns livros, mas estava fechado. Tínhamos que pedir a alguém. Na primária não. [O que ias lá fazer?] la perder-me nos livros! Gastar tempo. Agradava-me muito andar por lá. Esquecia-me do mundo, aquele era o meu mundo. Filmes também, música, sou uma apaixonada pela música, jornais também. Costumava requisitar livros. Fazer pesquisa. Foi sempre um trabalho individual.»

Marta diz que sim: «Sim ia mais no secundário. Fazer algumas pesquisas, internet, consultar dicionários, ouvir música, filmes.»

#### Utilização da Biblioteca Escolar

Ler Jornais e Revistas	Util. Computadores	Ver Filmes	Requisitar Livros
4	4	3	1

B 1 - Que opinião tens da Biblioteca do teu concelho?

O segundo grupo frequenta menos a Biblioteca Pública

Josefina diz que: «À Municipal, sim ia requisitar, mas ficar lá não.»

Márcio diz que já frequentou mais: «Pública já frequentei mais, frequentava mais a sala de audiovisuais. [Requisitar livros] raramente.»

O José frequentava mais na primária: «Frequentava mais na primária, fazia os trabalhos escolares. Depois vinha mais ver filmes. No 12º ano vinha mais estudar, mas nunca requisiro livros.»

Carlota é frequentadora assídua: «Desde que abriu que a frequento. Estudar. Requisitar livros, internet, pesquisar. Ando por aí a mexer nas coisas. Tenho que mexer em tudo. Jornais e revistas, também os computadores para falar com os amigos.»

«Ia muito raramente.» [Marta]

Frequência da Biblioteca Pública

Frequentavam	Não frequentavam	Raramente
1	0	4

B 2 - Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Municipal

Neste grupo apenas um dos entrevistados afirma que nunca foi à Biblioteca, no entanto alguns não se lembram do que foram lá fazer.

Josefina lembra-se de ter ido: «Quando andava na primária acho que me lembro de ter ido, mas não me lembro do que foi, mas lembro-me de ter ido. Não me lembro de ter ido a encontro com escritores.»

Márcio também: «Lembro-me de ter ido a dois colóquios, um sobre a defesa do consumidor e outro, acho que foi no Dia Mundial do Livro.»

Bem como José: «Fui à Biblioteca assistir ao lançamento de um livro, fomos tocar flauta.»

Carlota também se lembra: «Acho que foi no 6º ano que fui, mas não me lembro o que foi o assunto, ver uma peça de teatro. Escritores não tenho ideia.

Fui ver filmes no auditório em turma, relacionados com a matéria, as comemorações da lição 100, fazer pesquisa para um trabalho em grupo, no 10º ano que era sobre a Idade Média.»

Marta afirma que nunca foi à Biblioteca.

#### Actividades na Biblioteca Pública

Foram	Não foram	Recordam	Não recordam
4	1	2	3

**B 3** - De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Neste segundo grupo apenas 2 entrevistados têm opinião sobre as idas à Biblioteca Pública.

Márcio diz que: «Talvez tenha consoabilizado um pouco.»

José: «Por não gostar de ler, se calhar, não me desperta o interesse.»

**B 4** - Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

A esta questão 2 dos entrevistados afirmam que nunca mais voltaram à Biblioteca Pública. Outros 2 afirmam que continuam a ir e 1 não respondeu.

«Nunca mais voltei à biblioteca pública, nunca mais li romances depois que sai da escola.» [Josefina]

«Por acaso, desde que deixei de frequentar o secundário, não voltei. Tenho o hábito de ler, mas fazemos troca de livros entre colegas.» [Márcio]

«Continuo a ir, mais é mais para ler os jornais.» [José]

«Não vou tanto porque não estou cá, mas quando estou vou sempre. Vou fazer pesquisas, encontrar-me com os amigos, requisitar livros.» [Carlota]

#### Frequência da Biblioteca Pública após o Secundário

Continua a frequentar	Deixou de frequentar
2	2

## **B 5 - Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública**

Márcio pensa que: «A Biblioteca Pública tem um leque mais vasto de opções, lá está, a Biblioteca Escolar está mais voltada para as matérias.»

Para José: «A Biblioteca Pública tem mais livros e mais espaço. Há mais silêncio, dá para a pessoa se concentrar melhor, estudar e aprender melhor.»

Carlota acha que: « A Biblioteca Pública está muito melhor apetrechada; também os funcionários, vê-se bem a diferença, percebe-se que estão muito mais preparados para isto. Nas bibliotecas das escolas vê-se que não estão preparadas. Ao nível dos recursos a Pública tem muito mais coisas.»

Marta e Josefina não responderam a esta questão.

## **Comentário**

A utilização da Biblioteca para os jovens que constituem o segundo grupo, não difere muito dos que constituem o primeiro.

Todos afirmam que a Biblioteca Escolar era muito pouco procurada como parceiro estratégico nas práticas pedagógicas.

No entanto todos os jovens dizem que frequentaram a Biblioteca Escolar e a utilizavam para consultas na Internet, computadores, música, filmes, jornais e revistas. Dos alunos só 1 (um) diz claramente que ia requisitar livros.

Poderemos concluir perante estas respostas, que os alunos utilizam a Biblioteca Escolar principalmente na sua vertente lúdica, desprezando o que a Biblioteca é como centro de recursos no apoio às práticas pedagógicas.

No que respeita à Biblioteca Pública a utilização é semelhante: ver filmes, jornais e revistas, estudar. Requisitar livros volta a ser uma prática rara. Apenas dois jovens declaram que requisitava livros na Biblioteca Pública.

As actividades na Biblioteca Pública para divulgação do livro e da leitura e outras actividades culturais, também não têm muito eco nestes jovens. Apenas um jovem declara que nunca veio e todos se recordam de terem vindo com a turma assistir a uma actividade. No entanto pouco se recordam do que foram ver.

Quanto à sensibilidade que essas actividades podem ter, provocado neles, as respostas são negativas ou inexistentes, o que justifica a pouca consistência da recordação.

As diferenças entre a Biblioteca Pública e a Escolar vão essencialmente para um fundo documental mais rico e diversificado e uma melhor organização dos serviços.

A frequência da Biblioteca Pública depois do secundário é como no primeiro grupo quase inexistente. Só 2 jovens dizem que a continuam a frequentar.

#### 2.2.2.3 - Grupo III

A 1 - Pensa nas escolas que frequentas com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

O terceiro grupo é ainda mais evasivo.

Armando diz que os professores referiam algumas vezes: «Sim, algumas vezes referiam e outras vezes até mandavam para lá a aula para fazer pesquisas.»

Carla acha que sim: «No 2º e 3º Ciclo tínhamos uma disciplina, que era Director de Turma e íamos para a biblioteca ver filmes, ler e fazer trabalhos. Na Secundária diziam para irmos à biblioteca ler e fazer os trabalhos e diziam se não houvesse na Biblioteca Escolar, para irmos à Biblioteca Pública.»

Antónia também acha que alguns professores contavam com a biblioteca: «Sim. Às vezes íamos para lá dar a aula. Os professores contavam com a Biblioteca Escolar. Diziam para irmos à biblioteca, nem todos os professores.»

Vânia diz que iam algumas vezes no Secundário: «Aconteceu mais no Secundário. Íamos algumas vezes para a biblioteca.»



Ana é afirmativa: «Sim, alguns professores contavam com a Biblioteca Escolar para dar as aulas.»

#### A Biblioteca como estratégia pedagógica

Sim	Não	Talvez
5	0	0

**A 2** - Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Armando diz que ia: «Pouco, só para ver filmes. Requisitei alguns livros de banda desenhada. De vez em quando ia lá fazer trabalhos de grupo e ler Banda desenhada.»

Carla ia mas não para ler: «Costumava, mas não era para ler, ia fazer trabalhos de grupo, ver filmes ou internet, ouvir música. Tinha a tendência para ler uma revista a Fórum, eu gostava de ler essa revista, às vezes lia.»

Antónia utilizava a Biblioteca mais para fazer trabalhos: «Consultar dicionários para fazer trabalhos. Costumava ir para a biblioteca quando não tinha nada para fazer. Fazer pesquisa, computadores, ver filmes, requisitar livros para fazer trabalhos.»

Vânia não ia muito: «Não ia muito. Mais para a Internet. Por vezes fazer pesquisa trabalhos em grupo, ver filmes não.»

Ana pelo contrário ia muitas vezes: «Sim, ia muitas vezes. Trabalhos de grupo. Ler jornais ou revistas era raro, mas requisitava livros.»

#### Utilização da Biblioteca Escolar

Jornais e Revistas	Utiliz. Computador	Ver filmes	Requisitar Livros
2	3	3	3

**B 1 -** Que opinião tens da Biblioteca do teu concelho?

Armando diz que nunca foi à biblioteca: «Nunca fui»

Carla diz que: «Ia mais para ouvir música ou consultar um dicionário. De vez em quando requisitava um livro, via um título e dizia: este deve ser engraçado e requisitava. Mais romance.»

Antónia também costumava ir.

Vânia ia principalmente durante o Secundário: «Pública ia principalmente durante o secundário. Não sou leitora, mas ia com outras colegas buscar livros para ler. Não passava lá muito tempo...»

Ana ia só fazer: «Trabalhos de grupo. Costumava requisitar livros, outras coisas não »

Frequência da Biblioteca Pública

Frequentava	Não frequentava	Raramente
4	1	3

**B 2 -** Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Municipal.

Armando demonstra mais uma vez o seu grande afastamento da leitura: «Não me lembro de ter ido»

Carla: «Lembro-me de ter ido ver um teatro, participei num teatro, no final do ano. A Municipal convidou a Escola para ir lá fazer um teatro e nós fomos, a minha turma. Na escola lembro-me de ter lá ido um escrito, vários, quando havia aquela semana cultural.»

Antónia: «Já fui ver teatro, também vou ver filmes, escritor só se foi no 2º e 3º ciclo, mas não tenho ideia.»

Vânia: «Eu já fui ver um teatro na Municipal, não me lembro qual foi o teatro. Fui com a turma. Gostei»

Ana: «Lembro-me de ter ido a Arganil, a um encontro com uma escritora.»

#### Actividades na Biblioteca Pública

Foram	Não foram	Recordam	Não recordam
4	1	1	3

**B 3** - De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

No terceiro grupo apenas três dos entrevistados têm opinião e todos eles afirmam que não foram sensibilizados.

Carla diz que: «Não, eu nunca fui de ler. Gostava de ouvir a opinião de cada um, mas nunca me puxou, se calhar naquele momento até puxava, mas depois não.»

Vânia: «Eu gosto de ir ao teatro, não gosto muito de ler, mas gosto de ir ao teatro.»

Ana: «Não, nem por isso. Eu sempre gostei de ler.»

**B 4** - Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Do terceiro grupo só um dos entrevistados continua a frequentar a Biblioteca

Armando e Vânia não voltaram à Biblioteca Pública.

Carla: «Nunca mais fui. Não tenho hábito de requisitar livros.»

Ana: «Nunca mais voltei.»

Antónia: «Continua a frequentar para fazer trabalhos.»

#### Frequência da Biblioteca Pública após o Secundário

Voltou	Não voltou
1	4

B 5 - Que diferenças vês entre, a Escolar e a Pública.

No terceiro grupo só 3 entrevistados responderam a esta questão: Carla diz que: «Na Biblioteca Pública há mais espaço, há menos barulho, há mais respeito. Tem muitas salas, na escola está tudo junto, há pessoas que fazem muito barulho. Na Municipal, os funcionários dizem para fazermos silêncio e nós fazemos porque temos respeito e na Escolar não é assim. Os funcionários estão mais preparados.»

Antónia é de opinião que: «A Municipal é muito mais evoluída, tem muitos mais livros, as funcionários são simpáticas.

Ana é da mesma opinião: «Na Pública há mais livros, na Escolar tem mais os livros para as aulas.

### **Comentário:**

Neste terceiro grupo não encontro alterações significativas em relação aos grupos anteriores no que respeita à utilização da Biblioteca Escolar. Todos eles frequentaram a Biblioteca Escolar e todos eles dizem que os professores lhes diziam para irem à Biblioteca fazer pesquisas. Quando os questionamos sobre o que iam fazer à biblioteca os alunos respondem que iam ver filmes, fazer trabalhos de grupo, Internet, ouvir música, ler jornais e revistas, consultar dicionários. Requisitar livros é uma coisa rara neste grupo.

Sobre a Biblioteca Pública, a utilização é também mais pobre. Um aluno diz que nunca foi e os outros iam ouvir música, fazer trabalhos de grupo, requisitar livros.

Nas actividades que frequentaram na Biblioteca Pública 3 referem o teatro. Apenas 1 se recorda de encontros com escritores e 1 não se lembra de ter ido à Biblioteca Pública. Mas todas as memórias são muito vagas. Quanto à sensibilização as respostas são negativas. Os alunos não valorizam estas actividades.

A utilização da Biblioteca Pública após o secundário quase não existe para estes jovens. A Biblioteca acaba com o fim da escola. Mais livros e funcionários mais bem preparados é a opinião de 3 destes jovens sobre a Biblioteca Pública.

### 2.2.3- Quadro III

Este quadro tem como objectivo analisar como a família e o meio influenciaram o jovem na descoberta da leitura. Que memórias ficaram do contacto que tiveram com a leitura quando eram pequenos. Qual era a relação da família com a leitura.

#### 2.2.3.1 - Grupo I

1 - Fala das experiências de leitura, em sua casa, com os seus pais ou outras pessoas, avós, irmãos.

Catarina fala entusiasmada das experiências de leitura em casa: «Sim muito positivo, o meu pai passa a vida a ler. Desde pequena que eu o vejo a ler nos tempos livres: jornais e livros.»

A presença de livros em casa é referida por Jacqueline: «Nitidamente, sempre houve muitos livros em casa, vários tipos, dava para descobrir coisas, quando tinha dúvidas ia tirar.»

A consciência de que a leitura é um caminho para a qualidade da escrita e para o sucesso escolar é uma realidade nos pais de Jaime: «Os meus pais, principalmente, insistiram bastante para que eu lesse com regularidade. Diziam que era importante para melhorar a escrita.»

A mesma ideia é referida pelo António: «Sim, os meus pais sempre me alertaram para a importância da leitura.»

**2 - A segunda questão deste quadro pretende verificar se houve algum registo duradouro de experiências com a leitura em pequeno: Lembras-te de alguma história que te tenham contado em pequeno?**

Catarina lembra-se das histórias contadas pela avó: «Só se for *O Capuchinho Vermelho*, eu ainda não lia.», e mais tarde: «Eu lembro-me da minha avó contar a história do *Capuchinho Vermelho* e de *Os Três Porquinhos*.»

Rui fala de uma história que ouviu em pequeno: «Lembro-me de uma história do menino, já não me lembro muito bem, que ia para fora da aldeia então chamava pelas pessoas porque, ia ser atacado pelo lobo e depois as pessoas chegavam e não era verdade. Era mentira quando o lobo atacou ninguém o ajudou. Foi uma história que me marcou pela mensagem que transmite.»

António também refere: «Lembro de contos das histórias de crianças que me contavam naquela altura lembro-me de *A Branca de Neve*, essas histórias.»

Jaime diz que se recorda de histórias, mas já era ele a ler: «Não, lembro-me de quando comecei a ler de um livro de contos da floresta, mas era já eu a ler, de alguém contar, não.»

Jacqueline não refere que lhe tenham contado histórias, mas tinha contacto com a leitura: «Tinha um livro quando era pequenita que ia buscar todos os dias. Tinha aquela necessidade de ver aquele livro. Era interactivo, tinha janelinhas eu ainda não sabia ler.»

**3 - Esta questão procura perceber, se o contacto com a leitura deixou marcas duradouras, que de alguma forma tenham influenciado o seu percurso como leitores. Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.**

Para Catarina «Sim gostei, gostava muito dessas histórias. Eram histórias que falavam de desenhos animados, que uma pessoa ainda gostava de brincar; ou de crianças como nós. Identificávamos um bocado com elas.»

Jacqueline diz que: «Talvez aquele mundo imaginário contos de fadas, não sei. Transportava para outros mundos que não eram reais, mas que eram interessantes.»

António é o que reage mais emotivamente: «A forma como estava escrita, como descreviam os monstros, despertava aquela emoção. Ai, aquele monstro! Eram emoções fortes, ficava com aquele sentimento, sentimentos fortes, quando estavam a ler nós ficávamos a imaginar coisas, fora da realidade, na fantasia como era, imaginávamos sempre coisas.»

Rui diz: «Foi uma história que me marcou pela mensagem que transmite.»

4 – Esta questão pretende avaliar como passavam os jovens os seus tempos livres quando ainda viviam com os seus pais: Como passas ou passavam os tempos de lazer com os teus pais?

As respostas obtidas não são muito ricas de conteúdo, permitem, contudo, fazer alguma avaliação: Ver televisão, passear e conversar são as actividades mais referenciadas.

## Comentário

É claro que estes jovens tiveram incentivo à leitura no contexto familiar. É nítida e absolutamente espontânea a forma como falam das suas experiências de leitura em ambiente familiar. As respostas deixam perceber que os pais de todos estes jovens se preocupam com a leitura

As recordações são aqui muito consistentes, dão exemplos, falam com agrado destas experiências que os marcaram; referem o nome das histórias, falam das emoções que elas lhes provocam. A presença de livros em casa é também referida.

A atitude da família em relação aos hábitos de leitura, tem nestes jovens um papel determinante. Em muitos deles há referência ao facto de um dos progenitores ser leitor assíduo. A forma como passavam os tempos livres é também um indicador importante. Ler e passear são duas ocupações que revelam interesses que poderão evidenciar tendências enriquecedoras intelectualmente.

#### 2.2.3.2 - Grupo II

1 - Fala das experiências de leitura, em tua casa, com os teus pais ou outras pessoas: avós, irmãos.

Josefina não teve experiências de leitura enquanto criança: «Não ninguém. Mesmo o meu pai nunca foi de perguntar como ia à escola, os meus irmão também não, temos uma grande diferença de idade.»

Márcio diz que sim: «Sim, os meus pais desde criança sempre gostaram de me oferecerem livros e esse aspecto foi essencial.»

José é muito vago, percebe-se que não houve incentivo, vive num ambiente muito afastado de necessidades intelectuais. Admite, contudo que em casa dele há livros.

Carlota é um caso à parte neste grupo, percebe-se que é uma pessoa que gosta de ler, que teve incentivo e modelos de leitor em casa: «O meu pai foi sempre um grande leitor. Lembro-me de ser pequenina e ver o meu pai com um livro na mesinha da cabeceira. Depois foram as conversas que ele teve comigo, sem dúvida que o meu pai foi a minha maior influencia.»

Marta não é tão convincente, não teve modelos, mas teve contacto com a leitura: «Os meus pais de alguma maneira, sim. Eles não são leitores, mais jornais e revistas. Mas desde pequena que tive livros.»



2 - Lembras-te de alguma história que te tenham contado em pequeno?

A segunda questão vem reforçar a falta de incentivo à leitura em Josefina. Não houve quem lhe contasse histórias em pequena: «O meu avô é que gostava de contar história, mas ele morreu tinha eu três anos e a minha mãe também nunca foi de ...»

Márcio teve essa experiência que lhe deixou marcas muito vivas: «Recordo-me de uma história que era contada pela minha avó, que falava sobre um menino pastor passava os dias a gritar para que as pessoas da aldeia lhe acudissem e o salvassem que o lobo, e um dia o lobo resolve mesmo aparecer e ninguém apareceu a lhe acudir.»

Com José isso também aconteceu: «Mais a minha avó, "A Carochinha", "O Capuchinho Vermelho", o do lobo que estava a atacar e quando atacava ninguém acudiu, gostava de ouvir e ainda hoje gosto de ouvir.»

Carlota volta a surpreender pela espontaneidade e pela vivacidade das suas recordações: «Um livro que me interessou muito, talvez porque era, para mim, proibido na altura, foi *Lolita*, eu era muito pequena, mas era um livro que me atraía. Eu via o livro na estante em casa e sabia que não podia ler, perguntava ao meu pai e perguntava sobre que era o livro. Penso que ouvi na televisão falar sobre o livro e fiquei com curiosidade.»

Marta tem lembranças muito claras de leituras, em criança mas não que lhe tenham contado: «Lembro-me das histórias da Anita que eu tinha a colecção toda. Estava sempre a ler.»

3 - Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

A esta questão Josefina não responde.

Márcio pensa que se recorda daquela história porque: «Talvez por ser contada quando eu era muito novo e foi talvez a primeira que me alertou para um problema que me fez pensar duas vezes, pela mensagem contida na história.»

José também revela as suas recordações: «Normalmente era quando a gente ia para a cama ou à tarde quando era para dormir. Ficava com a história na cabeça, sonhava, imaginava. Ainda não sabia ler.»

Carlota: «Lembro-me da *Bela e o Monstro*. Era sobre uma menina, sonhava que uma história daquelas acontecesse comigo. Acho que foi essa a história. Foi uma história com a qual me identificava.»

As histórias de *Anita* continuam a ser as preferidas de Marta: «Ainda me lembro de alguns contos. Eu achava piada àquela rapariguinha com aquelas aventuras todas, contadas de uma maneira muito fácil para nós compreendermos.»

4 - Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Verificamos que a forma de passar os tempos livres em família não noot grupo menos diversificadas. Ficar em casa é a resposta mais freqüente. Apenas Márcio e Carlota falam de viagens.

Em casa, andar de bicicleta e pouco mais. [Josefina]

Passeávamos bastante, não ficávamos muito em casa. Mais as paisagens, visitar a família. [Márcio]

A ver televisão, ajudá-los na fazenda. [José]

Conversar, passear, visitar certas zonas do País. O meu pai é uma pessoa muito ocupada, não tem muitos tempos livres. [Carlota]

Lembro-me que era assim mais de jogos: de dados, batalha naval, ou filmes também. Assim, ler os meus pais nunca tiveram esse hábito de ler para mim, compravam-me livros, mas não liam. [Marta]

## Comentário

Continua a ser visível na maioria dos jovens que constituem este grupo a existência de um contacto, desde muito cedo, com a leitura em casa, embora se note um menor entusiasmo quando comparamos com o primeiro grupo. Apenas

em 2 jovens, Josefina e José é notória a falta deste contacto desde criança, embora em José haja ainda algumas recordações, o que não acontece com Josefina. Deste grupo estes 2 jovens, embora tenham terminado o 12º ano, não entraram em qualquer curso superior. Na altura em que foram feitas as entrevistas frequentavam pequenos cursos de formação profissional.

É interessante verificar que estes 2 jovens quando questionados sobre a ocupação de tempos livres, referem que ficavam em casa. Há, pois uma vivência muito pobre, o que não acontece com os outros que referem outras ocupações como viajar.

Apenas 1 jovem não tem recordações de histórias ou contos lidos ou ouvidos na sua meninice.

Carlota é um exemplo muito interessante, pois está num grupo de médias mais baixas e num grupo que revela pouco interesse pela leitura, o que não se verifica com ela. Carlota terminou o 1º ano do Curso de História com média de 16.

#### 2.2.3.3 - Grupo III

1 - Fala das experiências de leitura, em tua casa, com os teus pais ou outras pessoas: avós, irmãos.

Armando demonstra, desde o primeiro instante da entrevista, a inexistência do gosto pela leitura: «Sim os meus pais sempre a dizer para que eu estudasse. Mas eu nunca gostei desde pequenino.»

Com Carla acontece a mesma situação: «Não. Os meus pais nunca foram daquelas pessoas que estão ao pé de nós quando estamos a estudar. Não são de ler. O meu pai só se for um jornal, mas muito raro e a minha mãe só se for uma telenovela, mas é muito raro.»

Antónia é ainda mais lacónica: «Diziam para eu estudar. »

Também Vânia não demonstra nenhum entusiasmo com a leitura: «Incentivavam, os meus pais diziam que fazia muito bem ler, porque tanto na maneira de escrever....»

Ana: «Nem por isso. Eu lia porque gostava, não era que eles me dissessem. Mas compravam-me livros. »

2 - Lembras-te de alguma história que te tenham contado em pequeno?

A segunda questão vem reforçar a impressão que ficou da primeira. Armando diz que só lia *Banda Desafiada*.

Carla também não se lembra de nenhuma: «Só se for uma daquelas histórias de mentira. Às vezes inventavam, quando estava a trovejar, que Nosso Senhor estava a ralar. Mas histórias mesmo ou de ler um livro, não.»

Com Antónia é também evidente a pouca familiaridade com a leitura: «Não me lembro. Leio histórias ao meu irmão, mas não reparo nos títulos. É um livro que tem muitas histórias»

Vânia também não se lembra que lhe tenham contado: «Eram aquelas histórias: *A Branca de Neve*. Li algumas coisas, que tivessem contado não.

Ana afirma: «Não, não era hábito.»

3 - Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

A esta questão nenhum dos entrevistados respondeu.

4 - Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais.

A esta questão todos respondem que passavam os tempos livres em casa.

Dar umas voltas pelas terras perto. Em casa a ver televisão.  
Computador (jogos), música e pouco mais. [Armando]

A ver televisão. Eles iam dormir a sesta e eu ficava a ver televisão.

[Carla]

Sempre em casa. Há sempre coisas para fazer. [Antónia]

A brincar. Saíamos pouco. Era mais em casa. Nada de mais. [Vânia]

Em casa. [Ana]

### **Comentário**

O terceiro grupo analisado apresenta neste quadro um grande afastamento da leitura. Não foram estimulados pela família. Em todos os casos é evidente que não há hábitos de leitura em casa. Todos afirmam que os pais os mandavam estudar, contudo, não há exemplos de leitura em casa. Não há memórias de leituras em criança e as que há são absolutamente inconsistentes. A forma como passam os tempos livres revelam essa limitação, que não é só uma limitação económica, é uma limitação intelectual. Estes jovens estão absolutamente afastados da leitura desde a infância

#### 2.2.4 - Quadro IV

Este último quadro pretende averiguar se os jovens entrevistados são leitores assíduos, e qual o tipo de leitura que mais lhe agrada. Perceber também se têm hábitos culturais ou outras sensibilidades. Finalmente o objectivo é analisar como o jovem se auto-construiu como leitor.

##### 2.2.4.1 Grupo I

1 - A primeira questão pretende avaliar a "familiaridade" com que os jovens tratam a leitura: O que é para ti a leitura?

As respostas são interessantíssimas porque apresentam várias perspectivas do que é a leitura.

Dos entrevistados 3 ligam a leitura ao conhecimento: «Uma fonte de conhecimento, uma pessoa abre um livro, mesmo se não for um livro específico, mesmo a leitura de prazer, aprendemos sempre alguma coisa» [Catarina]

«O que procuro na leitura é mais o conhecimento.» [Rui]

«É uma forma de crescimento, uma educação porque é através da leitura que nós adquirimos o conhecimento.» [António]

Jacqueline diz: «Não sei, a leitura é uma coisa de que uma pessoa tem necessidade, leio sempre, jornais outras coisas. Se se gosta, qualquer coisa serve, não sei explicar, leio qualquer coisa.»

Para Jaime: «É uma boa maneira de passar o tempo, de distrair. Quando temos problemas não pensar neles, ficamos absorvidos pela história, viver no mundo da fantasia. Faz-nos sonhar, o que por vezes não acontece na vida real.»

2 - Na construção do jovem como leitor importa avaliar o que mais gosta de ler. Quando lê, o que lê?

Só Jaime afirma que gosta muito de ler romances: «Romances, muitos romances, Nicholas Sparks, comédias romântica.»

Para António o autor preferido é Steven King e gosta também de ler livros sobre Astronomia.

Rui lê livros sobre Ocultismo.

Jacqueline afirma: «Leio de tudo um pouco, o jornal no caixote com alguma coisa interessante.»

Catarina: «Livros científicos e de História de Portugal, não leio muito romances, muito raramente.»

Todos afirmam ler jornais e revistas especializadas para a área em que estudam. A leitura literária está um pouco afastada destes jovens. Expressamente apenas dois dos jovens afirmam ler romances, todos os outros referem a leitura científica como sendo a preferida.

3 – Esta questão procura reforçar o que entende o jovem por leitura. O que é para ti uma leitura chata?

As respostas são tendencialmente ambíguas, mas há algumas respostas interessantes.

Para Catarina: «Daqueles romances que não cativam, muito pesados, que só chateiam. Livros sem interesse.»

Jacqueline: «A própria história, não tem nexo, é confusa, a forma como está escrita.»

Rui: «A leitura chata se calhar é estudar quando não nos apetece, estamos a ler e não entra nada.»

António: «É ler um livro por ler, são apenas palavras; não nos diz nada.»

Jaime não conseguiu encontrar uma definição clara para a questão. Depois de muito pensar disse: «Há muitas, pensar um bocado só se for... Leitura? Não estou a ver.»

**4 - Outra questão que reforça as anteriores: E uma leitura agradável?**

As respostas são agora muito mais claras.

Para Catarina: «Leitura que consegue envolver do princípio ao fim. Que enquanto não acaba não estamos satisfeitos. Que só acabamos de ler quando acaba. Tanto científicos como romances.»

Jacqueline: «É aquele tipo de livros que se pega e não se consegue parar, tenho de ler num dia, é viciante.»

Rui: «Leitura agradável é quando apetece virar a página, apetece estar a ler e não querer parar, esquecer as horas.»

Jaime: «Romances, é o que eu gosto mais.»

António: «É um livro que gostamos de ler, é o máximo, desperta interesse, quero ler o livro até ao fim.»

**5 - Reforçando o que é para estes jovens a leitura: Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.**

*A Lua de Joana e Os caminhos da Droga.* [Catarina]

*A colecção Uma Aventura* e Nicholas Sparks. [Jacqueline e Jaime]

Para António os preferidos são os livros de Os Arrepios e Steven King.

**6 - Esta questão pretende avaliar se a leitura faz parte das ocupações dos tempos livres destes jovens: Como ocupas os teus tempos livres?**

Dos 5 entrevistados 4 afirmam ler durante os tempos livres. Apenas 1 não o afirma explicitamente. Ler, computadores / Internet, televisão e desporto são as ocupações predominantes. Apenas 1 dos entrevistados apresenta o cinema como uma forma de ocupar tempos livres.

Ocupação de tempos livres

Ler	Televisão	Passear	Computador	Desporto	Conversar	Música	Cinema
4	2	1	4	2	1	1	1



7 - Esta questão tem como objectivo avaliar mais uma vez a capacidade de análise do jovem em relação à leitura e à construção dos textos: Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

As respostas vêm no seguimento do que foi analisado, quer dizer que os jovens têm a perfeita noção da relevância dos textos e estão conscientes do tipo de texto que lhes interessa.

Para Catarina: «Texto literário, mais refinado, com aqueles recursos estilísticos; mais perfeito. No texto científico o interesse é transmitir conhecimentos.»

Jacqueline pensa que é: «A linguagem que é utilizada, a forma a estrutura do texto, e a informação que é dada.»

Rui diz que: «O literário é aquele texto que perde um bocado o concreto a exatidão e parte para uma leitura que se associa a uma história, um romance, no literário chegamos ao imaginário. O texto informativo é muito conhecimento, realidade, concreto.»

Já para Jaime: «Texto literário é ficção, não tem factos verídicos, ou não deve ter. Texto informativo informa as pessoas, ensina.»

António: «Um texto informativo é a pesquisa que eu faço para astronomia. Um texto informativo dá-me informação eu ali adquirei conhecimento. No texto literário tem sempre aquele moral, mas para mim o que me chama mais a atenção, num livro de leitura literária, são as tais emoções. »

8 - A questão pretende perceber de que forma o jovem é sensível à arte, nomeadamente ao cinema: Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres, ou é mais do que isso?

Todos os jovens afirmam gostar de cinema embora nem todos vão ao cinema regularmente. Apenas dois jovens vão regularmente.

Catarina e Jacqueline dizem que vão raramente, mais em férias, mas pouco.

Rui e Jaime afirmam que vão ao cinema para descontraí e divertir-se. Para Jaime o cinema é algo mais: «vejo-o como um instrumento de cultura, acho que as próprias histórias dos filmes ensinam e ajudam a formar a pessoa, tem muito para dar. Gosto de ver bons filmes, de qualidade»

António vai poucas vezes, no entanto pensa que: «na leitura podemos enriquecer a língua em que estamos a ler, mas o que há de semelhante é a história. No livro há palavras que criam as imagens, no cinema as imagens estão lá.»

Ir ao cinema

Habitualmente	Pouco	Nunca foi
2	3	0

9 - A última questão, pretende ser como que uma conclusão da problemática desenvolvida. É uma questão que procura levar o jovem a racionalizar todo o caminho percorrido nesta entrevista: De que forma o hábito/gosto da leitura pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

As respostas demonstram que todos pensam que gostar de ler é fundamental para ter êxito nos estudos.

Importante verificar o papel da leitura literária. Para Catarina: «Na leitura literária pode não se aprender diretamente, mas há sempre alguma coisa que fica e um dia uma pessoa lembra-se, é preciso ler.» Mas acrescenta que o importante é gostar de ler: «Quando não se tem o hábito ou o vício é mais difícil dominar a leitura, não gosta e não consegue.»

Para Jacqueline: «É importante, o próprio estudar é ler, por isso tem de se gostar.»

Rui: «Porque a leitura dá-nos outra capacidade de expressão. Maior clareza vocabulário mais rico temos N maneiras de dizer a mesma coisa quem tiver disciplinas como História se souber expressar-se bem e tiver uma boa expressão escrita tem muito mais facilidade» e continua: «É um trabalho que se faz, quer dizer, não é propriamente um trabalho, é um hábito que se cria que tem

frutos futuramente enquanto que quem nunca fez isto, muito dificilmente num ano lê quatro ou seis livros e já tem o mesmo vocabulário da outra pessoa é uma coisa muito demorada e se começar desde criança é muito diferente.»

Para Jaime: «Acho que sim, no meu caso antes de começar a ler a minha mãe dizia que eu escrevia pessimamente e ela diz que notou uma diferença na escrita depois que passei a ler e eu próprio notei que comecei a escrever melhor.»

António: «Quem goste de ler tem muito mais facilidade de adquirir conhecimento, lê, está a ler e não está forçado, assimila mais as coisas. Quem não goste de ler tem mais dificuldade e acaba por se chatear, chega a pôr de parte.»

## Comentário

É evidente que todos os jovens do primeiro grupo, têm hábitos de leitura. Nalguns mais enraizados, noutros nem tanto, mas em todos verificamos essa preocupação. Uma questão interessante é o facto de a literatura, para alguns deles não ser a sua leitura preferida. Gostam essencialmente de ler livros de assuntos que lhes transmitem um prazer semelhante à literatura. As definições de texto literário e texto informativo levam também a essa percepção. Estão muito conscientes das diferenças. Talvez a necessidade de estudar bastante com vista a conseguir atingir as médias desejadas, lhes tenha inculcado esta necessidade do texto informativo. A verdade é que todos eles lêem também ficção, para além de outros tipos de leitura poderemos dizer que são leitores cumulativos porque praticam vários tipos de leitura.

A sua perspectiva de leitura chata e leitura agradável permite também avaliar a sua maturidade em relação à leitura. O deitar para o lado ou ler com avidez um texto de que se gosta é próprio de quem tem com a leitura uma intimidade de longa data.

Sobre cinema todos se pronunciaram e mesmo naqueles que declararam que não vão habitualmente ao cinema, verificamos que gostam de ir e que estão familiarizados com o cinema e que são sensíveis a esta forma de arte.

Todos eles concordam que gostar de ler é fundamental para o sucesso escolar e dão razões que justificam estas opiniões.

Nas entrevistas foi notório o entusiasmo com que falavam sobre a leitura. Muito à vontade e muito seguros das suas respostas. Será que gostar de ler foi determinante para o seu sucesso escolar?

#### 2.2.4.2 - Grupo II

##### 1 - O que é para ti a leitura?

Josefina não tem uma opinião formada sobre o que é a leitura.

Para Márcio a leitura pode influenciar a nossa vida: «A leitura para mim pode ser variadíssimas coisas desde tomar contacto com informações técnica, leitura dos romances são sempre... Pode-se sempre tirar do mais diverso alusões, pode influenciar o nosso dia a dia. Os romances, a escrita é a melhor forma de comunicação, é porque é qualquer coisa que fica registado, pode ser consultado todos os dias, e se calhar todos os dias a leitura de um bom livro posso lê-lo e posso lê-lo para o ano e fazer uma interpretação completamente diferente.»

A leitura para José é uma forma de adquirir conhecimento: «Podemos adquirir mais conhecimento, no meu caso a leitura que eu faço é mais para adquirir conhecimento e estar mais informado, mas quem gosta de ler livros, é mais o que se passa no mundo em relação às outras pessoas. Conhecer outras realidades. »

É um prazer, diz Carlota: «Acho que é a minha maior perdição. É um prazer, dá-me coisas que ninguém mais me consegue dar. É muito pessoal. Quando estou a ler um livro, é uma coisa muito pessoal. É um dos meus maiores prazeres.»

Uma mais valia e uma fonte de riqueza e cultura, diz Marta: «É uma mais valia. É uma fonte de riqueza e de cultura. Pode ser também uma ocupação de tempos livres. Quando nos identificamos com a história conseguimos olhar para o texto ler e quase que nos inserimos lá dentro como uma personagem.

A literatura também nos pode trazer conhecimentos. Há obras que nos transmitem uma realidade, lembro-me de uma que li sobre a Segunda Guerra Mundial. Há determinadas frases que nos diziam o que se passava naquela época e que, se calhar, os filmes não conseguem transmitir.»

### 3 - Quando lêes, o que lêes?

Romances, gosto, mas só aqueles livrinhos fininhos, que se lêem rapidamente, aventuras também gosto, mas depois da escola nunca mais li.  
[Josefina]

Márcio gosta de ler romances, livros técnicos de apoio às matérias e jornais e revistas: «Mais romances, não há uma linha que eu siga. Principalmente livros de romances. Mas não há uma linha que siga, um estilo que siga, lá está, o amigo recomendou, gostou. Jornais, é aquela coisa, gosto muito de ler o *Público* e o *Diário de Notícias* e revistas especializadas: o automóvel, as motos, desporto em geral. Consoante os trabalhos que possa estar a fazer, procuro livros técnicos com informação mais detalhada que não está nos manuais escolares.

José lê pouco: «Nos livros mais magritos ainda dou uma leitura, se tem o resumo leio logo para ficar a saber. Leio sobre o que gosto. Se fosse sobre ciclismo lia-o, mas outro assunto não leria.

Romances e livros sobre história, filosofia e arte são os preferidos de Carlota: «Os temas são História, Filosofia, Arte. Romances, poesia, não gosto tanto de policiais, li alguns livros porque ouvi falar, mas não é uma coisa que me puxe muito. Leio tudo, embora goste mais de algumas coisas que outras. Foi o gosto pela leitura que me levou à História. Adoro romance histórico. Tenho sempre um sentimento crítico, não leio só pela história, mas também tento ver a lição e aguçar o espírito crítico, ver até que ponto é verdade.

Marta também lê romances e policiais.

3 - O que é para ti uma leitura chata?

É um livro que só está a caracterizar coisas como *Os Maias*. Não gostei dos *Maias*, comecei a ler, mas depois parei, não li a obra toda. [Josefina]

Uma leitura muito descritiva, acaba por se tornar chata. Preenche muita parte com descrição. Em vez de dar conteúdo dá-nos muita descrição; por vezes pode ser importante, mas tem livros que acabam por se tornar chatos. [Márcio]

José e Marta não têm opinião sobre esta questão.

Para Carlota: «É ler e não perceber nada. Eu normalmente leio tudo, mas há coisas que eu leio e não entendo. Por exemplo, Kant, quando o comecei a ler não percebia nada, quase todas as palavras tinham que ser alvo de pesquisa, mas agora!

4 - E uma leitura agradável?

Josefina e José não respondem a esta questão

Para Márcio: «Pode ser muita coisa: um problema novo que desperta para pensar em qualquer coisa nova em que ainda não tenhamos...»

Carlota: «É quando quero dormir e não consigo apagar a luz e tenho que ler. Tenho de acabar de ler o livro.»

Marta: «E uma forma de escrita que não seja muito...que não se restrinja só aos pormenores. Gosto daqueles autores mais objectivos, que escrevem de forma mais directa, que saibam pôr um pouco daquela magia, que transmite suspense. Gosto do livro que me dê a possibilidade de me meter na história.»

5 - Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

«Li *As palavras que nunca te direi* e gostei muito, gostava de ler mais livros dele, uma vez cheguei a requisitar um, mas não cheguei a ler. Mas gostava de ler...» [Josefina]

«Na adolescência marcou-me bastante o livro de Geoge Orwell *O triunfo dos porcos*. Gosto bastante de Fernando Pessoa que é daqueles de leitura obrigatória, mas gostei bastante.» [Márcio]

José não tem nenhum livro que o tenha marcado.

Carlota: «Kant e alguns historiadores. Já li muita coisa. Inês Pedrosa é uma autora de que eu gosto muito. Paulo Coelho despertou-me para certos temas da cultura celta. Hoje já não sigo tanto.»

Marta: «*O clube das chaves, Uma aventura, Lua de Joana, Os filhos da droga, O Diário de Anne Frank*.

## 6 - Como ocupas os teus tempos livres?

Josefina: «Vejo televisão, e pouco mais, tenho de ajudar os meus pais.»

Márcio: «De variadíssimas maneiras. Não faço as coisas de forma rotineira, desporto, vários desportos. Posso começar a ler este livro e passar a semana inteira a ler se gostar e na semana seguinte esquecer completamente a leitura e fazer outras actividades.»

José: «Computador, andar de bicicleta, futebol. Também leio revistas.»

Carlota: «A ler, ouvir musica, passear. Gosto de estar com os amigos.»

Marta: «Ler, internet, cinema, amigos.»

Ocupação de tempos livres

Ler	Computador	Sair	desporto	música	cinema	Televisão
3	3	2	2	1	1	1

## 7 - Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres, ou é mais do que isso?

Josefina nunca foi ao cinema: «Nunca fui ao cinema, vejo filmes na televisão. Gosto de romances, comédia, policiais, que não sejam muito violentos. Sou contra isso.»

Márcio vai de vez em quando: «De vez em quando, quando posso. Pelo filme em si, procurar ver um bom filme, não tenho um género que consiga distinguir, acho que um bom argumento, tanto faz que seja um filme cómico como dramático, têm de ter um bom argumento, tem que ser um filme que seja capaz de surpreender.»

José só foi uma vez ao cinema: «Só uma vez é que fui, não tenho muita oportunidade de ir, vejo em casa em DVD. Gosto de filmes baseados em factos reais, esses eu gosto. Como não gosto de ler, vejo o filme, às vezes até são baseados nos livros.»

Carlota gosta de cinema: «Gosto de cinema, não devia gostar tanto. Adoro ir ao cinema. Costumo analisar certas coisas: o realizador, o argumento, os actores. Tento ver o tema se baseia em factos reais, gosto de debater os temas, pode ser uma amostra da realidade.»

Marta também costuma ir ao cinema: « Costumo ir ao cinema. É uma ocupação de tempos livres. No cinema é diferente porque nós vemos as imagens com os olhos. É isso que eu admiro nos livros porque nós conseguimos imaginar aquela realidade da forma que nós quisermos, o filme é diferente porque mostra o que nós vemos, não nos dá espaço para divagarmos mais, é aquilo, e aquilo mesmo! É também uma forma de arte.»

Ir ao Cinema

Habitualmente	Pouco	Nunca foi
2	2	1

#### 8 - Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Um texto informativo dá informações, o texto literário já é mais... talvez, mais abstracto, mais elaborado. [Josefina]

Texto informativo é muito mais curto, texto literário mais trabalhado, mais complexo. Um texto informativo poderá não ser sobre a actualidade, mas à



partida será mais sintético, mais concreto, não dará tanto azo a interpretações dúbias. [Márcio]

Talvez seja... o literário é aquele que a gente faz...inventa um bocado. O informativo ensina, o literário também pode informar até certo ponto, porque pode ensinar coisas. [José]

Texto informativo é uma coisa a que se associa uma pesquisa. Um texto literário normalmente é menos rigoroso. [Carlota]

Texto literário que nos transmite mais prazer. Seja uma forma de ocuparmos o tempo e com isso sentirmos prazer. Texto informativo penso que será mais tipo jornais. Pode ser também um texto de estudo, mais concreto. [Marta]

## 9 - De que forma o hábito/gosto da leitura pode influenciar a ~~parcursa~~ escolar de um jovem?

Josefina acha que sim que é sempre bom ter hábitos de leitura: «Acho que sim. Acho que é sempre bom. Se eu tivesse lido os livros que os professores recomendavam mesmo os que eram obrigatórios ler, que eu não li, acho que sim.»

Para Márcio pode influenciar: «Pode, claro que pode. O facto de se começar a ler em novo e se tomar o gosto pela leitura facilita muito mais a compreensão, torna-se mais rápido em alguns temas abordados nas aulas. Não leio tanto como gostaria, mas considero-me uma pessoa que gosta de ler, se for um bom livro dá-me prazer ler.»

José também acha que tem influência: «Tem, porque, por exemplo, eu digo que se tivesse lido mais, talvez porque a pessoa a ler, as dúvidas que se lembrar já podia fazer sem erros, e assim a nota sobe, dá mais vantagem. Por exemplo, essas obras que damos em português, se a gente tem interesse para lermos primeiro e até chegamos lá [ao exame] e já conhecemos a história. É mais fácil.»

Carlota não tem dúvidas: « Sem dúvida, acho que gostar de ler, até ao nível de um trabalho que eu tenho muita facilidade. Noto agora na escola que o meu esforço é mais fácil em relação a outros colegas. É meio caminho andado. Temos muitas conversas apoiadas na leitura.»

Marta acha que sim: « Acho que sim porque agarrar num livro ou pegar num manual é como pegar num livro, se eu não gostasse de ler, olhava para ele e não consegui ler. Acho que no fundo a leitura nos pode ajudar aí porque se nos ajuda a ler livros de que gostamos também com mais facilidade lemos aqueles que são para nós mais chatos, mais maçadores, conseguimos fazer do manual ao mesmo tempo uma história. Temos uma área mais abrangente de vocabulário. »

### Comentário

Este segundo grupo não é tão homogêneo em relação aos hábitos de leitura. Dos elementos do grupo, 2 declaram que não gostam de ler e não a praticam com frequência. No entanto há dois elementos em que se percebe imediatamente que gostam de ler e um terceiro que poderá não ser um entusiasta, mas lê.

A forma como respondem às suas preferências de leitura vem confirmar esta primeira impressão. Os dois primeiros jovens dizem que só gostam de livros com poucas páginas: fininhos ou “magritos” são as expressões utilizadas; os outros jovens são leitores mais assíduos.

A falta de opinião sobre o que é uma leitura chata e uma leitura agradável vem reforçar o afastamento da leitura destes dois jovens. Só em 2 se percebe bem o prazer de ler.

Apenas 1 dos jovens não se lembra de nenhum livro que o tenha marcado. Todos os outros referem livros que leram e que os marcou. Embora se perceba que não são leitores tão assíduos como os do grupo anterior, verifica-se ao longo da entrevista que são jovens que lêem.

Todos concordam que ter hábito e gosto pela leitura é muito importante para atingir o sucesso escolar. Dois são de opinião que se tivessem praticado mais a leitura, teriam tido mais sucesso e os outros sentem que o facto de gostarem de ler os ajudou nos seus estudos.

### 2.2.4.3 - Grupo III

#### 1 - O que é para ti a leitura?

Armando não tem um pensamento formado. Diz que não tem o hábito de comprar livros e de ler.

Para Carla a leitura pode ser uma grande seca: «Sinceramente, sinceramente depende das coisas, mas é uma grande seca. Eu acho. Quando é um texto que nos incentiva a continuar a ler até é giro e nos põe a imaginar, mas quando não tem tronco nem membros não convida a continuar a ler. »

Antónia diz que é importante: «A leitura é muito importante para nós. Eu até leio muito bem.»

Vânia também não tem opinião sobre o que é a leitura.

Ana é muito lacónica na sua resposta: «Há livros que dão prazer.»

#### 2 - Quando lêes, o que lêes?

Armando: «Um jornal desportivo, uma revista, às vezes.»

Carla: «De vez em quando uma revista com temas das telenovelas, até vejo.»

Antónia: «Revistas: *TV Mais*, *Gente*, esse género.

Vânia: «Leio revistas, leio jornais, mas livros não. Gosto de ler as revistas chamadas de "cor de rosa" e também gosto da *Visão*, depende dos temas. Os jornais, passo os olhos.»

Ana: «Jornais e revistas. Desde que sai da escola que nunca mais li um livro.»

### 3 - O que é para ti uma leitura chata?

Armando não tem opinião.

Para Carla: «É mesmo ter de estar a ler uma coisa e aquilo não ter pés nem cabeça, e estar a ler sem apetite. Acho que é chato e começo a desinteressar-me. »

Para Antónia: «É estar a ler e não perceber nada do que estou a ler. »

Vânia: «Aqueles livros como os *Lusíadas*, é uma história, mas para mim! Está assim em quadras, não gosto. Comecei a ler *Os Maias*. Acho que deve ser um livro interessante, mas eu não li. »

Ana: «É uma leitura que a gente está para ali. Não interessa.»

### 4 - É uma leitura agradável?

Armando também não tem opinião sobre esta questão.

Para Carla: «Leitura que tenha pés e cabeça. Um princípio e um fim. Que meta de tudo um pouco de tudo. Que tenha romance e comédia. Já aconteceu eu gostar de ler.»

Leitura agradável é para Antónia: «Se perceber e for interessante. Gosto de ler romances. Não costumo requisitar, mas os colegas emprestam-me. Poucos.»

Para Vânia depende: «Para mim depende. Gosto de livros que falem assim, como a *Lua de Joana*. É mais temas da nossa vida.»

«Leitura rápida» é o que Ana entende por leitura agradável

### 5 - Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

«Só banda desenhada» [Armando]

Carla não repara no autor ou título do livro que lê: «Nunca reparei nem no autor nem no título. Li alguns livros, mas nunca reparei.»

«*Lua de Joana* e li também o *Diário de Anne Frank*.» [Antónia]

«Assim de repente não me lembro. Gostei da Sophia de Mello Breyner, gostei da *Menina do Mar* e *A Lua de Joana*.» [Vânia]

«Sophia de Melo Breyner.: *A menina do mar*. Tenho o livro.» [Ana]

6 - Como ocupas os teus tempos livres?

«Saio com os amigos» [Armando]

Agora que é Verão, vou para o rio ou andar de bicicleta. Quando chove fico em casa a ver televisão, fazer um joguito de cartas. [Carla]

Em casa, trabalhar ver televisão, sair com os amigos. [Antónia]

Saio mais à noite com os amigos. [Vânia]

Em casa, faço ponto de cruz. [Ana]

Ocupação de tempos livres

Sair c/ amigos	Ver televisão	Em casa	Bordar	Jogar (cartas)
4	2	3	1	1

7 - Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres, ou é mais do que isso?

Armando é raro ir: «É raro ir. Gosto de ver bons filmes. Nos filmes ingleses estou sempre a tentar ler a legenda. Gosto de saber o que dizem. Gosto dos filmes de acção.»

Carla já foi, mas há muito tempo que não vai: «Já fui, quando havia em Arganil ia muitas vezes, mas agora vou poucas vezes. Só na televisão.. Interessa-me o argumento, a história. Gosto de comédias e de dramas, quando os pais se separam e depois se reconciliam, é mais giro. Acho que são muito giras as histórias de romance.»

Antónia foi poucas vezes: «Poucas vezes. Fui a semana passada. Gosto de comédias, romances.»

Vânia não vai muito.

Ana nunca foi: «Nunca fui. Não vejo na televisão. Só vejo telenovelas.»

Ir ao cinema

Habitualmente	Pouco	Nunca
0	4	1

8 - Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Armando e Ana não conseguem exprimir uma ideia sobre esta questão.

Carla diz: «Texto informativo tem sempre uma informação qualquer a dar. É sempre uma notícia. Um texto literário já é mais o que lemos na escola, tipo, contos ou assim.»

Para Antónia: «Os contos e isso é que é literário. Informativo o texto em si é diferente dos contos.»

Vânia: «Texto literário...»

9 - De que forma o hábito/gosto da leitura pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Armando acha que sim: «Sim pode. Quem lê tem mais capacidade de fala. Penso que sim que ajuda. Não gostar de ler prejudicou-me um pouco. Porque se tivesse lido mais, estudado mais e poderia ter seguido.»

Carla também é da mesma opinião: «Sim. Acho que sim. Eu como disse, eu a Português, não tinha notas boas no Secundário porque não puxava muito para ler e acho que o ler faz muita falta e que aprendemos muitas coisas, a saber outro tipo de palavras. Sim, acho que faz muita falta.»

Para Antónia provavelmente até poderia: «Se calhar até poderia. Se estudasse, se lesse, poderia ter melhores notas e me entusiasmasse mais. Na Secundária não me interessava, não percebia algumas matérias. Neste curso estou a gostar (animador sócio cultural numa escola profissional). Mas eu não gosto de ler.»

Vânia diz que sim: «Sim, se eu tivesse começado a ler desde pequena! A leitura pode parecer que não, mas é fundamental, influencia o percurso escolar. Fez-me falta foi ler assim. Também ainda vou a tempo! Eu gosto de ler, mas é assim: eu começava a ler e não acabava. Eram sempre aqueles livros mais simples, pequeninos. Não ajudava a desenvolver grande coisa.

Ana diz que sim.

## Comentário

É evidente o afastamento deste grupo em relação à leitura. Embora alguns digam que gostam de ler, a verdade é que ao longo da entrevista é notório esse afastamento.

Quando os questionamos sobre os seus gostos todos afirmam que lêem revistas de actualidades, as chamadas revistas "cor de rosa" e alguns jornais. Sendo com mais frequência os desportivos.

As respostas à questão sobre leitura chata e leitura agradável também deixam transparecer essa falta de contacto com a leitura. As respostas são muito pobres de conteúdo. Fico a pensar que a resposta que paira no ar é que "ler é uma chatice", porque quando pergunto o que é uma leitura agradável, as respostas são também muito lacónicas.

Apenas 3 dos entrevistados falam de livros que os tenha marcado. Verificamos que são leituras que fazem parte dos manuais do 1º Ciclo. Apenas dois dos jovens referem livros que não fazem parte do programa.

Verificamos que estes jovens passam os seus tempos livres a sair com os amigos, em casa a ver televisão ou ocupados em trabalhos familiares.

O cinema é também aqui uma bitola para aferir outros gostos culturais que possam existir. Estes jovens vão pouco ao cinema e também não se verifica um prazer significativo em ir ao cinema.

Outra questão que põe em evidência o afastamento destes jovens em relação às práticas da leitura é a dificuldade que eles demonstram em descrever um texto informativo e um texto literário. Verifica-se que não há ideias muito claras naquelas cabeças.

Todos concordam que se tivessem lido mais e se gostassem de ler teriam tido mais sucesso. Concluindo assim que a prática da leitura é fundamental para o sucesso escolar.



## 2.3 - Do Território à Comunidade Leitora

### 2.3.1- A Escola

Ao iniciar esta secção não posso deixar de reproduzir um excerto da obra de Rui Grácio (FCG, 1995). As palavras de Rui Grácio encaixam perfeitamente nos pressupostos que me levaram a considerar a escola uma personagem fundamental numa realidade que pretendo analisar. Diz Rui Grácio:

- « Não bastará ensinar a criança a ler, e fazer o adolescente estudar literatura para criar nele e no adulto o gosto das boas leituras. Será necessário alargar o seu horizonte intelectual, promover o seu aperfeiçoamento moral – favorecer, numa palavra, o seu progresso espiritual. A Escola dar-lhe-á, ainda, o gosto do exercício físico, da vida saudável e pura

A Escola é o local próprio para a revelação de tendências e aptidões do indivíduo; a melhor oportunidade para o dirigir para as actividades adequadas ao seu tipo psicológico.

Os homens serão trabalhadores manuais ou trabalhadores intelectuais por virtude de disposições próprias, não pela sorte de um destino talhado no berço de rendas e ouro ou nas palhas da manjedoura bíblica. Em qualquer dos casos, a Escola deverá proporcionar a realização integral da sua personalidade, fazer do futuro trabalhador elemento de conservação e progresso de uma civilização e de uma cultura. O trabalhador manual de amanhã terá a cultura científica, literária e estética que há-de conferir inteligência, sentido e dignidade ao seu trabalho: a sua condição social não estará jamais ligada à memória do opróbrio do trabalho do escravo antigo e do serviço feudal. Queremos dizer que conhecerá as ciências da natureza, as ciências económicas e sociais? Que frequentará concertos, exposições e bibliotecas? Que ocupará os seus ócios em serviços sociais na ginástica e nos desportos? Nem mais! Isto significa adaptar o homem às condições da civilização industrial contemporânea, sem matar nele o que há de humano, sem lhe negar o justo anseio da ascensão espiritual.» Rui Grácio - Obra Completa I da Educação. FCG, 1995. p.35)

Ao analisar este quadro procurando encontrar tudo o que me permita chegar a alguma reflexão sobre a importância do papel que a escola deve desempenhar na construção cultural do futuro cidadão, principalmente na criação dos hábitos de leitura. Verifico que a realidade por mim observada neste trabalho se encontra verdadeiramente afastada da ideia que Rui Grácio desenvolve neste texto.

As três questões que a seguir apresento documentam a não existência de uma política de leitura nas escolas onde estudaram os jovens intervenientes nesta investigação.

### 2.3.1.1 - As primeiras leituras

A primeira questão dá pistas muito interessantes que me vão permitir cruzar com outras questões, de forma a obter algumas conclusões. Nos três grupos estudados, 64% dos jovens diz que começaram a ter contacto com a leitura literária no 1º e 2º Ciclo e outros 27% dizem que já tinham contacto com a leitura antes de virem para a escola. Nesta amostra 20% não se recordam de quando começaram a ter contacto com este tipo de leitura.

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
1º/2º Ciclo	Já liam	S/ opinião	1º/2º Ciclo	Já liam	S/ opinião	1º /2º Ciclo	Já liam	S/ opinião
3	2	0	2	2	1	3	0	2

### 2.3.1.2 - Os professores contadores de histórias

Quando questiono os jovens sobre histórias contadas pelos professores, verifico que apenas 20% dos jovens responde afirmativamente, enquanto que 80% não se recorda de nenhuma história contada pelos professores.

1º Grupo		2º Grupo		3º Grupo	
Recordam	N/ Recordam	Recordam	N/ Recordam	Recordam	N/ Recordam
1	4	0	5	2	3

### 2.3.1.3 - A leitura de prazer

Esta ideia é reforçada quando os questiono sobre a frequência com que liam ou contavam apenas pelo prazer. As respostas a esta questão reforçam as anteriores. Dos entrevistados, 74% dizem que não era habitual a leitura de prazer dentro da sala de aula. Apenas 26% afirmam que sim, embora se perceba em algumas respostas que a leitura era apenas excertos do manual.

### 2.3.1.4 - O Manual

Continuando a análise deste primeiro quadro que procura perceber como é que a escola contribui para a criação de um indivíduo preparado para enfrentar o novo modelo civilizacional baseado no saber e na informação, passo à questão seguinte que procura saber como são dadas as aulas.

Considerando que a relativização do conhecimento científico introduz a incerteza no campo da educação e sublinha o valor da pesquisa individual e do desenvolvimento da capacidade de manuseamento da informação, procurei compreender se as aulas são dadas com recurso à diversidade dos recursos bibliográficos e dos vários suportes de informação, ou se pelo contrário elas são apenas o memorizar o manual.

A resposta de 60% dos entrevistados é que os livros recomendados para além do manual são obras para a disciplina de Português. Não há recurso a uma bibliografia. As aulas são dadas pelo manual. Se aprender é cada vez menos memorizar conhecimentos e cada vez mais dominar estratégias para saber procurar, avaliar e utilizar, como é possível que os livros que os estudantes mais conhecem são conjuntos de recortes de informação previamente cozinhada e que deveria servir apenas de referência para as matérias curriculares?

### 2.3.1.5 - As maiores dificuldades

Pareceu-me que conhecer melhor as áreas de maiores dificuldades dos alunos me poderiam levar a um melhor conhecimento da sua performance como leitor e este pensamento levou-me a questionar, quais as disciplinas a que tiveram maior dificuldade. Penso que as respostas vêm dar razão a esta minha suspeita, porquanto os resultados deixam entrever diferenças interessantes entre os diversos grupos. Assim analisando os resultados em três disciplinas que pela sua importância podemos considerar nucleares: Matemática, Português e Inglês, cheguei aos seguintes resultados:

Disciplinas onde tiveram mais dificuldades

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
Matem.	Portug.	Inglês	Matem.	Portug.	Inglês	Matem.	Portug.	Inglês
2	1	2	2	2	1	4	4	4

Os resultados levam-me a concluir que o terceiro grupo tem muito mais dificuldade às três disciplinas atingindo os 80% em todas elas, enquanto os dois primeiros grupos apresentam uma dificuldade de 40% e em algumas disciplinas 20%.

### 2.3.1.6 - A disciplina de Português

Sobre a importância da disciplina de Português no despoletar do gosto pela leitura, é interessante analisar as respostas dos jovens, nos três grupos.

No 1º grupo 3 dos alunos dizem que sim; no 2º grupo apenas 1 jovem diz que sim e no 3º grupo nenhum dos entrevistados concorda com a importância do português para a criação do gosto pela leitura. Analisando as respostas mais dúbias verificamos que no 1º grupo aparecem 2 talvez, no 2º grupo 4 e no 3º grupo, 4 talvez e 1 não.

1º grupo			2º grupo			3º grupo		
Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
3	0	2	1	0	4	0	1	4

Verifico que no 1º grupo as opiniões são mais equilibradas, no 2º o Português tem um peso menor e no 3º grupo que a disciplina de Português pouco disse a estes alunos.

### 2.3.1.7 - Práticas culturais na Escola

Por último neste primeiro quadro procurei recolher elementos sobre a influência que a escola exerceu sobre estes alunos nos seus gostos e na sua sensibilidade estética.

1º grupo		2º grupo		3º grupo	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
3	2	2	2	1	2

Neste quadro 40% dos jovens pensam que a escola lhes transmitiu gosto e sensibilidade estética; 40% pensam que não e 20% não tem opinião. Analisando por grupos verifico que no 1º grupo 60% são de opinião que sim; no 2º grupo apenas 40% tem a mesma opinião e no 3º grupo apenas 10% acha que a escola lhes transmitiu esse gosto.

### Breve comentário

Lembrando de novo o pensamento de Rui Grácio sobre o papel importante que a escola pode desempenhar no enriquecimento moral e cultural do homem, parece-me haver indícios claros de que na amostra analisada a escola não desenvolve um projecto de leitura, nem tem preocupações de formar os seus alunos ao nível da cultura e da sensibilidade estética.

No universo estudado verifico, pelas respostas dadas que não há prática da leitura de prazer em sala de aula. Há sim um afastamento completo da leitura

de prazer na sala de aula e um desconhecimento da importância da prática desta leitura como criação do gosto pela leitura em sala de aula. As recordações desta prática quase não existem.

### **2.3.2.- Bibliotecas: Escolares e Públicas**

E as Bibliotecas? Que papel desempenham as Bibliotecas neste domínio? O Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Escolares diz no seu preâmbulo: «A biblioteca escolar disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação.»

Analisemos os resultados desta investigação à luz deste princípio, sabendo que todos estes jovens fizeram todo o percurso escolar a partir do 5º ano com bibliotecas escolares integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.

#### **2.3.2.1 - As Bibliotecas no apoio às matérias**

Verifiquei que todos os jovens frequentaram com alguma assiduidade a Biblioteca Escolar.

Quando os questionei se lhes parecia que os professores utilizavam a biblioteca escolar no apoio às matérias, as respostas não foram muito diferentes de grupo para grupo:

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez	Sim	Não	Talvez
3	1	1	1	3	1	3	0	2

Excluindo o 2º grupo que foi mais severo na análise, declarando maioritariamente que os professores não contavam com a Biblioteca Escolar, no 1º e 2º grupo a avaliação é mais no sentido da utilização, no entanto quando analisamos as expressões usadas pelos entrevistados, verificamos que esta leitura pode não ser a mais correcta. Verificamos que a utilização da Biblioteca não é a desejável para alcançar os objectivos enunciados no Manifesto referido.

#### 2.3.2.2 - A utilização da Biblioteca Escolar

A segunda questão pretende saber como é que os alunos utilizam a Biblioteca

Dos quinze entrevistados 86,6% declaram que iam ler jornais e revistas; 66,6% utilizam computadores; 60% vai ver filmes; 40% requisita livros; 100% diz que ia à biblioteca fazer pesquisas e trabalhos de grupo.

#### Breve Comentário

Cabe aqui uma reflexão sobre as pesquisas de que todos os alunos falam. Como são feitas estas pesquisas? Esta pergunta que hoje considero pertinente não constou do guião das entrevistas. No entanto a minha experiência como bibliotecária e responsável por uma Biblioteca de Leitura Pública, permite-me responder que estas pesquisas sobre vários assuntos que os professores mandam os seus alunos fazer estão também em contra senso com o que deve ser a aprendizagem numa lógica do aprender a aprender. Como bibliotecária tenho-me deparado ao longo de muitos anos, com jovens completamente perdidos a procurar "copiar" alguma informação sobre os mais variados e por vezes quase disparatados assuntos que os professores das várias disciplinas lhes mandam fazer. Os alunos são atirados para as bibliotecas sem pistas para investigação. Na esmagadora maioria das vezes os professores não fazem a mínima ideia do que há na biblioteca sobre aquela temática, não há pistas. Muitas vezes ajudei alunos a procurar bibliografia para temas que nem eu própria percebi muito bem aquilo que o professor pretendia. Perdidos, os alunos acabam por

copiar da Internet ou de alguma enciclopédia alguns textos que falam do tema investigado.

Deparei-me há algum tempo com uma situação que me chocou por tudo o que tem de negativo. Uma aluna que na altura frequentava o 9º ano, procurava na Internet textos em inglês sobre o Big Ben. Tendo algumas dificuldades em passar o texto para um ficheiro no computador, pediu-me ajuda. Quando vi o texto que ela tencionava copiar adverti-a que deveria procurar um texto mais simples porque aquele de 4 ou 5 páginas em inglês, ela, certamente, iria ter muitas dificuldades em trabalhar. Muito despachada a rapariga disse-me: «*Trabalho? Não! Eu faço-lhe uma capa e já está.*» É evidente que aquele texto nunca poderia ter sido escrito por aquela aluna, pois tinha um nível de dificuldade muito superior aos seus conhecimentos. Disse-lhe: *Certamente que o teu professor não o vai aceitar porque vai perceber que não foste tu que o escreveste.* Olhou para mim e disse: *Já tenho entregue outros maiores.* Não fiz mais comentários.

Que mais valia retirou aquele aluno desta pesquisa? Há aqui algo que não funciona.

É interessante analisar a diferença entre os alunos que declaram ir à biblioteca fazer trabalhos de grupo e pesquisas (100%) e os que declaram requisitar livros (40%). É estranho que todo o trabalho de pesquisa se faça no intervalo entre aulas ou nos “furos”. Um trabalho mais aprofundado não exigiria uma análise mais demorada dos documentos consultados?

### 2.3.2.3 - A Frequência na Biblioteca Pública

Passo agora a analisar o papel das Bibliotecas Públicas neste complexo processo de aquisição de hábitos e gosto pela leitura, questionando os jovens sobre a frequência da Biblioteca Pública e também perceber qual a opinião que têm desta Biblioteca

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
Habit.	Não	Raramente	Habit.	Não	Raramente	Habit.	Não	Raramente
5	0	0	1	0	4	3	1	1



Pelas respostas obtidas verificamos que há uma frequência maior por parte do 1º e 3º grupo, embora seja no primeiro grupo que encontramos os frequentadores mais assíduos da Biblioteca Pública. Verificamos pelas respostas que uma parte muito significativa dos jovens declara requisitar livros na Biblioteca Pública.

#### 2.3.2.4 - Actividades na Biblioteca Pública

Tem sido uma preocupação da Rede de Bibliotecas Públicas desenvolver actividades relacionadas com a leitura e com áreas culturais diversificadas (teatro, exposições, encontro com escritores, lançamento de livros, acções de formação etc.) Este trabalho de iniciativa das Autarquias, em parceria com o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas ou com a Fundação Calouste Gulbenkian, nos mais variados modelos de cooperação, têm tido como público preferencial os alunos das escolas desde os primeiros anos de escolaridade. O objectivo destas iniciativas é contribuir para a criação de hábitos de leitura e hábitos culturais desde a primeira infância. Assim sendo todos os anos as Bibliotecas de Leitura Pública desenvolvem várias iniciativas deste género. No caso de Arganil assim tem acontecido, com maior ou menor frequência, durante o período estudado.

Foi, então, perguntado aos jovens entrevistados se participaram em alguma actividade na Biblioteca Municipal e qual a sua opinião sobre estas iniciativas.

A esta questão responderam assim:

1º Grupo				2º Grupo				3º Grupo			
Sim	Não	Rec.	Não Record.	Sim	Não	Rec.	Não Record.	Sim	Não	Rec.	Não Record.
5	0	2	3	4	1	2	3	4	1	1	3

Verifiquei que 86,6% dos inquiridos foram à Biblioteca Municipal assistir a actividades, no entanto 60%, não se recorda do que foi lá fazer e dos 26% restantes muitos têm uma recordação muito vaga do que aconteceu. Sobre se estas actividades os despertaram para a leitura, as respostas mais afirmativas vêm do 1º grupo. Nos outros grupos as respostas são negativas, vagas ou simplesmente não existem.

### 2.3.2.5 - Frequência após o Secundário

Coloquei ainda mais uma questão em que procuro perceber o papel da Biblioteca pública nesta problemática e que tem a ver com a sua utilização depois que deixaram a Escola Secundária.

1º Grupo		2º Grupo		3º Grupo	
Voltou	Não voltou	Voltou	Não voltou	Voltou	Não voltou
1	4	2	2	1	3

Verifico que 80% dos jovens não voltou a frequentar a Biblioteca Pública.

Não esquecer que no 2º grupo 1 dos jovens diz que muito raramente ia à Biblioteca Pública.

No 3º grupo 1 dos jovens declara que nunca foi.

### 2.3.2.6 - Biblioteca Pública e Escolar

Por último procurei ainda saber quais as diferenças que cada um encontrava entre a Biblioteca Pública e a Escolar as respostas são de que a Biblioteca Pública tem mais livros, mais silêncio, mais espaço e melhor atendimento.

### 2.3.3 - A Família

A influência da família e do meio nesta problemática toca uma área muito sensível da sociologia da leitura. Os hábitos de leitura também se herdam e famílias leitoras podem produzir novos leitores. A força do meio em que a criança cresce é factor importante na produção de hábitos culturais e consequentemente na criação de hábitos de leitura

#### 2.3.3.1- A Família incentivou à leitura?

Decidi perspectivar esta questão utilizando duas variáveis: a da existência de pais leitores e, portanto, um incentivo muito forte porque advém do exemplo e um incentivo suficientemente forte apesar de não haver exemplo claro. Separei ainda as expressões "ler" e "estudar" não considerando esta ultima expressão como incentivo à leitura. Assim verifiquei que apenas dois jovens, um no primeiro grupo e um no segundo, foram incentivados pelo exemplo dos pais.

No 1º grupo, somando os dois tipos de incentivo verifico que 100% dos jovens foram incentivados para a leitura.

No 2º Grupo apenas 20% e no 3º Grupo foram incentivados a ler pelos pais 6,6%. Existe, pois, uma diferença abismal entre o 1º e o 3º grupo

1º Grupo		2º Grupo		3º Grupo	
Pais Leitores	Incentivo	Pais Leitores	Incentivo	Pais Leitores	Incentivo
1	4	1	2	0	1

### 2.3.3.2 - Lembranças de leitura em Família

Perante as respostas obtidas decidi construir três variáveis: histórias contadas quando eram pequenos; histórias lidas por eles e a não existência de recordações. Os resultados vêm confirmar as conclusões da questão anterior

No 1º grupo 100% dos entrevistados têm recordações de contacto com a leitura em família;

No 2º grupo verifica-se que há também esse contacto para 80% dos entrevistados.

No 3º grupo apenas 40% dizem que tiveram esse contacto, mas nenhum refere que lhes tenham contado histórias, apenas têm recordações de terem feito algumas leituras.

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
Contar	Ler	Não	Contar	Ler	Não	Contar	Ler	Não
3	2	0	2	2	1	0	2	3

### 2.3.3.3 - Os sentimentos

Quanto aos sentimentos que essas histórias / leituras despertaram nos jovens elas são muito vivas tanto no 1º como no 2º grupo, todos eles descrevem com vivacidade as emoções que sentiram com estas histórias.

No 3º grupo é mais uma vez evidente a não existência destas experiências, nenhum dos entrevistados respondeu a esta questão.

#### 2.3.3.4 - Os tempos livres em Família

Por último para completar este quadro sobre a família procurei saber como passavam os tempos livres em família.

No 1º grupo 80% declara que passava os tempos livres a ver televisão e a passear, destes 40% diz que conversar, ler e utilizar o computador eram também actividades praticadas.

No 2º grupo 60% diz que ficavam preferencialmente em casa e destes 40% declaram que também, viam televisão e passeavam, 20% afirmam que se ocupavam a conversar com os pais.

No 3º grupo 100% dos entrevistados declaram que ficavam em casa e que acumulavam em 40% dos casos com ver televisão e 20% utilizavam o computador.

Verificamos que as actividades desenvolvidas nos tempos livres são muito mais ricas no 1º e 2º grupo. Passear, ler e conversar, são actividades praticadas com frequência. A leitura está completamente afastada do 2º e 3º grupo. O prazer de passear não existe no 3º grupo.

### **CAPÍTULO III**

#### **SUCESSO ESCOLAR OU DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL?**

### 3 -- A LEITURA NA BASE DO SUCESSO

O jovem, herdeiro de um meio familiar, mais ou menos escolarizado, com uma situação económica confortável ou deprimida, hábitos culturais cultivados ou populares; cresce e desenvolve características que são idiossincráticas, sofrendo a influência do meio onde cresceu, nomeadamente a família, a sociedade onde está inserido e a escola.

Este envolvimento genético, familiar, social e institucional parece determinante na sua construção como leitor.

Nos vários quadros que construí para a investigação produzida neste trabalho, procurei analisar o percurso do jovem no caminho para o sucesso, ou insucesso escolar. Procurei que esta análise fosse transversal, dando voz aos jovens nas suas recordações em vários contextos, mas tendo sempre como referente a leitura.

Procurei perceber como é que o jovem se estruturou em relação à leitura e aos hábitos culturais, analisando o caminho percorrido desde criança, com maior ou menor incentivo da leitura em casa, o envolvimento que a escola lhe proporcionou em relação à leitura e a utilização que fez da Biblioteca Escolar e Pública. Resta-me analisar o que resultou no final do percurso.

#### 3.1 - O que é para ti a leitura?

1º Grupo			2º Grupo			3º Grupo		
conhecimento	prazer	S/ opinião	conhecimento	prazer	S/ opinião	conhecimento	prazer	S/ opinião
3	2	0	3	1	1	0	1	4

Verifico que no 1º e 2º grupo os jovens entendem a leitura principalmente como fonte de conhecimento, embora também como prazer.

Os jovens sem opinião crescem no 3º grupo em que 4 deles não têm opinião formada, embora no 2º grupo haja já 1 jovem nestas circunstâncias.

No 3º grupo apenas 1 jovem entende a leitura como prazer e nenhum como fonte de conhecimento.

### 3.2 - O que lêem habitualmente os jovens

1º Grupo					2º Grupo					3º Grupo				
rom.	cient	jorn.	rev.	r/es.	rom.	cient	jorn.	rev.	r/es.	rom.	cient	jorn.	rev.	r/es.
4	4	5	0	5	3	1	1	1	0	0	0	3	5	0

Este quadro é muito elucidativo da construção do jovem como leitor, porque dá uma ideia muito clara das suas preferências de leitura e permite contrastar as preferências

No 1º grupo, 80% afirma ler habitualmente romances e livros científicos e 100% lêem jornais e revistas especializadas. Embora seja normal que leiam revistas de actualidades, nenhum as refere como relevantes nos seus gostos.

No 2º Grupo 60% dos jovens lê romances e 20% lê livros científicos, jornais e revistas de actualidades. Nenhum refere revistas especializadas.

No 3º Grupo 60% dos entrevistados refere que lê jornais e 100% lê revistas de actualidades. Romances, livros científicos, ou revistas especializadas não são leituras habituais nestes jovens.

### 3.3. - Leitura chata e leitura agradável

Ao questionar os jovens sobre o que é, para eles, uma leitura chata e uma leitura agradável tive a intenção de encontrar nas respostas algumas pistas que viessem reforçar as perguntas anteriores e que permitissem clarificar a familiaridade com que estes jovens tratam a leitura.

Para a primeira questão as respostas não trazem grandes novidades nos três grupos. Em todos eles as respostas foram muito semelhantes: Leitura muito descritiva; É ler e não perceber nada; História sem nexos; É ler por ler; É estudar sem apetecer.

No 1º grupo há também um jovem que não consegue responder, todavia esta incapacidade para responder à pergunta parece-me ser positiva e interpretei como uma dificuldade em encontrar um exemplo de leitura chata.



No entanto constato duas situações interessantes, no 2º grupo, dois jovens não têm opinião e no 3º grupo há um jovem que não tem opinião, são situações em que os jovens não respondem.

No 3º grupo é também interessante verificar que um dos jovens dá como exemplo de leitura chata os *Lusíadas* e refere também *Os Maias*.

As respostas sobre o que entendem por uma leitura agradável são muito mais entusiastas no 1º grupo em que todos os inquiridos respondem com vivacidade à questão.

No 2º grupo, 2 jovens não respondem, 1 responde ambigualmente e encontramos duas respostas interessantes.

No 3º grupo, 1 dos jovens não responde, 1 diz que leitura agradável é para ele uma leitura rápida e os outros 3 respondem sem grande entusiasmo.

### 3.1.1 - Ocupação do Tempo Livres

Sobre a maneira como ocupam os tempos livres há também comportamentos diferentes nos diversos grupos.

1º grupo				2º grupo				3º grupo			
Ler	Telv	Cmp.	Desp.	Ler	Sair	Cmp.	Desp.	Sair	Telv	Casa	X
4	2	4	2	3	2	3	2	4	2	3	X

Continuando uma tendência que vem já da vivência com a família, encontro aqui, diferentes formas de estar. No 1º grupo 80% dos jovens afirma que lêem durante os tempos livres e utilizam o computador. No 2º grupo, 60% fazem a mesma afirmação. No 3º grupo estas opções não estão presentes. Os jovens saem de preferência com os amigos em 80% dos casos. Ficar em casa é uma opção para 60% destes jovens.

### 3.5 - Ir ao cinema

1º grupo			2º grupo			3º grupo		
Habit.	Pouco	Nunca	Habit.	Pouco	Nunca	Habit.	Pouco	Nunca
2	3	0	2	2	1	0	4	1

O facto de não haver cinema em Arganil, prejudica a frequência das idas ao cinema. Todavia, a proximidade de localidades com cinema não inviabiliza a frequência. No 1º e 2º grupo as respostas voltam a apresentar valores semelhantes.

O 3º grupo faz de novo a diferença. Neste grupo 80% diz que vai pouco e 20% diz que nunca foi.

No 2º grupo há uma resposta negativa, mas o equilíbrio mantém-se nos que vão habitualmente.

### 3.6 - Texto informativo / Texto literário

Na penúltima questão os jovens pronunciavam-se sobre as diferenças entre o texto literário e o texto informativo. O objectivo é perceber uma vez mais a familiaridade com o código escrito e consequentemente com a leitura.

As respostas do 1º grupo demonstram mais uma vez essa proximidade. As expressões são mais correctas e os jovens demonstram que sabem do que estão a falar.

No 2º grupo há ainda algumas expressões interessantes, mas os jovens são menos objectivos.

Finalmente no 3º grupo três jovens não conseguem exprimir ideias sobre esta questão e as respostas dos outros são vagas e imprecisas.

### **3.7 - Gostar ou não gostar de ler**

Na última questão os jovens pronunciavam-se sobre a importância de gostar de ler, para o sucesso escolar. Todos os entrevistados reconhecem as vantagens da prática da leitura. No 2º e 3º grupos, 40% dos jovens reconhece que se tivesse lido mais e se gostasse de ler, poderia ter tido mais sucesso na escola.

Analisando por grupos conclui-se que no 1º grupo todos os jovens se declaram leitores e as respostas às várias questões colocadas vêm confirmar que eles são leitores. No segundo grupo embora encontre jovens que se declaram leitores, esse gosto já não é tão claro nas respostas obtidas em 50% dos entrevistados. No 3º grupo nenhum dos entrevistados se declara abertamente leitor. Todo o percurso seguido nas entrevistas revela essa tendência.

#### **Em Síntese**

Ao chegar aqui, parece-me que tenho reunidos os elementos fundamentais para poder concluir que as expressões: Leitura e Sucesso Escolar poderão ter em comum significações muito fortes que levarão à construção de paradigmas essenciais para a construção do Futuro.

Parti para esta investigação de uma triangulação clássica que tem nos seus vértices a escola, a família e as bibliotecas e no seu seio a criação do jovem leitor.

Procurei alicerçar as minhas ideias no conhecimento da realidade em países que consideramos desenvolvidos. A preocupação nestes Países com o problema da criação e vulgarização dos hábitos de leitura, considerados há muitos fundamentais para a construção de uma sociedade baseada no conhecimento e na formação, levaram-me a questionar o facto de em Portugal o caminho ter sido bem diferente e levado à construção de uma realidade que nos amarfanha como País e nos atira, nos estudos internacionais sobre literacia, para lugares que condicionam o nosso futuro.

Ao analisar os quadros que construí e que constituem os vértices do triângulo que tracei, verifiquei, ao longo desta investigação, que o problema que está subjacente – o insucesso e o abandono escolar – à tese que me proponho defender com esta dissertação, é um problema real e que está presente no estudo empírico que desenvolvi no Concelho de Arganil.

Verifiquei através da análise dos resultados que a Escola não desenvolve um programa de leitura. Na escola a leitura é apenas um meio para estudar o manual. A leitura como um fim em si não existe. Apesar de os programas curriculares para o 1º e 2º Ciclo colocarem a leitura como objecto primordial e lhe darem a relevância que deve ter, a verdade é que em sala de aula não há esse entendimento do programa curricular. As leituras são as do manual. O texto integral está arredado da sala de aula. Como entender sentidos com excertos? Como perceber um texto amputado na sua plenitude?

Esta falta de estratégia em relação à leitura é evidente quando analisamos a forma como os alunos e professores utilizam a Biblioteca Escolar.

É verdade que as Bibliotecas Escolares estão cheias de alunos que as procuram nos intervalos das aulas. É verdade que os alunos falam com entusiasmo da Biblioteca, como um espaço onde se sentem bem e onde gostam de estar. Contudo quando procuro entender o que os leva à Biblioteca, fico apreensiva. Nas palavras da maioria dos entrevistados parece-me entender uma utilização muito superficial da Biblioteca. Quero com isto dizer que prevalece a utilização lúdica da Biblioteca em detrimento da Biblioteca como Centro de Recursos. Certamente que a Biblioteca tem também essa função lúdica e que ver filmes, ouvir música, ler jornais desportivos ou de generalidades é muito importante porque permite que o jovem se enriqueça em várias vertentes. Estou totalmente de acordo. O que me preocupa é perceber que não há por parte dos Professores e da Escola uma estratégia de utilização e rentabilização da Biblioteca.

Quando os entrevistados dizem que os professores os incentivavam a ir à Biblioteca, penso que estamos no bom caminho. Todavia é fácil perceber que esse incentivo é muito superficial. Muitos professores não vão. Não conhecem o fundo documental da Biblioteca e como não conhecem não podem aconselhar os alunos. Esta constatação leva-me a pensar que os professores não têm a

preocupação de conhecer o fundo documental da Biblioteca, porque não necessitam dele para dar as suas aulas.

Verifico que esta falta de estratégia de utilização da Biblioteca acontece em todos os Ciclos de ensino. Salva-se a disciplina de Português que por via das obras obrigatórias, acaba por recomendar aos alunos a ida à Biblioteca com objectivos concretos.

A utilização da Biblioteca Pública pelos jovens entrevistados também me parece não ser a mais desejável na prática de jovens escolarizados.

Verifico o pouco interesse que a realização de actividades de promoção de leitura, levadas a efeito na Biblioteca Pública desperta nestes jovens. Algo não funciona. A pouca preparação dos alunos para a actividade? A actividade em si não é suficientemente forte para lhes despertar o interesse? O facto de virem em grupo é inibidor do real interesse que lhes possa despertar? As actividades não são consideradas importantes para a aprendizagem e por esse motivo não são valorizadas?

Atualmente, não posso esquecer a importância da Biblioteca Pública na construção do jovem leitor. A Biblioteca Pública é um espaço de formação do leitor ao longo da vida. A criança que desde pequena frequenta a Biblioteca Pública adquire mais facilmente a intimidade com a leitura. Constatei esta realidade ao longo da investigação que fiz. Os bons leitores fizeram um percurso também na Biblioteca Pública. Aliás, em alguns casos a importância da Biblioteca Pública é para estes jovens superior à da Biblioteca Escolar. Mais organizada, funcionários mais bem preparados, fundo documental mais rico e diversificado, horários mais alargados, são características da Biblioteca Pública que agradam aos jovens. Negativo é o abandono da Biblioteca Pública após o Secundário.

Na verdade é a capacidade de auto-formação e a necessidade de estar informado e continuar a aprender que leva os jovens à Biblioteca Pública quando terminam o Ensino Secundário. Isto só acontece quando ao longo do seu percurso escolar adquiriram hábitos de leitura e capacidade crítica sobre o saber e sobre o mundo que os rodeia.

A ligação entre os dois vértices do triângulo que servem de suporte a esta conclusão, a ligação entre a escola e as bibliotecas na construção do aluno leitor, parece-me frágil nos incentivos que produzem para a criação de hábitos de leitura. No caso que analisei nesta investigação, nem a escola, nem as

bibliotecas, contribuíram decisivamente para a construção de alunos leitores. A sua prestação é fraca.

Resta analisar o outro vértice deste triângulo: a Família. Verifico que a família teve aqui um papel muito importante na construção do jovem leitor.

Constatei na minha investigação, que jovens oriundos do mesmo estrato social, que cresceram em zonas populacionais semelhantes, cujos pais têm o mesmo nível de escolarização, têm comportamentos escolares diferentes. Ao analisar os três grupos com que trabalhei verifico que ao nível económico, social e cultural, eles não são muito diferentes. Estudam nas mesmas escolas, frequentam as mesmas bibliotecas, têm as mesmas oportunidades culturais. As profissões dos pais não são tão díspares que provoquem diferenças muito significativas de comportamentos. O que levou então a que alguns destes jovens tenham conseguido um óptimo aproveitamento escolar e outros tenham ficado pelo caminho?

Analisando as respostas dos jovens entrevistados, verifico que aqueles que tiveram incentivo da família para a leitura principalmente através do exemplo, se tornaram leitores assíduos, ao invés os que não tiveram esse incentivo, tiveram muito mais dificuldade em adquirir esses hábitos.

As linhas que ligam os vértices do triângulo cruzam-se. Esse contacto fortalece-as e contribui para que a teia que se forma, fruto destes cruzamentos, produza um bom leitor. A Escola, as Bibliotecas, a Família têm um papel fundamental na construção do Leitor. Este cresce na ligação que estes actores estabelecem entre si, dependendo de cada um deles ou de todos. Contudo, é a auto-construção do gosto e do prazer de ler que o torna leitor.

Penso nos diversos exemplos que poderão levar à construção de um leitor escolarizado:

- A criança que não tendo incentivo em casa, encontra na escola ambiente e meios que lhe permitam aproximar-se da leitura e assim praticá-la num contexto de prazer, adquirindo o gosto. A escola pode desempenhar neste caso um papel fundamental, criando as condições para que aquela criança encontre a sensibilidade estética que não encontrou em casa. Através da Biblioteca Escolar a criança entra num espaço cultural que a enriquece para além das matérias escolares, porque lhe permite o acesso a suportes informativos, mas também à leitura literária por prazer bem como a outras formas de arte como o cinema, a

música ou a pintura. Se a criança tiver acesso à Biblioteca de Leitura Pública ela pode, fora da escola, continuar esse enriquecimento cultural e, acabados os estudos, continuar a sua auto-formação e assim praticar a leitura.

- A criança que vive num ambiente familiar propício à leitura, que tem acesso ao livro e a outros suportes de leitura, mas que não encontra na escola qualquer incentivo. Pelo contrário, encontra um método de ensino baseado na memorização do manual, com uma baixa perspectiva cultural e onde o livro é considerado supérfluo. Neste caso a escola pode ter um papel muito negativo ao desincentivar um gosto que deveria ser apoiado.

- A criança que não tem em casa o exemplo da leitura e vive num meio que não lhe transmite esse gosto. Frequenta a escola de onde a leitura também se encontra afastada. Não recebe incentivo de espécie nenhuma. As bibliotecas escolares que disponibilizam livros e outros suportes, estão ali à sua disposição, contudo, nunca ninguém lhe ensinou que há outros saberes para além dos que lhe são transmitidos pelo manual. Provavelmente não sabe que para se construir aquela manual foi necessário escrever muitos livros. Que muitos homens leram o que outros já tinham escrito e que a partir de um saber foi possível escrever outros saberes. Certamente ignora que é necessário conhecermos as ideias de outros para construir as nossas próprias ideias. Se assim não for de que servem as bibliotecas?

Esta criança dificilmente adquirirá o gosto pela leitura. O incentivo não existiu em casa nem na escola. Terá sucesso escolar?

- Finalmente a criança que tem em casa um ambiente propício à leitura, viaja e conhece coisas novas e belas, tem contacto com a Arte, vai ao Cinema e frequenta o Teatro. O meio em que vive desenvolve nela a sensibilidade estética, essa sensibilidade que torna o homem um ser superior. Essa criança frequenta uma escola que pratica os mesmos valores que trouxe de casa, onde se aprende numa lógica de desenvolvimento integral do aluno. A leitura é um fim em si mesmo, a aprendizagem desenvolve-se segundo os princípios do aprender a aprender, toda voltada para o desenvolvimento da inteligência. A Biblioteca é o local mais importante daquela escola. Todos os professores a conhecem e contam com ela para os apoiar na construção dos saberes que trabalham na sala de aula. A Biblioteca de Leitura Pública está bem organizada, tem um fundo documental de qualidade, horário adequado às necessidades da comunidade em

documental de qualidade, horário adequado às necessidades da comunidade em que se insere e um quadro de pessoal profissionalmente bem habilitado.

Neste caso as ligações entre os vértices do triângulo produziram uma teia segura onde, a criança, ou o jovem encontram as melhores condições para o seu desenvolvimento intelectual.

Nos quadros que acabo de traçar está a ideia mestra deste meu trabalho. A escola, a família e a existência de bibliotecas: escolares e públicas, estão na base da existência de jovens leitores. A sua auto-construção não nasce do nada. Estou convencida que o gosto pela leitura pode ser também genético, como qualquer outro gosto. Todavia, ele tem de ser cultivado, incentivado, têm de ser criadas as condições necessárias para que ele frutifique.

A questão que coloquei desde o início deste trabalho e que pretendo seja nuclear na tese que pretendo defender tem agora mais razão de ser: Serão os hábitos de leitura determinantes para o sucesso escolar? Na investigação que realizei no concelho de Arganil essa questão esteve sempre presente. Nas entrevistas que fiz a 15 jovens que frequentaram todos os ciclos de ensino até ao secundário, procurei perceber dois pressupostos fundamentais para o meu trabalho:

1º O jovem desenvolveu ou não o hábito e gosto pela leitura durante o seu percurso escolar.

2º Terá a existência ou não desse hábito e gosto contribuído para o sucesso ou insucesso escolar do jovem.

Os resultados obtidos apontam para a importância da leitura no sucesso escolar. Nos três grupos estudados é evidente que:

Há jovens que gostam de ler e praticam a leitura.

Há jovens que não gostam de ler e não praticam a leitura.

É também evidente que uns foram bem sucedidos e outros não.

Os motivos porque gostam ou não gostam, se adquiriram prática ou se nunca praticaram, se tiveram ajuda ou ficaram sozinhos, é uma matéria sobre a qual me debrucei ao longo deste trabalho.

Importante é fazer o cruzamento de duas variáveis fundamentais:

Gostar de Ler e Sucesso Escolar.

Penso no texto que li de Edmir Perrotti intitulado "Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor)" (1999) em que o autor



caracteriza os leitores como «sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efectivamente sobre as significações e recriá-las. (...) Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes (...).»

O estudo realizado leva-me a pensar que os leitores têm muito mais dificuldades em ter sucesso escolar e que ser leitor é uma mais valia para o sucesso, independentemente do seu nível social e económico.

Estou convicta de que é fundamental que, num meio onde o nível de escolarização e cultural das famílias é muito baixo, a Escola assuma o papel de motor fundamental, para a criação de hábitos de leitura, entre as crianças e os jovens.

As Escolas e as Bibliotecas são, num território com as características do estudado, os actores principais. A Família tem de ser sensibilizada para a importância da leitura. Organizar programas de leitura com objectivos bem definidos, direccionados para a família e para professores que não estejam sensibilizados para a importância dos hábitos de leitura, deve ser, parece-me, uma urgência para criar verdadeiros leitores.

## Bibliografia

ALMEIDA, João Ferreira da e PINTO, José Madureira (1990). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

BARATIN, Marc e JACOB, Christian *O poder das bibliotecas. A memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

BENAVENTE, Ana (coord) (1996). *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Conselho Nacional de Educação.

BLOOM, Harold (2001). *Como ler e porquê?* Lisboa, Caminho.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994). *A Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BRESSON, François (1993). "La lecture e ses difficultés". In: *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p. 15

CABRAL, Luis (1999). *As bibliotecas públicas portuguesas. Problemas e propostas de desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento

CALIXTO, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Editorial Caminho.

CANÁRIO, R. (1998). *Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares e Formação Contínua de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.

CANÁRIO, Rui e OLIVEIRA, Fernando (1992). *Centros de Recursos Educativos. Modalidades de utilização pelos professores*. Lisboa: CRE/EP. Marquesa de Alorna.

CHARTIER, Roger (1993). "Du lire au livre". In: *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p.79.

CHARTIER, Roger (1995). *Histoires de la lecture: Un bilan de recherches*. Paris: IMÉC/Editions de la Maison de L'Homme.

CHARTIER, Roger (1993). *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot.

CHARTIER, Anne Marie (dir.) (1998). *Espaces de la lecture*. Paris: Éd. Retz.

COELHO, Jacinto Prado (1969). *A letra e o leitor*. Lisboa: Portugália Editora.

COELHO, Jacinto Prado (org.) (1980). *Problemática da leitura: aspectos sociológicos e pedagógicos*. Lisboa: INIC.

COSTA, Rui Barbot (1979). *Para o Estudo do Analfabetismo e da Relutância à Leitura em Portugal*. Porto, Brasília Editora.

DARNTON, Robert (1993). «La lecture rousseauiste et un lecteur «ordinaire» au XVIII<sup>e</sup> siècle ». In : *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p.161.

*Dicionário Geral das Ciências Humanas* (1984), dir. de G. Thines e Agnes Lempereur. Porto, Edições 70.

DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa (2003). Lisboa: Circulo de Leitores, tomo III, p1775.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes (2000). *A construção escolar de comunidade de leitores. Leituras do manual de Português*. Coimbra: Almedina.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes (2004). "Literatura e escolarização. A construção do leitor cosmopolita". *Palavras*, nº 25 p. 67-74.

DUARTE, Antonio Manuel (2002). *Aprendizagem, Ensino e Aconselhamento Educacional. Uma perspectiva cognitivo-motivacional*. Porto: Porto Editora.

DUMAZEDIER, Joffre e Jean Hassendorfer (1959). *Le loisir et le livre, elements pour une sociologie de la culture*. Bulletin des bibliothèques de France, Junho.

ECO, Umberto (1991). *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

*O ENSINO DA LEITURA I* (1976). Lisboa: Editorial Estampa.

EQUIPO PEONZA (1994). *Como educar en la lectura*. Santander: Alfaguara.

FRAGATA, Júlio (1980). *Noções de Metodologia para a elaboração de um trabalho científico*. Porto: Livraria Tavares Martins.

FRANCO, José António (1998). *A Poesia como Estratégia*. Porto: Campo das Letras.

FREITAS, Eduardo e SANTOS, Maria de Lurdes (1997). *Hábitos de Leitura em Portugal*. Lisboa, Dom Quixote.

GEP (1990). Ensaio para um estudo nacional sobre literacia. Lisboa, ME/GEP [Documento elaborado por Ana Pires Sequeira & Joana Fernandes & Maria Odete Tojal & Inês Sim-Sim]

GOULEMOT, Jean Marie (1993). "De la lecture comme production de sens" In : *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p.115.

GRÁCIO, Rui (1995). *Obra Completa. I da Educação*. Lisboa: FCG.

GUIA DO PROFESSOR DE LINGUA PORTUGUESA. 1º vol. 3º nível. Lisboa: Serviço de Educação - FCG.

HÉBRARD, Jean (1993), L'autodidaxie exemplaire. Comment Valentin Jamerey-Duval apprit-il à lire? ". In: *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p. 29.

JAUSS, Hans Robert (1993). *A literatura como provocação*. Lisboa: Vega.

JOLIBERT, Josette e GLOTON Robert (dir.) (1978). *O poder de ler*. [GFEN – Group Français d'Education Nouvelle]. Porto, Livraria Civilização.

LAFARGE, Chantal Horellon & SEGRÉ, Monique (1996) *Regards sur la lecture en France*: Paris, L'Harmattan.

LEWIS, C. S. (2000). *A experiência de ler*. Porto: Porto Editora.

O Livro e a Leitura (1994). Lisboa: Conselho Nacional de Educação. [Actas do Seminário, 6 de Junho]

MACHADO, José Pedro (1994). Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa . III vol. Lisboa: Livros Horizonte.

MANIFESTO. A leitura pública em Portugal (1983). *Cadernos Bad*, Lisboa: BAD, IIª I, pp 11-14.

MAGALHÃES, Justino Pereira (2002). *Leitura, escrita, escolarização ou da uniformização dos modos de ler*. Porto Alegre: [s.n.]. [Texto da conferência apresentada no IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto Alegre: 2 a 5 de Abril] (policopiado).

MANGUEL, Alberto (1998). *Uma História da Leitura*. Lisboa: Presença.

MELO, Alexandre (2003). *Aventuras no Mundo da Arte*. Lisboa: Assírio e Alvim.

MOURA, Helena Cidade (dir.) (2002). *O desafio de ler e escrever. Leitura e coesão social*. Actas do II Encontro Internacional. Lisboa: Civitas, Associação de Defesa e Promoção dos Direitos dos Cidadãos.

NUNES, Henrique Barreto (1996). *Da biblioteca ao leitor. Estudos sobre a leitura pública em Portugal*. Braga: Autores de Braga.

Ó, Jorge Ramos do (2003). *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal: último quartel do século XIX - meados do século XX* - Lisboa : FPCE.UL.

PEREIRA, Luísa Álvares (2004). "O trabalho com a leitura e a escrita na escola básica – entre os (meros) exercícios escolares e uma (autêntica) formação de leitores e produtores de textos". *Palavras*, nº 25, p. 25-36.

PROUST, Marcel (1997). *O Prazer da Leitura*. Lisboa: Teorema.

ROCHE, Daniel (1993). "Les pratiques de l'écrit dans les villes françaises du XVIII<sup>e</sup> siècle". In: *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, p. 201.

SANVISENS, Alejandro (1984). *Introdução à la Pedagogia*. Barcelona: Editorial Barcanova.

SILVA, Augusto Santos & PINTO, José Madureira (orgs.) (1990). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

SILVA, Lino Moreira (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho.

SIM-SIM, Inês (2004). "Alunos não lêem porque não os ensinam". *Visão*, p. 15-17.

SIM-SIM, Inês & RAMALHO Glória (1993). *Como lêem as nossas crianças*. Lisboa: Ministério da Educação.

SIM-SIM, Inês (1994). "De que falamos quando falamos de leitura". *Inovação*, 7 (2)

SANTOS, Milize Ribeiro & CARVALHO, Angelina (coord.) (1997). *Interacção Cultural e Aprendizagem. Correspondência escolar e classes de descoberta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,

SINGLY, François (1989). *Lire à douze ans. Une enquête sur les lectures des adolescentes*. Paris: Nathan/Observatoire France-Loisirs de la lecture.

SMART, Barry (1996). «Teoria Social Pós-Moderna». In: *Teoria Social* (coord. de Bryan S. Turner). Lisboa: Difel.

35º Aniversário da Escola Secundária de Arganil. O Pulsar de uma Comunidade, (2005). Arganil: Escola Secundária

VILLARDI, Raquel (2002). «Formação de Leitores. Estratégias para uma metodologia do Gosto». *Palavras*, nº 21, p 23-30.

## **ANEXOS**

# Ultrapassou 7.000 o número de livros emprestados durante o ano passado pela biblioteca da Fundação Gulbenkian Instalada na Associação dos Bombeiros Voluntários desta vila

Tal como fizemos o ano passado, damos conhecimento aos leitores de A Comarca, do movimento registado em 1967, na biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, instalada na Associação dos Bombeiros Voluntários Argus.

Eis, por meses, esse movimento: Janeiro, 690 livros emprestados e 484 leitores atendidos; Fevereiro, 555-298; Março, 530-396; Abril, 652-424; Maio, 522-375; Junho, 650-395; Julho (encerrada por motivo de férias);

Agosto, 780-419; Setembro, 558-277; Outubro, 912-523; Novembro, 630-351; e Dezembro, 846-522.

Há, assim, um total de 7 325 livros emprestados e 4 458 leitores atendidos.

Estavam inscritos na biblioteca

CONTINUA NA 2.ª PAGINA.

## 7.000 livros

emprestados pela biblioteca desta vila

(Continuação da 1.ª página)

ca, em Dezembro findo, 651 leitores, tendo entrado 76 durante o ano passado.

A existência foi melhorada com mais algumas centenas de livros, ultrapassando, presentemente, 3 500 o número de volumes à disposição do público.

Os apreciadores de leitura podem, assim, satisfazer o seu gosto, requisitando livros na biblioteca, sem qualquer encargo e dos mais variados géneros: romance, ensaio, ciências, história, viagens, religião, filosofia, política, agricultura, biografia, educação, profissões, construção civil, electricidade, metalurgia, máquinas, desporto, arte, literatura, poesia, além de histórias para crianças, adolescentes, rapazes e raparigas, etc., etc.

A biblioteca funciona aos domingos, das 18 às 20 horas; e às terças, quintas e sábados, das 21 às 23. O prazo de empréstimo dos livros é de 15 dias, porém, renovável mediante nova requisição, feita na biblioteca. Aliás, é do maior interesse o cumprimento desse prazo, para bom funcionamento da biblioteca.

## UMA BIBLIOTECA FIXA

vai ser instalada na sede  
dos Bombeiros Voluntários

## DESTA VILA

Integrada nas finalidades que presidiram à criação da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus, desta vila, vai ser instalada na sua sede uma esplêndida biblioteca fixa, pela Fundação Calouste Gulbenkian, para a criação da qual muito se interessou o ilustre arganilense dr. Albano Pires Fernandes Nogueira, embaixador de Portugal junto das Comunidades Europeias, em Bruxelas (Bélgica).

A inauguração do importante melhoramento, cuja falta, nesta vila, há muitos anos se fazia sentir, é já ao próximo dia 20 (terça-feira), pelas 19 horas.

De louvar, pois, a referida Fundação — que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao país — por este benefício que vem prestar à população de Arganil, a qual passará a dispor de bons livros.

Um grande benefício para a população de Arganil

# FOI INAUGURADA a biblioteca fixa da Fundação Gulbenkian

instalada na Associação dos Bombeiros  
Voluntários Argus

Como prometíamos, realizou-se, na passada quarta-feira, na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus, a inauguração da biblioteca fixa ali instalada pela benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, o que constituirá um grande benefício para a população de Arganil, que, desta forma, poderá adquirir uma melhor formação e instrução.

Estiveram presentes os srs. dr. António Quadros, director do Departamento das Bibliotecas Fixas da Fundação Gulbenkian, Armando Terramoto, chefe da secção de Bibliotecas Fixas e que procedera à respectiva montagem, e várias pessoas desta vila.

Usando da palavra, o sr. dr. António Quadros congratulou-se com a inauguração da nova biblioteca fixa, que se sucede à comemoração do 10.º aniversário da morte de Calouste Gulbenkian. Aludiu à extraordinária obra do grande benemérito, aliás já bem conhecida de todos — criou, realçando ainda a notável obra da Fundação, teve palavras de muito apreço para com a acção do seu conselho de administração. Refe-

rendo-se à importância das bibliotecas, falou do seu grande alcance, graças à sua penetração em todas as camadas sociais. Seguidamente, revelou que há já 53 bibliotecas itinerantes, mas que, reconhecendo-se a sua insuficiência, a Fundação se lançou na criação das bibliotecas fixas, apontando as suas vantagens. Disse

(Continua na 5.ª página)

## A INAUGURAÇÃO da biblioteca nos Bombeiros desta vila

(Continuação da 1.ª página)

que as bibliotecas fixas são fruto de uma colaboração entre a Fundação e as autarquias locais e que desta forma se poderá ajudar a cumprir os anseios do povo. E depois de explicar o funcionamento da biblioteca, o sr. dr. António Quadros terminou agradecendo à direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus a sua colaboração para a instalação da mesma.

Em nome da Argus, o sr. professor José Dias Coimbra, presidente da sua assembleia geral, agradeceu à Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa do sr. dr. António Quadros, a instalação daquela biblioteca, e ao Ilustre arganilense sr. dr. Albano Nogueira a sua intercessão no sentido da criação da biblioteca. Agradeceu ainda à direcção da Argus o seu interesse pela cultura dos associados e, acima, maneira geral, da população local. Abriu-se depois em considerações sobre o funcionamento e função da biblioteca e terminou pedindo ao sr. dr. António Quadros que apresentasse ao presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. dr. Azevedo Perdigão, os agradecimentos dos sócios da Argus e da população de Arganil.

O sr. padre Américo Brás da Costa, reitor de Arganil, disse do seu entusiasmo por ver instalada aquela biblioteca na nossa terra, falando do seu valor para a cultura do povo. Afirmou que a leitura é um mundo de riqueza, mas que é preciso que ela alijsse a inteligência, oriente a vontade de cada um e sublima o seu pensamento. A propósito desta afirmação, teceu várias considerações e concluiu agradecendo à Fundação Gulbenkian a criação de uma biblioteca fixa em Arganil.

Imediatamente a seguir, a biblioteca começou a funcionar, mais de meia centena de pessoas — crianças, jovens e adultos — se inscrevendo como leitores e requerendo livros para leitura.

A biblioteca, que tem o n.º 34 e de que é encarregado o nosso redactor Francisco Carvalho da Cruz, funcionará às terças, quintas e sábados, das 21 às 23 horas, e aos domingos, das 13 às 20 horas, podendo qualquer pessoa requisitar livros, que na sua quase totalidade poderão ser lidos em casa.



Inaugurada pelo Ministro da Cultura

# A Biblioteca Municipal de Arganil

## é «um lugar de encontro» que dignifica o concelho

«A leitura é a base da nossa identidade», assentou o Ministro da Cultura, dr. Manuel Maria Carrilho, na inauguração da Biblioteca Municipal de Arganil.

Por isso, e como referiu, dos muitos convites e solicitações que tenho (...) faço presente em todas as ce-

e lazer que sirva todos os interessados».

Além de um espaço cultural aberto, a Biblioteca Municipal tem ainda como objectivos promover o encontro de ideias, debate e reflexão e participação activa de todos e ao mesmo tempo promover a leitura desde muito cedo, através de

Armando Dias Cosme, presidente da Câmara com mandato suspenso por doença; dr. José Cabeças, presidente da Câmara Municipal de Góis; capitão João Ramos, da G.N.R. da Lousã; e outros convidados.



Biblioteca Municipal de Arganil

rimónias de inauguração de Bibliotecas para que me têm convidado.

E aqui esteve, mesmo com um substancial atraso em relação à hora prevista, ao princípio da noite de quarta-feira, para inaugurar a Biblioteca Municipal de Arganil, «um lugar de encontro», que «pretende ser um espaço de cultura, informação

uma cooperação com as escolas e com as instituições e colectividades locais.

E por isso lá estavam na inauguração professores e alunos, responsáveis de instituições e colectividades, autarcas do concelho, vereadores, professor José Dias Coimbra, presidente da Assembleia Municipal de Arganil, e mais membros; dr.

**ESCOLA SECUNDÁRIA DE ARGANIL**  
**ANO LECTIVO 2003/2004**

**8º GRUPO A / PORTUGUÊS**

**RESULTADOS OBTIDOS NOS TESTES DE DIAGNÓSTICO  
REALIZADOS NAS TURMAS DO 10º ANO**

**CONHECIMENTOS / COMPETÊNCIAS OBSERVADOS**

**1. Compreensão de enunciados:**

- questionários
- pedido de realização de tarefas

**2. Compreensão escrita /texto literário**

**3. Funcionamento da língua**

- morfologia/classes de palavras
- verbo. modo/tempo/aspecto
- coordenação /subordinação
- análise sintáctica

**4. Expressão**

- estrutura o texto
- desenvolve tema
- riqueza vocabulário
- conhece regras sintaxe
- conhece regras de pontuação
- ortografia

**5. Autonomia**

- compreende os enunciados
- empenha-se
- realiza as tarefas sem pedir ajuda
- respeita o tempo
- relaciona conhecimentos

**6. Apresentação**

- caligrafia legível
- estabelece margens
- não rasura

**7. Discurso oral/Discurso Escrito**

- conhece as regras
- aplica-as

## RESULTADOS OBTIDOS:

<b>10º Ano Agrupamento 1 A</b>	<b><u>19 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	10 Alunos
Domínio razoável:	3 Alunos
Não dominam:	6 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 1 B</b>	<b><u>20 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	6 Alunos
Domínio razoável:	5 Alunos
Não dominam	9 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 1 C</b>	<b><u>24 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	8 Alunos
Domínio razoável:	8 Alunos
Não dominam:	8 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 1 D</b>	<b><u>18 alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	4 Alunos
Domínio razoável:	4 Alunos
Não dominam:	10 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 3 Geral</b>	<b><u>20 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	8 Alunos
Domínio razoável:	4 Alunos
Não dominam:	6 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 1 Mecânica Auto:</b>	<b><u>21 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas:	4 Alunos
Domínio razoável:	6 Alunos
Não dominam:	11 Alunos
<b>10º Ano Agrupamento 4 A</b>	<b><u>15 Alunos</u></b>
Bom domínio das competências observadas	<u>6</u> Alunos
Domínio razoável	<u>2</u> Alunos
Não dominam	<u>7</u> Alunos
Docentes: Maria da Conceição Oliveira Maria Luísa Correia Maria da Graça Costa	
Setembro 2003	

## Entrevistas

### Grupo I

#### Catarina

- 1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Desde muito pequena que sempre tive o hábito da leitura. Em tempo de aulas não leio tanto, porque uma pessoa anda mais ocupada com os estudos, mas em férias leio sempre.

- 2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Liam, na 1ª classe liam, não sei precisar o nome das histórias. Liam histórias em voz alta na biblioteca, íamos lá talvez uma vez por semana, ainda não sabíamos ler muito bem.

- 3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Não muito. Nós quando dávamos em Português algumas obras, se não estivesse tudo no livro (manual) ou só pequenos excertos a professora dizia para lermos a obra toda. Esses livros ela aconselhava. De resto quase nunca. Só, livros de apoio aos manuais que têm o resumo da matéria, de apoio aos manuais.

- 4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Sim, às vezes diziam para irmos à biblioteca, também para não estarmos desocupados nos furos. Mas não se notava muito. Eles próprios não iam. Às vezes uma indicação, mas muito geral, muito geral. Tínhamos alguns que nos incentivavam, dependia muito dos professores. Principalmente mais de português, os professores diziam sempre para lermos e falavam dos livros que liam, livros relacionados com a nossa idade, mais no Secundário, aqui (2º e 3º CEB) não se notava muito.

- 5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Não me lembro na 1ª e 2ª classe lembro-me, nos anos mais avançados não me lembro. Na 1ª e 2ª classe sim, eles contavam essas histórias, nos anos mais avançados não tenho idela, depois não.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Costumava frequentar as Bibliotecas Escolares. Em Arganil ainda mais fase de adaptação. Eu gostava muito de ir para lá. Quando tinha furos gostava de estar lá em Coja (2º e 3º CEB) e Arganil (secundário). Ia ler revista e jornais. Se eu estivesse a ler algum livro ia para lá continuar a ler e requisitava livros, ia muitas vezes.

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Agora não frequento muito a de Côja, mas quando ia gostava muito. Gostava e encontrava sempre o que precisava. Em Arganil quando precisávamos de enciclopédias mais científicas, para os temas que estávamos a estudar, também encontrava o que precisava. Tanto em Arganil como em Côja encontrava sempre o que precisava.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública. De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Sim, em Arganil mais. Eu acho que sim porque estamos a ver um escritor de um livro que pode passar a ser mais conhecido que esteve ali a dizer-nos para nós lermos, a dizer porque é que escreveu o livro o que é que sentiu e isso é importante. Falar de si próprio desperta a vontade de ler os seus livros, se ele souber motivar acho que sim.

9 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Não gostei de inglês. Não gostava porque não percebia. Tinha muita dificuldade não percebia. Nunca gostei muito de línguas, português gosto de escrever.

10 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

No 2º e 3º ciclo gostava de: História, Ciências, Físico-Química, no Secundário: Química, Biologia, foi sempre o que eu mais gostei.

11 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Costumo ir. Mas frequento mais as dos departamentos da faculdade, os livros que precisamos estão lá, mas sempre que posso vou à pública, porque gosto muito de ler e não vou comprar todos os livros e por isso vou sempre que posso.

12 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública?

Na escola não têm tantos livros como na pública. (A escolar) tem os livros mais específicos de apoio aos manuais. Livros de prazer não tem tanto. Tem mais o apoio aos manuais, não tem ficção ou pouca. Romances, tem pouco.

13 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Acho, acho que sim. Para ler preciso de saber português. Ler as obras dos escritores portugueses. Ficamos com curiosidade de ler mais alguma coisa desses, porque nas aulas não lemos tudo queremos conhecer, ficamos com vontade de ler. Mostra a obra de escritores que nós não conhecemos. Obriga a ler e tem de se saber ler.

14 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sim muito positivo, o meu pai passa a vida a ler. Desde pequena que eu o vejo a ler jornais e livros, a minha mãe nem tanto. Eu acabo por seguir um bocado.

15 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Só se for "O capuchinho vermelho" eu ainda não lia, ou livros de bonecos e desenhos.

16 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Sim gostei, gostava muito dessas histórias eram historias que falavam de desenhos animados que uma pessoa ainda gostava de brincar, ou de crianças como nós, que nos identificávamos um bocado. Eu lembro-me da minha avó contar a historia do "Capuchinho Vermelho" e os "Três Porquinhos", histórias de brincar.

17 O que é para ti a leitura?

Uma fonte de conhecimento, uma pessoa abre um livro, mesmo se não for um livro específico, que seja um romance, mesmo a leitura de prazer, aprendemos sempre alguma coisa, mesmo que não seja directamente, mas fica sempre alguma coisa. Abrir um livro seja qual for, aprende qualquer coisa. Não decoro muito a história, mas fica sempre qualquer coisa.

18 Como ocupas os teus tempos livres?

Vejo televisão, leio, computadores

19 Quando lêes, o que lêes?

Livros científicos e de História de Portugal, não | Livros científicos e de História de Portugal, não leio muito romances, muito raramente só algum que me puxe muito ou que esteja nas notícias do dia e toda a gente ande a ler, e cause discussão e eu tenha curiosidade de ler.

20 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

No tempo de aulas não vou muito. Gosto de ver filmes, mas vou pouco, mais no verão. Alguns filmes são retirados dos livros. Em tempo de aulas não tenho muito esse hábito.

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Passear, ler, ver televisão

22 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Acho que sim e até acho que é um dos papeis da escola arho quo oim falamos nas aulas da certo oiooo ficamos com curiosidade de passar um dia a conhecer. Também exposições.

23 O que é para ti uma leitura chata?

Daqueles romances que não cativam, muito pesados, que só chateiam. Livros sem interesse. Quando um livro começa a chatear eu fecho, deixo de lado.

24 E uma leitura agradável?

Leitura que consegue envolver do principio ao fim. Tanto científicos como romances. Que enquanto não acaba não estamos satisfeitos. Que só acabamos de ler quando acaba.

25 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

*A lua de Joana, Os caminhos da droga.* Livros que contam historias na primeira pessoa, coisas dramáticas que uma pessoa fica sempre...

26 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto literário, mais refinado, com aqueles recursos estilísticos, mais perfeito porque no texto científico o interesse é transmitir conhecimentos, claro que escrevem bem, mas não é essa a preocupação. No texto científico não se preocupam tanto.

27 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Acho que sim. Para motivar para estudar um bocado mais, porque para estudar tem de ler os manuais. Ler leituras que completem os manuais. Leitura literária pode não se aprender directamente, mas há sempre alguma coisa que fica e um dia uma pessoa lembra-se. É preciso ler. Quando não se tem o hábito ou o vício é mais difícil dominar a leitura, não gosta e não consegue.

**Jacqueline**

1 De que forma foste tendo ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Na maior parte foi através da escola, mas sempre gostei muito de ler e ia buscar livros à biblioteca desde pequena, desde o 1º ciclo.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Acho que sim, penso que os professores incentivavam para a leitura.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Nem tanto. Na escola primária e no 2º ciclo nem tanto. Só no 3º ciclo e secundário já havia alguma indicação, para complementar os estudos.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores, no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Não sei, se calhar não (o professor não contava com a biblioteca). Não ia muito à Biblioteca Escolar, ia mais à biblioteca municipal. Na escolar só para fazer trabalhos. Nem todos os professores, alguns sim, mais os professores de português (incentivavam a ir a biblioteca).

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta, histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Não isso não. Acho que não, nunca.

6 Como utilizavas a Biblioteca da tua escola?

Não ia buscar livros, para trazer para casa, para ler nem tanto, ia consultar enciclopédias, ia mais ver filmes computadores, ouvir música, fazer pesquisa para trabalhos escolares. Mas gostava de ir (tanto no 2º e 3º ciclo como na secundária).



7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Acho que é uma boa biblioteca. Ia desde que ela abriu, agora já não ia tanto. Tem muitos livros. A própria sala multimédia.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Fui o ano passado ou no ano anterior fomos à biblioteca com a minha professora fazer uma visita para ver como a biblioteca esta organizada. Foi muito bom porque ficámos a saber movimentarmo-nos e orientar dentro dela. Muito interessante porque ficamos a saber como a biblioteca funciona. Uma vez fui com uma escritora. Também fui a palestras. É importante saber que a biblioteca tem outras ofertas, para além dos livros.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Sim (ajudou a desenvolver o gosto pela leitura)

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

A matemática tive sempre mais dificuldades e gostava menos, porque não sei, acho que não tive professores que incentivassem o gosto.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Sempre gostei muito de História, Português.

12 Como continuas a utilizar a Biblioteca Pública depois que saíste da Escola?

A Pública não, já fui à biblioteca da escola onde estou agora. A Pública é muito longe da escola e não há muito tempo, não me dá muito jeito.

13 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública?

Só em termos de variedade de materiais, acho que são muito semelhantes. Na escola os documentos são em menor quantidade e se calhar menos obras, mais coisas que são importantes para a escola, para os alunos.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Acho que sim, porque na escola liamos sempre diversas coisas e interessávamos mais pelos autores, tínhamos aquela curiosidade de saber mais sobre aquilo, procurava saber mais.

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Nitidamente, sempre houve muitos livros em casa, vários tipos, dava para descobrir coisas, quando tinha dúvidas ia tirar.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Sempre gostei muito de ler "O tio patinhas", "Branca de Neve". "O capuchinho vermelho", tudo isso. Tinha um livro quando era pequena que ia buscar todos os dias e eu não sabia ler, tinha aquela necessidade de ver aquele livro. Era interactivo, tinha janelinhas eu ainda não sabia ler.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Talvez aquele mundo imaginário contos de fadas, não sei...transportava para outros mundos que não eram reais mas que eram interessantes.

18 O que é para ti a leitura?

Leio (para além dos obrigatórios), leio outros livros sempre que tenho tempo. Não sei, a leitura é uma coisa de que uma pessoa tem necessidade; leio sempre, jornais e revistas, se, se gosta; qualquer coisa serve, não sei explicar, leio qualquer coisa.

19 Como ocupas os teus tempos livres?

A ler, vejo televisão, computador, ouvir música.

20 Quando lêes, o que lêes?

Leio de tudo um pouco, o jornal no caixote com alguma coisa interessante.

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

A ler, ver televisão, computador.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Não, (vou tanto) porque aqui, em Arganil, não há. Quando havia ia sempre que podia, mas há muito tempo que não vou. Grandes filmes que se fizeram foram baseados em livros e livros que se basearam em filmes. Eu acho que isso está interligado.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Acho que sim. Tive contactos com coisas através da escola. Aprendemos a saber olhar para um quadro, para uma peça de teatro aprender a ver o que é aquilo e como é feito.

24 O que é para ti uma leitura chata?

Quando não gosto do livro, começo a ler e deixo para o lado. A própria história, não tem nexos, é confusa, a forma como está escrita.

25 É uma leitura agradável?

É aquele tipo de livros que se pega e não se consegue parar, tenho de ler num dia. É viciante. "O crime do padre amaro", li há pouco tempo um que não tem nada a ver que é sobre as mulheres no campo de auxevit, é muito mais mórbido, mas gostei muito.

26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Os livros de uma aventura da Isabel Alçada e da Ana Maria Magalhães, "Êxtase", gosto também de ler Nicholas Sparks

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

A linguagem que é utilizada, a forma a estrutura do texto, e a informação que é dada.

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Acho que sim porque se um jornalista não gostasse de ler era difícil de querer seguir jornalismo. É importante, o próprio estudar é ler por isso tem de gostar.

Rui

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Na primária ia lendo mais pela curiosidade. No segundo ciclo 5º e 6º ano, tínhamos que ler um livro por mês, fazer um resumo. Dava algum gozo, na altura não me fascinava.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Lembro do "Cavaleiro da Dinamarca". Lembro de o ter lido ainda me lembro mais ou menos. Mas não me lembro de mais nenhum.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Mais no secundário. Eu acho que não, quer dizer os professores limitavam-se muito aos manuais e nós também era por aí. Algumas disciplinas que não davam do livro... (imperceptível)

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Eu acho que não e até no caso de História o professor do 12º disse que a biblioteca não tinha nada de útil e de interesse para a disciplina.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

No 4º ano a professora tinha um bocado isso, lia livros fora das aulas. Fazíamos um período em que cada um lia um bocado. No 2º ciclo não me recordo que possa ter existido

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Ia a biblioteca quase diariamente ver revistas, jornais, não costumava requisitar livros.

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Ia à biblioteca Pública era mais sossegada o horário era mais alargado. Aproveitávamos para fazer lá os trabalhos.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Lembro-me no segundo ciclo fomos ver um teatro, duas vezes também ver dois escritores, acho que foi a Maria Alberta Menéres.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Sim, gerou alguma curiosidade. Tem importância ver o escritor, é totalmente diferente ler uma história saber o que a pessoa pensa sobre a história de um autor que não conhecemos, gera curiosidade e quer saber mais algo sobre essa pessoa.

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades?

Eu gosto de matemática, mas não gostei de matemática no 10 ano. Foi um ano em que criou alguma desmotivação. Tive um professor estagiário, muito rigor. O objectivo não é que os alunos percebam mas sim o que os orientadores esperam deles. Hoje vejo que partimos em desigualdade de circunstâncias em relação a outros alunos, principalmente a matemática que exige muitas bases.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Gostei de Economia, foi o que gostava mais bem como de História.

12 Como continuas a utilizar a Biblioteca Pública depois que saíste da Escola?

Em Arganil agora não vou e em Coimbra também não, nunca fui. Vou à Biblioteca da Faculdade, não costumo ir à Pública, procuro livros mais técnicos.

13 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública?

A biblioteca secundária a biblioteca pública, é mais calma, a pública tem muito mais livros, é um espaço mais amplo.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

De certa maneira sim de certa maneira não. Sinceramente nunca fui muito adepto da leitura literária, não li *Os Maias*, só li o que demos nas aulas, li resumos. A minha leitura sempre foi de revistas, jornais, agora o *Diário Económico*, uma leitura mais técnica. Mas pratiquei sempre muito a leitura.

15 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Lembro-me de uma história do menino, já não me lembro muito bem, Esse menino que ia para fora da aldeia então chamava pelas pessoas porque ia ser atacado e depois as pessoas chegavam e não era verdade. Era mentira quando o lobo atacou ninguém o ajudou.

16 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Foi uma historia que me marcou pela mensagem que transmite.

17 O que é para ti a leitura?

Considero a leitura não como prazer, mas como fonte de saber, livros ligados ao Espiritualismo, a Religião, Ocultismo, Paranormais, livros de História, livros técnicos. O que procuro na leitura é mais o conhecimento.

18 Como ocupas os teus tempos livres?

Leio livros sobre ocultismos, pratico natação, desporto, passear.

19 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

A ver televisão, conversar, aulas de música fins de semana sair, dar uma volta.

20 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Não vou semanalmente, mas vou. Vou ao cinema com o objectivo de descansar, divertir, descontraír, ver filmes cómicos, leves, apenas como entretenimento, apesar de existirem filmes que são muito para além disto, mas vejo o cinema apenas como entretenimento

21 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Ao nível da música eu já praticava. Ao nível de artes, não a escola não consegue fazer isso, não consegue motivar as pessoas para a pintura, escultura.

22 O que é para ti uma leitura chata?

Quando a leitura se torna chata, fecho o livro. A leitura chata se calhar é estudar quando não nos apetece, estamos a ler e não entra nada.

23 É uma leitura agradável?

Leitura agradável é quando apetece virar a página, apetece estar a ler e não querer parar, esquecer as horas.

24 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

O literário é aquele texto que perde um bocado o concreto e exatidão e parte para uma leitura associa-se a uma história, um romance no literário chegamos ao imaginário. O texto informativo é muito conhecimento, realidade, concreto.

25 Achas que uma pessoa que não goste de ler poderá ter sucesso escolar?

Eu penso que poderá, mas será muito mais difícil. Porque a leitura dá-nos outra capacidade de expressão. Maior clareza vocabulário mais rico, temos N maneiras de dizer a mesma coisa quem tiver disciplinas como História se souber expressar-se bem e tiver uma boa expressão escrita tem muito mais facilidade. As disciplinas não é só estudar é a capacidade de saber expressar, saber comentar uma determinada situação, falar comentar um texto de 40 páginas, quem tiver uma boa capacidade escrita e boa capacidade de síntese e de fazer resumos tem mais facilidade. Há livros que estão escritos em português e a gente pensa que estão escrito em chinês. Para ser capaz de ler um livro tem a ver com um trabalho de muitos anos. Se uma pessoa não se habitua, pode não ler muitos livros, mas lê o jornal tem determinados tipos de vocabulário, é capaz de ter um vocabulário para uma situação mais formal, tem um vocabulário para outra situação tanto oral como escrita isso é diferente e é um trabalho que se faz, quer dizer não é propriamente um trabalho, é um hábito que se cria que tem frutos futuramente enquanto que quem nunca fez isto, muito dificilmente vai num ano lê quatro ou seis livros e já tem o mesmo vocabulário da outra pessoa é uma coisa muito demorada e se começar desde criança é muito diferente.

**Jaime**

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Comecei a ler na escola primaria, porque houve uma professora recomendou um livro "Uma Aventura no Algarve". Eu li e gostei e depois continuei a ler a colecção. Comprei a colecção toda. Também havia na biblioteca da escola.

2 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Não era muito freqüente mas alguns professores aconselhavam casos pontuais um ou outro livro. Aula é dada pelo manual.

3 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Sim, aconselhavam a ir lá, a biblioteca tinha manuais que utilizávamos e se não comprássemos no início do ano, podíamos ir lá buscar, mas outros livros não

4 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Não me lembro. Se aconteceu algumas vezes foi muito pontual. Os autores eram tratados apenas pelo manual. Era só o manual.

5 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Principalmente frequentava a biblioteca para computadores, filmes ou ler os jornais. Para as pesquisas tinha livros meus ou a Municipal e a internet. Quase todos os dias ler os jornais, nem que fosse só passar os olhos.

6 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Passei lá muitas horas, muitas tardes, mais durante o 2º e 3º ciclo, ia habitualmente, fazia lá os trabalhos, requisitar livros, conversar com a funcionária.

7 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Sim lembro-me uma ou duas vezes. Fui assistir a uma palestra, não me recordo o que foi, fomos integrados na turma, na disciplina de Português

8 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolveses o gosto pela leitura?

Parece-me importante conhecer os escritores conhecer o escritor, podemos conhecer outros escritores e ler outros livros.



9 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Não gostei de português, no final 3º ciclo e Secundário. Porque acho que damos literatura de séculos atrás e isso não é muito adequado às nossas necessidades futuras, acho que deveriam incidir mais sobre técnicas de escrita e de comunicação oral porque no futuro nós precisamos de saber escrever e de comunicar oralmente e não sobre autores do século XVI e XVII. A disciplina não ensina tanto como deveria a ler e a escrever, deveria incidir mais sobre isso.

10 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Gostava e continuo a gostar de Inglês, Matemática, Educação Física.

11 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Em Lisboa não tenho tempo, sei onde é, mas não me dá jeito. Frequento as bibliotecas da Faculdade. Só para estudo, para trabalho. (A literatura de ficção) em tempos de aulas é praticamente impossível. Literatura só em férias, romances, mas não vou à Pública.

12 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública?

A Biblioteca Escolar está mais vocacionada para o apoio às aulas com livros técnicos, a Pública tem de tudo um pouco, tem romances, policiais tem uma oferta maior na literatura. A escolar oferece mais nas áreas escolares, é mais técnica não tem literatura.

13 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Talvez, talvez no 2,3, mas não é assim muito, os professores falavam muito que é importante ler, que a leitura ajuda a melhorar a escrita, nesses aspectos falavam bastante se pedíssemos davam sugestões de leitura.

14 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Os meus pais, principalmente, insistiram bastante para que eu lesse com regularidade. Diziam que era importante para melhorar a escrita. Que melhorava a escrita

15 Lembra-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Não, lembro-me de quando comecei a ler, de um livro de contos da floresta, mas era já eu a ler, de alguém contar não.

16 O que é para ti a leitura?

É uma boa maneira de passar o tempo, de distrair. Quando temos problemas não pensar neles, ficamos absorvidos pela história, viver no mundo da fantasia, faz-nos sonhar, o que por vezes não acontece na vida real. Leitura técnica é diferente, lesse porque tem de ser, porque é importante.

17 Como ocupas os teus tempos livres?

Gosto de praticar desporto. No início do ano lectivo não foi possível, mas estou a recomençar. Gosto da internet por lazer, ler, cinema é um grande vício, vou muito ao cinema.

18 Quando lês, o que lês?

Romances, muitos romances, Nicholas Speak, comédias românticas do caso do livro ( apenas amigos), como lazer também livros mais técnicos, jornais: "A bola", quase todos os dias o "Diário Económico", todos os dias *Superinteressante*, tenho assinatura, a *Visão* quase todas as semanas, informática, jornais ingleses na internet, o *Expresso* de vez em quando, não gosto muito de jornais são pouco práticos.

19 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Jogava computador, fazer outras visitas, ir a praia, gosto muito de praia de ver o mar.

20 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Não, vejo como um instrumento de cultura instrumento de cultura, acho que as próprias histórias dos filmes ensinam e ajudam a formar a pessoa, tem muito para dar, bons filmes de qualidade, também para passar o tempo e ajudam a sair do mundo real.

21 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Um ou outro professor, faziam referências a locais que pudessem ser interessantes para visitar. Mas outras referências não. Arte cinema, não.

22 O que é para ti uma leitura chata?

Há muitas, pensar um bocado. Leitura chata, só se for...leitura ??? Não estou a ver.

23 É uma leitura agradável?

Romances, é o que eu gosto mais.

24 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Uma aventura li muitos livros de "Uma Aventura", Nicolas Sparks, li *As palavras que nunca te direi* que é um livro muito bonito, e a partir daí passei a ler os livros dele e gosto de todos.

25 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto literário é ficção, não tem factos verídicos, ou não deve ter. Texto informativo informa as pessoas, ensina.

26 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Eu acho que sim, no meu caso antes de começar a ler a minha mãe dizia que eu escrevia pessimamente e ela diz que notou uma diferença na escrita depois passei a ler e eu próprio notei que comecei a escrever melhor, depois de começar a ler.

### António

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Foi sensivelmente desde o 9º ano que comecei a dar o Luis de Camões passei a ter mais contacto com esse tipo de leitura. Foi na escola foi o próprio programa que obrigava os alunos, se quisesse passar de ano tinha de se esforçar sobre aquele tipo de leitura.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Não fizemos uma vez sobre o programa, foi sobre os Lusíadas, foi um trabalho, mas exterior ao programa não. Havia peças de teatro, mas eu não acompanhava.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Sim sempre davam um ponto ou dois, nesse aspecto davam títulos extra, uma bibliografia se quiséssemos aprofundar o nosso conhecimento, era do interesse do aluno se ele quisesse saber mais ia, se não quisesse!

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Às vezes, quando estávamos a dar contos, lendas, eles referiam outros e aconselhavam a ir a biblioteca para encontrarmos esses livros para lermos. (sem convicção) Acho que sim.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Líamos em voz alta o texto que estava no manual. No português para treinar a leitura.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Às vezes ia buscar livros de astronomia, nestes últimos anos gostava de ir à Biblioteca pesquisar livros sobre esse tema e na Internet pesquisar sobre esse assunto. Música não era muito assíduo, ia mais ler jornais e revistas. Não requisitava muitos livros.

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Ao nível de acessibilidades está muito boa para os jovens, acho que chama a atenção, tem formas de incentivo muito boas.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Acho que sim, lembro-me de ir, assim por alto, lembro-me de ir uma vez, na escola, acho que sim. Talvez ver um escritor, não sei, não me lembro o que fomos ver. Penso que foi um escritor, mas não me lembro.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Sim...de certa forma, acho que... Não me lembro se foi escritor ou escritora.

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Inglês e Francês. Eu por acaso sempre me dei bem com o inglês, mas não sei se era das aulas do sistema de ensino, não me chamou a atenção.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Ciências Naturais, Biologia, Matemática, Física, Química.

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Uso muitas vezes a Biblioteca da Escola para ir buscar livros e para estudar. Pública não ainda não utilizei, cá também não.

13 Que diferenças vês, entre a Escolar e a Pública?

Pública tem uma zona de audiovisuais, que é muito bom para descontrair, filmes, música, tem mais acesso a computadores, a escola não tem essas possibilidades, a escolar tem mais livros especializados, a pública tem mais variedade.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Sim incentiva os alunos pelo menos a mim incentivou-me a eu ler mais a tomar aquela atitude de que ler é muito importante e nos enriquece, a nós próprios a nível de cultura geral. Eu acho que o português não é bem a língua portuguesa é mais uma disciplina que nos enriquece ao nível da cultura portuguesa, não é o bem o trabalhar da língua, é o trabalhar da literatura.

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sim, os meus pais sempre me alertaram para a importância da leitura. Quer dizer é importante estarmos em contacto com a leitura. Era deles que saía o tal exemplo. Porque eles também davam o exemplo.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Lembro de contos das histórias de crianças que me contavam naquela altura lembro-me de "A Branca de Neve", essas histórias.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

A forma como estava escrita, como descreviam os monstros, despertava aquela emoção: Ai aquele monstro! Eram emoções fortes, ficava com aquele sentimento, sentimentos fortes, quando estavam a ler nos ficávamos a imaginar coisas, fora da realidade, na fantasia, como era, imaginávamos sempre coisas

18 O que é para ti a leitura?

É uma forma de crescimento, uma educação porque é a partir da leitura que nós adquirimos o conhecimento. Há pessoas que gostam de ler e outras que não gostam, mas quem não gosta é um bocado mau porque é através da leitura que aprendemos.

19 Como ocupas os teus tempos livres?

Jogos, Internet, saio com os amigos

20 Quando lês, o que lês?

Leio livros de Astronomia, jornais, gosto muito de Steven King

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Passear com eles, ver televisão, conversar.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

É uma forma de ocupar os tempos livres, poderá haver filmes que passam no cinema hoje em dia que nos transmitem uma determinada cultura, que nos enriquecem. Na leitura poderemos enriquecer a língua em que estamos a ler, mas o que há de semelhante é a história. No filme observamos a história e vemos a imagem; no livro há palavras que criam as imagens, no cinema as imagens estão lá.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Sim, a escola é uma fonte de cultura até uma determinada idade, a aprendizagem, a cultura geral é da escola que a tiramos.

24 O que é para ti uma leitura chata?

É estar a ler um livro por ler, são só palavras e não nos diz nada.

25 E uma leitura agradável?

É um livro que gostamos de ler, é o máximo, desperta interesse, quero saber, quero ler o livro até ao fim.

26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência?

Numa altura no 5º ou 6º ano, gostava muito dos livros dos *Arrepios*. Li-os quase todos, são 30 ou 40, li-os todos. Steven King, já li um livro dele e tenho o filme, mas ainda não li o livro e já li um livro, mas não vi o filme.

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto informativo é um texto mais claro, que nos dá informação, o texto literário tem aquela história, tem as emoções da história, as emoções que as personagens sentem durante a história, um texto informativo é a pesquisa que eu faço para astronomia. é um texto informativo dá-me informação eu ali adquiro conhecimento, no texto literário tem sempre aquele moral, mas para mim o que me chama mais a atenção num livro de leitura literária são as tais emoções.

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Quem goste de ler tem muito mais facilidade de adquirir conhecimento, lê está a ler e não está forçado. Assimila mais as coisas, quem não goste de ler tem mais dificuldade e acaba por se chatear, chega a pôr de parte e isso é mau, não tem a prática e a assimilação é complicada, não tem aquela prática da leitura, por vezes acaba por não entender o que está lá escrito.

## Grupo II

### Josefina

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Nunca tive muito gosto pela leitura, quer dizer lia revistas. Gosto de ler livros, não muito grandes, rápidos de ler, senão farto-me do livro e não o acabo.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Já não me lembro.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Sim, mas nunca fui muito de ler, lia os manuais, lia os apontamentos, fazia os trabalhos, fazer pesquisas, quando o professor mandava íamos procurar os livros...

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE: Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Acho que sim, cheguei a ir, utilizava mais a biblioteca para estudar, para ler não era muito habitual, ia à Municipal, requisitava livros. A maior parte dos livros que havia na biblioteca escolar era de apoio aos alunos.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Sim, lembro-me de ler os textos, ler os manuais, outros livros não me lembro.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Ia lá estudar, ler jornais, Internet, ver filmes, fazer pesquisa. Não requisitava livros, só alguns para fazer trabalhos. Outros só na Municipal.

7 Que opinião tens, da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Ia à Municipal. Sim, ia requisitar, mas ficar lá não.



8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Quando andava na primária acho que me lembro de ter lá ido, mas não me lembro do que foi, mas lembro-me de ter lá ido. Ir a encontros com escritores não me lembro.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

-----

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Tive dificuldades a Inglês e Português, não gostava muito de Português, porque achava muito maçudo aqueles poemas. Nunca fui muito boa a interpretar os poemas, nem essas coisas assim. Chumbei um ano a Inglês.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Gostava da parte da Contabilidade, Tecnologias, Informática, não tive Matemática. Fugi à Matemática, não gostava.

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Nunca mais voltei à biblioteca pública, nunca mais li romances depois que sai da escola.

13 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

-----

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Talvez, nunca gostei. Gosto de ler, mas tudo o que tinha a ver com a disciplina em si eu não gostava, lia porque era obrigada, não era pelo prazer.

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Não ninguém, mesmo o meu pai nunca foi de perguntar como ia a escola, os meus irmão também não, temos uma grande diferença de idade.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

O meu avô é que gostava de contar histórias, mas ele morreu tinha três anos e a minha mãe também nunca foi de ...

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

-----  
18 O que é para ti a leitura?

Romances gosto, mas é aqueles livrinhos fininhos, que se lêem rapidamente, aventuras também gosto, mas depois da escola nunca mais li.

19 Como ocupas os teus tempos livres?

Vejo televisão, e pouco mais, tenho de ajudar os meus pais.

20 Quando lêes, o que lêes?

-----  
21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Em casa, andar de bicicleta e pouco mais.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Nunca fui ao cinema, vejo filmes na televisão. Gosto de ver filmes, mas violentos não, romances, comédias, aventura, policiais, que não sejam muito violentos. Sou contra isso.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

-----  
24 O que é para ti uma leitura chata?

É um livro que só está a caracterizar coisas como *Os Maias*. Não gostei de *Os Maias*, comecei a ler, mas depois parei, não li a obra toda.

25 É uma leitura agradável?

-----  
26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Li *As palavras que nunca te direi* e gostei muito, gostava de ler mais livros dele, uma vez cheguei a requisitar um, mas não cheguei a ler. Mas gostava...

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Um texto informativo dá informações; o texto literário já é mais..., talvez mais abstracto, mais elaborado.

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem

Acho que sim. Acho que é sempre bom. Se eu tivesse lido os livros que os professores recomendavam, mesmo os que eram obrigatórios ler, que eu não li, acho que sim.

### Márcio

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Não só na escola, não só aqueles livros de leitura obrigatória, sempre li mais ou menos livros extra escola, adequados à idade, desde cedo tive contacto com a leitura fora da escola.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Principalmente na escola primária, era hábito o professor contar na escola, com alguma frequência, depois os planos curriculares depois não dão muito tempo.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Quase todas, na maioria as disciplinas, determinadas enciclopédias, acontecia bastante aquela leitura obrigatória nomeadamente em Português, os livros de apoio, as obras em si que não vinham no manual eram dadas. Lembro-me de Virgílio Ferreira.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Não da maneira que deviam, não com a frequência que deviam, também me ultrapassa um bocado, não sei. Se calhar também não havia tanto suporte, para as matérias, na Biblioteca Escolar.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Sim, no 1º ciclo, no 2º também, lembro-me sempre nas aulas de Português, líamos em voz alta, relacionada com a matéria, fora do manual, com o livro uma vez ou duas, não era freqüente.

6 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

Ia mais em criança e na fase da pré-adolescência. Não ia muitas vezes. Ia fazer pesquisa na Internet, consulta de manuais técnicos, na Escola Secundária tinha alguns manuais técnicos interessantes que serviam de apoio em diversos trabalhos. Ler jornais, mas não todos os dias. Não me lembro [de requisitar livros]

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Pública já frequentei mais, freqüentava mais a sala de audiovisuais, [requisitar livros] raramente.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Lembro-me de ter ido a dois colóquios, um sobre a defesa do consumidor e outro Dia Mundial do Livro, acho que foi no Dia Mundial do Livro.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Talvez tenha sensibilizado um pouco.

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades?

Penso que introdução da filosofia no 11º ano. Nunca soube explicar, mas acho que se prende acima de tudo com dificuldade na expressão escrita e também falta de estudo. A minha participação oral nas aulas era bastante positiva, mais na avaliação escrita, tinha dificuldade na escrita.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Freqüentei um Curso Tecnológico, as disciplinas da área da Mecânica, gostei e fiz sem dificuldade, deu mais trabalho a Matemática, foi mais trabalhoso, mas gostei. (Instituto Politécnico de Leiria no curso de engenharia automóvel.)

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

— Por acaso, desde que deixei de frequentar o Secundário, não voltei. Tenho o hábito de ler, mas fazemos troca de livros entre colegas.

13 Que diferenças vês entre a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública.

Biblioteca Pública tem um leque mais vasto de opções, lá está, a BE está mais voltada para as matérias.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Talvez sim, talvez tenha na medida em que nos desperta, faz-nos despertar-nos para este ou aquele livro, há boas obras de leitura obrigatória que nos podem despertar

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sim, Os meus pais desde criança sempre gostaram de me oferecerem livros e esse aspecto foi essencial.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Recordo-me de uma história que era contada pela minha avó, que falava sobre um menino pastor passava os dias a gritar para que as pessoas da aldeia lhe acudissem e o salvassem do lobo, e um dia o lobo resolve mesmo aparecer e ninguém apareceu a lhe acudir.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Talvez por ser contada quando eu era muito novo e foi talvez a primeira que me alertou para um problema que me fez pensar duas vezes pela mensagem contida na história.

18 O que é para ti a leitura?

A leitura para mim pode ser, é variadíssimas coisas desde tomar contacto com informações técnica, leitura dos romances são sempre... Pode-se sempre tirar as mais diversas alusões pode influenciar o nosso dia a dia. Os romances, a escrita é a melhor forma de comunicação, é perene é qualquer coisa que fica registado, pode ser consultado todos os dias e se calhar todos os dias e uma leitura de um bom livro posso lê-lo e posso lê-lo para o ano e fazer uma interpretação completamente diferente.

19 Como ocupas os teus tempos livres?

De variadíssimas maneiras, não faço as coisas de forma rotineira, desporto, vários desportos. Vou começar a ler este livro e passar a semana inteira a ler se gostar, passar a semana a ler e na semana seguinte esquecer completamente a leitura e fazer outras actividades.

20 Quando lês, o que lês?

Mais romances, não há uma linha, que eu siga, lá está, é aquelas coisas, principalmente é (são) livros de romances, mas não há uma linha que siga, um estilo que siga, lá está, o amigo recomendou, gostou. Também leio muitas jornais e revistas, gosto muito de ler o Público e o Diário de Notícias e revistas especializadas, o automóvel, as motos, revistas de desporto em geral. Consoante os trabalhos que possa estar a fazer, procuro livros técnicos com informação mais detalhada que não está nos manuais escolares não se encontra.

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Passeávamos bastante, não ficávamos muito em casa, visitar mais as paisagens, visitar a família.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

De vez em quando, quando posso. Vou ao cinema pelo filme em si, procurar ver um bom filme, não tenho um género que consiga distinguir. Tanto faz que seja um filme cómico como dramático, tem de ter um bom argumento, tem que ser um filme que seja capaz de surpreender.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

De alguma forma sim, sempre fomos sensibilizados, na disciplina de História e de Português, nos projectos de área escola, sempre nos sensibiliza. Mais, a cultura regional, música e filmes, provavelmente teriam algum interesse para as matérias que estávamos a estudar.

24 O que é para ti uma leitura chata?

Uma leitura muito descritiva, acaba por se tornar chata, preenche muita parte da descrição, em vez de dar conteúdo dá-nos muita descrição, por vezes pode ser importante, mas tem livros que acabam por se tornar chatos.

25 É uma leitura agradável?

Pode ser muita coisa, um problema novo, desperta para pensar em qualquer coisa nova em que ainda não tenhamos...

26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Na adolescência marcou-me bastante o livro de Geoge Orwell *O triunfo dos porcos*, gosto bastante de Fernando Pessoa que é daqueles de leitura obrigatória, mas gostei bastante.

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto informativo é muito mais curto, texto literário mais trabalhado, mais complexo, um texto informativo poderá não ser sobre a actualidade mas a partida será mais sintético, mais concreto, não dará tanto azo a interpretações dúbias.

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Pode, claro que pode. O facto de se começar a ler em novo e se tomar o gosto pela leitura, facilita muito mais a compreensão, torna-se mais rápido em alguns temas abordados nas aulas. Não leio tanto quanto gostaria, mas considero-me uma pessoa que gosta de ler, se for um bom livro dá-me prazer ler.

### José

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Lembro-me de ler na escola primária o *Cavaleiro da Dinamarca*, o texto que estava no manual.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Por vezes contavam.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

No 5º e 6º ano a nossa professora de português queria que lêssemos um livro todos os meses, que fizéssemos o autor, um resumo, eu só lia os mais pequenitos. Não [mas não se lembra de nenhum]

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Mais no Secundário, no Ciclo não. Por vezes diziam para irmos à biblioteca que havia lá vários livros para procurarmos.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta, histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Nas aulas há sempre um ou dois que lêem em voz alta, mais o manual, nunca trazíamos o livro. Liam o bocadinho que estava no manual.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Mais na secundária, no ciclo não tinha o hábito, na secundária ia à Internet computador, também para estudar e ler os jornais desportivos e o Público

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Frequentava mais na primária, fazia os trabalhos escolares. Depois vinha mais vir ver filmes. No 12º ano vinha mais estudar, mas nunca requisito livros.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública

Vim à Biblioteca assistir ao lançamento de um livro, viemos tocar flauta.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Por não gostar de ler, se calhar, não me desperta o interesse. Quando tem muitas personagens eu perco-me, não consigo fixar aquela história perco-me e não consigo fixar as personagens e depois não me dá vontade de ler. Se for a *Superinteressante* tem artigos mais pequenos, já leio. As histórias não, porque começo a perder o fio à meada e depois já não percebo nada daquilo.

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

A Português, tinha mais dificuldades.



11 Agora, fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Gostava mais da parte de Ciências.

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Continuo a vir, mais é mais para ler os jornais.

13 Que diferenças vês entre a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública.

A Biblioteca Pública tem mais livros, o espaço, aqui há mais silêncio, dá para a pessoa se concentrar melhor, estudar e aprender melhor.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Aquelas histórias que a gente dá. Os *Maías* não li, só li os resumos. *Felizmente há luar*, li. Fomos ver um teatro e chamou mais a atenção.

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sim, há livros.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Era mais a minha avó que contava. Lembro-me de *A carochinha*, *O capuchinho vermelho*, a do lobo que estava a atacar e quando atacava ninguém acudiu, assim esses contos. Gostava e ainda hoje gosto de ouvir.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Normalmente era quando a gente ia para a cama ou à tarde quando era para dormir a gente ficava com a história na cabeça, sonhava, a imaginação, ainda não sabia ler.

18 O que é para ti a leitura?

Podemos adquirir mais conhecimento, no meu caso a leitura que eu faço é mais para adquirir conhecimento e estar mais informado. Mas quem gosta de ler livros, é mais para saber o que se passa no mundo em relação às outras pessoas. Conhecer outras realidades.

19 Como ocupas os teus tempos livres?

É mais Computador, andar de bicicleta, futebol. Também leio revistas. Sabemos que estamos a aprender e é aquilo mesmo.

20 Quando lêes, o que lêes?

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

A ver televisão, ajudá-los na fazenda.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Só fui uma vez, não tenho muita oportunidade de ir, vejo em casa em DVD. Gosto de filmes baseados em factos reais, esses eu gosto, como não gosto de ler vejo o filme, às vezes até são baseados nos livros

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Participava na "oficina de expressão dramática". Gostava de participar na festa de natal, fazia parte do grupo de teatro. Tocava às quartas feiras à tarde, ainda no 3º ciclo. [Exposições] talvez até fosse uma coisa de que eu gostasse [de arte] mas como nunca fui a nenhuma, não sei. Na escola nenhum professor incentivou.

24 O que é para ti uma leitura chata?

Nos livros mais magritos ainda dou uma leitura, se tem o resumo leio logo, para ficar a saber. Leio sobre o que gosto. Se for sobre ciclismo lia-o, mas outro assunto não leria.

25 É uma leitura agradável?

26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Talvez seja: o literário é aquele que a gente faz...inventa um bocado. O informativo ensina, o literário também pode informar até certo ponto, porque pode ensinar coisas.

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem.

Tem, porque, por exemplo, eu digo que se tivesse lido mais, talvez porque a pessoa a ler, as dúvidas que se lembrar já podia fazer sem erros, e assim a nota sobe, dá mais vantagem. Por exemplo essas obras que damos em português, se a gente tem interesse até para lermos primeiro e até chegamos lá [ao exame] e já conhecemos a história e é mais fácil.

### Carlota

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

O meu pai foi sempre um grande leitor. Lembro-me de ser pequenina e ver o meu pai com um livro na mesinha da cabeceira. Depois foram as conversas que ele teve comigo, sem dúvida que o meu pai foi a minha maior influencia. Depois quando foram os professores foram mais os meus pais e os meus professores ao nível dos colegas foi sempre assim....não tinha quem me percebesse, não tinha com quem falar de certos temas, foram sempre os meus pais. Fui sempre muito interessada.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Falávamos sobre certos temas nas aulas e eles davam livros que nos pudessem ajudar. Havia uma professora de Português 12º em que falávamos sobre vários temas, era muito literatura fora da temática das aulas, que ela dava-nos sobre religião, filosofia, temas de história e questões que ela nos colocava e nós ficávamos com curiosidade e procurávamos, ela falava das coisas de uma forma que ficávamos com o bichinho de procurar.

No 2º e 3º ciclo nunca tive ninguém que me puxasse para a leitura. No 5º e 6º ano éramos obrigados a ler um livro fazer um resumo, uma ficha de leitura, mas não despertava o interesse, não. No Secundário é que senti isso. De forma geral não havia muito interesse para debater assuntos.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Recomendavam, mas não directamente ligado à matéria. Eu tinha muito a mania de fazer perguntas coisas de que eu me lembrava e fazia a pergunta e depois começavam a desenvolver o tema connosco. Iniciávamos o diálogo de duas pessoas, não entravam outras pessoas. As aulas eram dadas pelo manual só a professora de Português é que era uma excepção. Ela conseguia dar um toque, porque nós começávamos a falar de Poesia e acabávamos a falar de Filosofia. Tenho muitas saudades porque ela era uma pessoa muito informada. Íamos com vontade para aquelas aulas. Esta professora marcou-me. Nunca tivemos uma relação de amizade, mas aquela professora conseguia... Havia sempre algo de especial naquelas aulas.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Não, sinceramente acho que não. Houve um esforço para comprar alguns livros. Mas era mais por obrigação, porque pedem conselho sobre os livros que a biblioteca deveria ter. Nunca houve uma indicação para irmos procurar sobre um tema. Só se nós pedíssemos. Se estivéssemos interessados por um tema. Também não havia muito interesse da nossa parte.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta, histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Nós em voz alta não. Os professores talvez. Lia em voz alta, lembro-me do *Cavaleiro da Dinamarca*. A professora lia pelo manual os excertos mais importantes. Não tínhamos o livro. A forma como se liam as coisas era tudo muito rápido: isto interessa, isto não interessa. Nós não tínhamos qualquer seguimento lógico da história no livro. Era tudo muito por alto.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Costumava frequentar. No Jardim de infância tínhamos a biblioteca, tínhamos as historinhas. A biblioteca foi sempre um espaço.. quase como uma segunda casa conheço-a muito bem. No ATL também tínhamos biblioteca. Na escola do 1º ciclo acho que não. Não me lembro. Lembro-me que havia um estante, tinha lá uns livros, mas estava fechado. Tínhamos que pedir a alguém. Na primária não.

7 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

la perder-me nos livros! Gastar tempo. Agradava-me muito andar por lá. Andava por lá, perdia-me por lá. Esquecia-me do mundo, aquele era o meu mundo. Filmes também, música, sou uma apaixonada pela música, jornais também. Costumava requisitar livros. Fazer pesquisa. Foi sempre um trabalho individual..

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Desde que abriu que a frequento. Venho estudar, requisitar livros, Internet, pesquisar. Ando por aí a mexer nas coisas. Tenho que mexer em tudo. Jornais e revistas, também os computadores para falar com os amigos.

9 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Acho que foi no sexto ano que vim, mas não me lembro o que foi o assunto, vim ver uma peça de teatro, escritores não tenho ideia. Vim ver filmes no auditório em turma, relacionados com a matéria, as comemorações da lição 100, fazer pesquisa para um trabalho em grupo, no 10º ano que era sobre a idade média.

10 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

-----

11 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades

Matemática. Nunca foi uma área...desleixei-me um bocado a Matemática no 7º ano. Arrependo-me bastante de não me ter dedicado mais, acho que tinha capacidade. Também a Química, mais a área das ciências. Naquela idade á a euforia, estudava pouco e perdi um pouco o comboio.

12 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

História, Línguas, Filosofia, Sociologia, Psicologia, mais nas Ciências Sociais. ( entrou em história)

13 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Não venho tanto porque não estou cá, mas quando estou venho sempre, fazer pesquisa encontrar-me com os amigos.

14 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

Esta [a Pública] está muito melhor apetrechada, também os funcionários, vê-se bem a diferença, percebe-se que estão muito mais preparados para isto. As bibliotecas das escolas, vê-se que não estão preparadas. Ao nível do recursos, aqui tem muito mais coisas.

15 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Acho que é complicado. É daquelas coisas que nasceu comigo. Talvez inconscientemente me tenha levado a ler mais, mas isto é uma coisa que nasceu comigo, desde que me lembro que me veja a folhear as coisas não me lembro que me tenha levado a ler mais... Não precisava da escola para gostar de ler. O meu pai sempre leu muito, a minha avó lê muitíssimo também. Acho... não sei se terá explicação.

16 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sem dúvida. O meu pai ver o meu pai a ler viciado na leitura.

17 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Um livro que me interessou muito, talvez porque era proibida na altura, foi a Lolita, eu era muito pequena, mas era um livro que me atraía. Eu via o livro na estante em casa e sabia que não podia ler. Perguntava ao meu pai e perguntava sobre que era o livro. Penso que ouvi na televisão falar sobre o livro e fiquei com curiosidade.

18 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Lembro-me da Bela e o Monstro, era uma menina, sonhava que uma história daquelas acontecesse comigo. Acho que foi essa a história. Foi uma história com a qual me identificava.

19 O que é para ti a leitura?

Acho que é a minha maior perdição. É um prazer. Dá-me coisas que ninguém mais me consegue dar. É muito pessoal. Quando estou a ler um livro, é uma coisa muito pessoal. É um dos meus maiores prazeres.

20 Como ocupas os teus tempos livres?

A ler, ouvir musica, passear. Ler, fazer pesquisa. Gosto de estar com os amigos.

21 Quando lêes, o que lêes?

Os temas são História, Filosofia, Arte. Romances, Poesia, não gosto tanto de Policiais, li alguns livros porque ouvi falar, mas não é uma coisa que me puxe muito. Leio tudo, embora goste mais de algumas coisas que outras. Foi o gosto pela leitura que me levou à História. Adoro romance histórico. Tenho sempre um sentimento crítico, não leio só pela história, mas também tento ver a lição, aguçar o espírito crítico, ver até que ponto é verdade.

22 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Conversar, passear, visitar certas zonas do País, mas o meu pai é uma pessoa muito ocupada, não tem muitos tempos livres.

23 Consideras, o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Gosto de cinema, não devia gostar tanto. Adoro ir ao cinema. Costumo analisar certas coisas o realizador, o argumento, os actores, mas tento ver o tema se se baseia em factos reais, gosto de debater os temas, pode ser uma amostra da realidade.

24 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

A escola não, certos professores sim, a escola não tem essa preocupação. Acho que tem uma atitude de desleixo. Apesar de ter notado algum esforço. Há professores que me despertaram, que têm a consciência que nos perdemos muito, que estamos um pouco abandonados. Essa professora que eu falei ela viveu no estrangeiro, ela sabia as coisas que estávamos a perder e fez questão que tivéssemos contacto com certas coisas. Falava das suas experiências, ela viveu em França, numa cidade e sabia o que estávamos a perder.

25 O que é para ti uma leitura chata?

É ler e não perceber nada. Eu normalmente leio tudo, mas há coisas que eu leio e não entendo. Por exemplo, Kant quando o comecei a ler não percebia nada, quase todas as palavras tinham que ser alvo de pesquisa, mas agora deixou de ser uma leitura chata.

26 É uma leitura agradável?

É quando quero dormir e não consigo apagar a luz e tenho que ler. Tenho de acabar de ler o livro.

27 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Kant e alguns historiadores. Já li muita coisa. Inês Pedrosa é uma autora de que eu gosto muito. Paulo Coelho que me despertou para certos temas da leitura celta. Hoje já não sigo tanto

28 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto informativo é uma coisa a que se associa uma pesquisa. Um texto literário normalmente é menos rigoroso....

29 Achas que gostar de ler pode influenciar o gosto pela leitura?

....Sem dúvida acho que gostar de ler até ao nível de um trabalho que eu tenho muita facilidade e não agora na escola que o meu esforço é mais fácil em relação a outros colegas. É meio caminho andado. Temos muitas conversas apoiadas na leitura.

## Marta

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Eu acho que isso veio logo da primária. Nós tínhamos uma biblioteca na Escola Primária incentivavam à leitura e depois no Secundário várias obras.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Que contassem não, lembro-me que fizemos actividades com o *Clube das Chaves*. Mas não foi a ler. Fomos nós a pesquisar líamos excertos.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Sim acompanhavam sempre com obras e outros livros que mesmo que não tivessem a ver com a matéria dada, sugeriam sempre Mais a Português e a História alguns para compreendermos melhor...



4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Muito pouco, acho que muito pouco acho que não utilizavam. Se não houvesse biblioteca eles continuariam a dar as aulas na mesma. Mesmo quando pediam para nós trazermos livros, nós comprávamos.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Mais no 1º ciclo. Lia-se muitas vezes pelo manual. Mas também pelo livro que nós trazíamos e acabávamos por ler a história toda.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Sim, ia mais no secundário

7 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

Fazer algumas pesquisas, Internet, consultar dicionários, ouvir música, filmes, também jornais.

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

la muito raramente

9 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Nunca fui.

10 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolveses o gosto pela leitura?

-----

11 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Matemática e Físico-Química

12 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

História, Francês e Latim

13 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

-----  
14 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública  
-----

15 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Ajuda porque nós somos como que obrigados a ler. E isso cria um certo hábito de leitura. E depois ouvimos falar de um livro interessante e vamos comprar. Falar de alguns autores desperta o interesse e leva-nos a procurar ler.

16 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Os meus pais de alguma maneira sim. Algumas vezes compram-me livros. Eles não são leitores, lêem mais jornais e revistas. Mas desde pequena que tive livros.

17 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Lembro-me das histórias da Anita que eu tinha a colecção toda. Estava sempre a ler.

18 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

Ainda me lembro de alguns contos. Achava piada àquela rapariguinha, com aquelas aventuras todas, contadas de uma maneira muito fácil para nós compreendermos.

19 O que é para ti a leitura?

E uma mais valia. E uma fonte de riqueza e de cultura. Pode ser também uma ocupação de tempos livres. Quando nos identificamos com a história conseguimos olhar para o texto ler e quase que nos inserimos lá dentro, como uma personagem. A literatura também nos pode trazer conhecimentos. Há obras que nos transmitem uma realidade, lembro-me de uma que li sobre a Segunda Guerra Mundial e há determinadas frases que nos diziam o que se passava naquela época e se calhar os filmes não conseguem transmitir.

20 Como ocupas os teus tempos livres?

Leio, internet, cinema, amigos.

21 Quando lêes, o que lêes?

Livros: romance, policiais.

22 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Lembro-me que era assim mais de jogos: de dados, batalha naval, ou filmes também. Assim, ler os meus pais nunca tiveram esse hábito de ler para mim, compravam-me livros, mas não liam.

23 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Costumo ir ao cinema. É uma ocupação de tempos livres. No cinema é diferente porque nós vemos as imagens com os olhos e sentimos de uma forma, as palavras vêm e é isso que eu admiro nos livros porque nós conseguimos imaginar aquela realidade da forma que nós quisermos, o filme é diferente porque mostra o que nós vemos, não nos dá espaço para divagarmos mais, é aquilo, é aquilo! É também uma forma de arte.

24 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Transmitiu sem dúvida. Foi lá que eu tive contacto com o teatro. Havia sempre visitas de estudo, ir ao teatro, ver peças de teatro. Fazíamos várias actividades na Biblioteca Escolar relacionadas com a leitura como o "Chá com Livros".

25 O que é para ti uma leitura chata?

26 É uma leitura agradável?

É uma forma de escrita que não seja muito...que não se restrinja só aos pormenores. Gosto daqueles autores mais objectivos, que escrevem de forma mais directa. Que saibam pôr um pouco daquela magia que transmite suspense. Gosto do livro que me dê a possibilidade de me meter na história e entrar num mundo à parte.

27 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

*O clube das chaves, Uma Aventura, Lua de Joana, Os Filhos da Droga, O Diário de Anne Frank.*

28 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto literário que nos transmite mais prazer. É uma forma de ocuparmos o tempo. e com isso termos prazer. Texto informativo penso que será mais tipo jornais pode ser também um texto de estudo, mais concreto.

29 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Acho que sim porque agarrar num livro ou pegar num manual é como pegar num livro, se eu não gostasse de ler, olhava para ele e não conseguia ler. Acho que no fundo a leitura nos pode ajudar aí porque se nos ajuda a ler livros de que gostamos também com mais facilidade lemos aqueles que são para nós mais chatos, mais maçadores, conseguimos fazer do manual ao mesmo tempo uma história. Temos uma área mais abrangente de vocabulário.

**Grupo III**

**Armando**

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

**Não me lembro.**

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores

**Não. Muito vagamente.**

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

**Sim. Era mais a Português, a Matemática também. De resto....**

4 Pensa nas escolas que frequentaste com Biblioteca Escolar e sem Biblioteca Escolar. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

**Sim algumas vezes referiam em outras algumas vezes até mandavam para lá aula, era feita lá para fazer pesquisas.**

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

**Não**

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

**Pouco, só para ver filmes. Requisitei alguns livros de banda desenhada. De vez em quando ia lá fazer trabalhos de grupo.**

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho

**Nunca fui**

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública

Não me lembro de ter ido

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

---

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades

Foi sempre a Matemática. A Português no 2º ciclo. Línguas estrangeiras.

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Não sei. Talvez Geografia

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Não voltei.

13 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

---

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Sim, de certo modo. Não [Nunca leu as obras obrigatórias. Não completou o 10º ano.]

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Sim os meus pais sempre a dizer para que eu estudasse. Mas eu nunca gostei desde pequenino.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Só banda desenhada.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

-----  
 18 O que é para ti a leitura?  
 -----

19 Como ocupas os teus tempos livres?

Saio com os amigos.

20 Quando lês, o que lês?

Um jornal desportivo, uma revista, às vezes.

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Dar umas voltas pelas terras perto. Em casa a ver televisão. Computador (jogos), música e pouco mais.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

É raro ir. Gosto de ver bons filmes. Nos filmes ingleses estou sempre a tentar ler a legenda. Gosto de saber o que dizem. Gosto dos filmes de acção.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Sim, fizemos visitas a algumas exposições. Nunca me chamou a atenção.

24 O que é para ti uma leitura chata?

-----  
 25 É uma leitura agradável?  
 -----

26 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância e adolescência.

Só banda desenhada

27 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?  
 -----

28 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem.

Sim pode. Quem lê tem mais capacidade de fala, penso que sim que ajuda. Não gostar de ler prejudicou-me um pouco. Porque se tivesse lido mais, estudado mais e poderia ter seguido.

## Carla

1 De que forma foste tendo ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Os meus professores da primária liam muitas histórias, mas eu por mim nunca gostei de ler. As minhas irmãs também não gostaram muito de ler, eram mais para a matemática, talvez por isso eu também nunca fui muito de ler. Mas eu ler histórias nunca li.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Não. Na primária contavam histórias. Não. Era um livro que nós tínhamos e no livro diziam as histórias que devíamos ler todos os dias havia uma historia e nós líamos.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Sim, muitas vezes. Para lermos durante as férias: vocês leiam que depois no próximo ano vamos dar isto. Mais numas disciplinas que outras. Matemática não, em Português, no Inglês sim. Mais no 2º e 3º ciclo. No secundário, íamos mais para a biblioteca fazer trabalhos.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

No 2º e 3º ciclo tínhamos uma disciplina, que era Director de Turma e íamos para a biblioteca ver filmes, ler e fazer trabalhos. Na Secundária diziam para irmos à biblioteca ler e fazer os trabalhos e diziam se não houvesse na Biblioteca Escolar para irmos à Biblioteca Pública.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

De vez em quando, geralmente quando dizia no manual que devíamos ler a história, o professor lia. No manual tínhamos as histórias. As historias já vinham no manual e então nós líamos a história.



6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Gostumava, mas não era para ler, ia fazer trabalhos de grupo, ou Internet, ouvir música. Tinha a tendência para ler uma revista a *Fórum*, eu gostava de ler essa revista, por vezes lia.

7 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

Ver filmes, ouvir música.

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Ia mais para ouvir música, consultar um dicionário, de vez em quando requisitava um livro, via um título e dizia: este deve ser engraçado. Requisitava. Mais romance.

9 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública

Lembro-me de ter ido ver um teatro, participei num teatro, no final do ano. A Biblioteca Pública convidou a escola para ir lá fazer um teatro e nós fomos com a minha turma. Na escola lembro-me de ter lá ido um escritor. Vários, quando havia aquela semana cultural.

10 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Não, eu nunca fui de ler. Gostava de ouvir a opinião de cada um, mas nunca me puxou, se calhar naquele momento até puxava, mas depois não.

11 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Talvez Matemática. Não era que não gostasse. Acho que é um bocado confuso. Se calhar também foi culpa dos professores. No 5º 6º até ao 9º era boa a matemática. Quando cheguei ao secundário ao 10º. A matéria era dada muito depressa e uma pessoa não acompanha. Era também o Português no secundário.

12 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Adorei Físico-química e Francês. Gostava de continuar a seguir o Francês. Eu sabia que ia chumbar e chumbar para mim foi horrível. Não consegui repetir. Chumbei no 11º e depois desisti.

13 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Nunca mais fui. Não tenho hábito de requisitar livros.

14 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública.

Na Biblioteca Pública há mais espaço, há menos barulho, há mais respeito. Tem muitas salas, na escola está tudo junto, há pessoas que fazem muito barulho. Na BP os funcionários dizem para fazermos silêncio e nós fazemos porque temos respeito e na Escolar não é assim. Os funcionários estão mais preparados.

15 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Por um lado acho que Português tem coisas muito interessantes e até gostei de ler aquelas histórias, que achei mais interessantes, mas não li *Os Maias*, era muito grande acho que era um exagero. Gostei da *Barca do Inferno* e houve algumas histórias que eu achei engraçadas, que eu li por fora.

16 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Não. Os meus pais nunca foram daquelas pessoas que estão ao pé de nós quando estamos a estudar. Não são de ler, o meu pai só se for um jornal, mas muito raro e a minha mãe só se for uma telenovela, mas é muito raro, não são daquelas pessoas que gostam de ler muito.

17 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Só se for uma daquelas histórias de mentira. Às vezes inventavam quando estava a trovejar, que nosso senhor estava a ralhar. Mas histórias mesmo ou de ler um livro, não.

18 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

-----  
19 O que é para ti a leitura?

Sinceramente, sinceramente depende das coisas, mas é uma grande seca. Eu acho. Quando é um texto que nos incentiva a continuar a ler até é giro e nos põe a imaginar, mas quando não tem tronco, nem membros não convida a continuar a ler.

20 Como ocupas os teus tempos livres?

Agora que é Verão, vou para o rio ou andar de bicicleta. Quando chove fico em casa ver televisão, fazer um joguito de cartas. Quando lê, o que lê?

21 Quando lê, o que lê?

De vez em quando uma revista com temas das telenovelas até vejo.

22 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Igual, a ver televisão. Eles iam dormir a sesta e eu ficava a ver televisão.

23 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Já fui, quando havia em Arganill lá muitas vezes, mas agora poucas vezes. Só na televisão. Gosto de comédias. Se calhar o argumento, a história, porque acho os dramas quando os pais se separam e depois se reconciliam é mais giro. Acho que é muito giro as histórias de romance.

24 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Até sou capaz de apreciar de arte, pirâmides, gosto de ver o céu que é uma coisa muito gira, porque às vezes estão nuvens e depois começa a chover, muda muito depressa. Gosto mais da natureza.

25 O que é para ti uma leitura chata?

É mesmo ter de estar a ler uma coisa e aquilo não ter pés nem cabeça, e estar a ler sem apetite e acho que é chato, não gosto e começo a desinteressar-me e já não leio mais.

26 É uma leitura agradável?

Leitura que tenha pés e cabeça um princípio e um fim. Que meta de tudo um pouco de tudo, que tenha romance e comédia. Já aconteceu eu gostar de ler.

27 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Nunca reparei nem no autor nem no título. Li alguns livros, mas nunca reparei.

28 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto informativo tem sempre uma informação qualquer a dar, é sempre uma notícia. Um texto literário já é mais o que lemos na escola, tipo contos ou assim...

29 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem? Porquê?

Sim. Acho que sim. Eu como disse à bocado eu a Português, não tinha notas boas no Secundário porque não puxava muito para ler e acho que o ler faz muita falta e que aprendemos muitas coisas a saber outro tipo de palavras. Sim, acho que faz muita falta.

### **Antónia**

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Li algumas histórias, no Secundário. No primeiro ciclo não me lembro.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Não me lembro. Talvez o *Arroz do Céu*...

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Davam apontamentos, livro era muito raro. Talvez alguns professores, mas era raro, não era hábito.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Sim. Às vezes íamos para lá dar a aula. Os professores contavam com a Biblioteca Escolar. Diziam para irmos à biblioteca, nem todos os professores.

5 Nas aulas, no 1º e 2º Ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Se calhar isso não. No 1º Ciclo não havia biblioteca, mas havia uma estante e podíamos levar os livros para casa, mas eu não levava, nunca gostei muito de ler.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Consultar dicionários, para fazer trabalhos costumava ir para a biblioteca quando não tinha nada para fazer.

7 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

Fazer pesquisa, computadores, ver filmes, requisitar livros para fazer trabalhos.

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Costumo ir.

9 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Já fui vir teatro, também vou ver filmes, escritor só se foi no 2º e 3º Ciclo, mas não tenho ideia.

10 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolveses o gosto pela leitura?

-----

11 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

Inglês, Matemática e Filosofia no secundário, Português mais no Secundário.

12 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

- Uhl.....(Não tem nenhuma de que tenha gostado.)

13 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Continuo a frequentar para fazer trabalhos. [frequenta actualmente um curso profissional]

14 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

A BP é muito mais evoluída, tem muitos mais livros, os funcionários são simpáticas.

15 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Não sei, não gosto mesmo de ler.

16 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Diziam para eu estudar.

17 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em péqueno?

Não me lembro. Leio histórias ao meu irmão, mas não reparo nos títulos. É um livro que tem muitas histórias.

18 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

-----  
19 O que é para ti a leitura?

-----  
A leitura é muito importante para nós. Eu até leio muito bem.

20 Como ocupas os teus tempos livres?

Em casa, trabalhar, ver televisão, sair com os amigos.

21 Quando lês, o que lês?

Revistas: *TV Mais*, *Gente*, esse género.

22 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Sempre em casa. Há sempre coisas para fazer.

23 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Poucas vezes. Fui na semana passada. Gosto de comédias, romances.

24 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

No 2º ciclo tinha música e EVT de que eu gostava muito.

25 O que é para ti uma leitura chata?

É estar a ler e não perceber nada do que estou a ler.

26 É uma leitura agradável?

Se perceber e for interessante. Gosto de ler romances. Não costumo requisitar, mas os colegas emprestam-me, poucos.

27 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Li a *Lua de Joana* e li também o *Diário de Anne Frank*.

28 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Os contos e isso é que é literário. Informativo o texto em si é diferente dos contos.

29 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem.

Se calhar até poderia. Se estudasse, se lesse poderia ter melhores notas e me entusiasmasse mais. Na secundária não me interessava, não percebia algumas matérias. Neste curso estou a gostar. Mas eu não gosto de ler

**Vânia**

1 De que forma foste tendo ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Lembro mais nas aulas de Português onde dávamos aqueles contos...

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Lembro da *Menina do Mar*, gostei, na altura não acabei de ler era só aquelas partes que estavam no Manual.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Não muito. Eu pelo menos... Diziam para nós lermos. Mas não me recordo. Mais quando fui para a Secundária. Não davam assim grande incentivo, mas diziam alguns livros que eram bons para ler. Era mais nas aulas de Português. Era também no inglês as obras na língua original.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Aconteceu mais no Secundário. Íamos algumas vezes para a Biblioteca. Acho que os professores dariam as aulas na mesma, bem mas a biblioteca é fundamental é um enriquecimento....

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Era habitual, faziam a leitura era pelo manual,. Não levavam o livro, era pelo manual.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Não ia muito

7 Qual o objectivo que mais vezes te levava à Biblioteca?

Mais para a Internet, às vezes fazer pesquisa trabalhos em grupo, ver filmes não..

8 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

Pública ia principalmente durante o secundária. Não sou leitora, mas ia com outras colegas buscar livros para ler. Não passava lá muito tempo...



9 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Eu já fui ver um teatro na BP, não me lembro qual foi o teatro. Fui com a turma. Gostei.

10 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Eu gosto de ir ao teatro, não gosto muito de ler, mas gosto de ir ao teatro.

11 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades

Tinha moio dificuldade a Inglês e História. História é mais estudar, mas eu a inglês tive sempre dificuldade.

12 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Gosto do Português e de Estudos Quantitativos. Também gostei do Francês. Acho mais fácil que o Inglês.

13 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Não voltei.

14 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

15 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Mais ou menos porque o que dava mais era os autores e não me atrai. Não li *Os Maias* comecei, mas não acabei. Não li nenhuma obra, era só o que estava no manual.

16 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Incentivavam, os meus pais diziam que fazia muito bem ler, porque tanto na maneira de escrever, mas nunca me chamou a atenção.

17 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Eram aquelas histórias: *A branca de neve*, li algumas coisas, que tivessem contado não.

18 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

19 O que é para ti a leitura?

20 Como ocupas os teus tempos livres?

Saio mais à noite com os amigos.

21 Quando lês, o que lês?

Leio revistas, leio jornais, mas livros não. Gosto de ler as revistas chamadas de cor de rosa e também gosto da *Visão*, depende dos temas. Os jornais passo os olhos.

22 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

A brincar. Saíamos pouco, era mais em casa. Nada de mais.

23 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Não vou muito.

24 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Acho que sim. A escola é bom para aprendermos certas coisas, ver peças de teatro, se não fosse a escola não ia, depende dos professores.

25 O que é para ti uma leitura chata?

Aqueles livros como os *Lusíadas*, é uma história, mas para mim, está assim em quadras, não gosto. Comecei a ler *Os Maias*, acho que deve ser um livro interessante, mas eu não li.

26 É uma leitura agradável?

Para mim depende. Gosto de livros que falem assim....como a *Lua de Joana*, é mais temas da nossa vida.

27 Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Assim de repente não me lembro. Gostei da Sophia de Mello Breyner, gostei da *Menina do Mar*, *Lua de Joana*.

28 Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

Texto literário.....

29 Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem?

Sim, se eu tivesse começado a ler desde pequena, a leitura pode parecer que não, mas é fundamental, ajuda e influencia tanto o percurso escolar como falar. Fez-me falta foi ler assim... Também ainda vou a tempo. Eu gosto de ler, mas é assim eu começava a ler e não acabava, eram sempre aqueles livros mais simples, pequeninos. Não ajudava a desenvolver grande coisa.

Ana

1 De que forma foste tendo, ao longo do teu percurso escolar, contacto com a leitura literária?

Não me lembro, é complicado por causa dos estudos.

2 Lembras-te de alguma história contada por algum dos teus professores?

Não me lembro.

3 Para além do manual que outros livros te eram indicados pelo professor para apoiar as matérias escolares?

Sim. Referiam outros livros em Português e em História lembro-me de *A Menina do Mar* e de *A Pérola*.

4 Pensa nas escolas que frequentaste com BE e sem BE. Que diferenças encontraste nas estratégias utilizadas pelos teus professores no apoio à aprendizagem e no desenvolvimento do hábito e no gosto pela leitura.

Sim, alguns professores contavam com a BE para dar as aulas.

5 Nas aulas, no 1º e 2º ciclo era habitual ler em voz alta histórias, contos, apenas pelo prazer de ler?

Muito raro.

6 Como utilizavas a Biblioteca Escolar da tua escola?

Sim, ia muitas vezes. Trabalhos de grupo, ver jornais e revistas era muito raro, mas requisitava livros.

7 Que opinião tens da Biblioteca Pública do teu Concelho?

la fazer trabalhos de grupo, costumava requisitar livros, outras coisas não.

8 Gostaria que me falasses do que pensas das actividades em que certamente participaste na Biblioteca Pública.

Lembro-me de ter ido a Arganil a um encontro com uma escritora.

9 De que forma essas actividades concorreram para que desenvolvesse o gosto pela leitura?

Não, nem por isso. Eu sempre gostei de ler.

10 Fala das disciplinas a que tiveste maior dificuldade de aprendizagem durante o percurso escolar. A que pensas se terão devido essas dificuldades.

História, Português, Matemática, Inglês, Francês, Economia (não completou o 10º)

11 Agora fala-me das disciplinas que gostaste mais e porquê.

Tecnologias, Métodos Quantitativos.

12 Como continuas a utilizar a BP depois que saíste da Escola?

Nunca mais voltei.

13 Que diferenças vês entre a Escolar e a Pública

Na Pública há mais livros, na BE tem mais os livros para as aulas.

14 Achas que a disciplina de Português te ajudou a criar o gosto pela leitura?

Não. Li a *Pérola*, *A menina do Mar*, *Os Maias* não, não gosto, mas não me despertou. Nunca me deu prazer.

15 Sentes que o teu ambiente familiar ou as pessoas com quem convives ou convivestes, te motivaram positivamente ou negativamente para a leitura?

Nem por isso. Eu lia porque gostava, não era que eles me dissessem. Mas compravam-me livros.

16 Lembras-te de alguma história, ou algum livro que te tenham lido ou contado em pequeno?

Não, não era hábito.

17 Tenta lembrar-te dos sentimentos que essas histórias provocaram em ti.

-----

18 O que é para ti a leitura?

Há livros que dão prazer. Gosto de ler *O Jornal de Argânli* e *A Comarca de Argânli*. Desde que deixei a escola não li mais livros

19 Como ocupas os teus tempos livres?

Em casa, faço pontô de cruz

20 Quando lês, o que lês?

Jornais e revistas. Desde que sai da escola que nunca mais li um livro.

21 Como passas ou passavas os tempos de lazer com os teus pais?

Em casa, ver televisão.

22 Consideras o cinema uma forma de ocupares tempos livres?

Nunca fui. Não vejo na televisão. Só telenovelas.

23 Que referências culturais te ficaram no final do teu percurso escolar?

Não.

24 O que é para ti uma leitura chata?

É uma leitura que a gente está para ali e não interessa.

25 É uma leitura agradável?

Leitura rápida

26. Que autores ou livros mais te marcaram, na tua infância /adolescência.

Gostei da Sophia de Melo Breyner. Li *A menina do mar*. Tenho o livro.

27. Sabes o que distingue um texto literário de um texto informativo?

-----

28. Achas que gostar de ler pode influenciar o percurso escolar de um jovem.

Sim.

Faculdade de Psicologia  
e Ciências da Educação  
Universidade de Lisboa  
BIBLIOTECA